



**PUC**  
**RIO**

**LETÍCIA BEATRIZ DE SOUZA NOBRE**

**DO ENGANO COMO RESPOSTA À VERDADE COMO QUESTÃO:  
A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA EM SEU RIGOR?**

**TESE DE DOUTORADO**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1998**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 N754do TESE UC

Título Do engano como resposta à verdade como questão



Ex.1 PUCB

0136071

LETÍCIA NOBRE

DO ENGANO COMO RESPOSTA À VERDADE COMO QUESTÃO

A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA EM SEU RIGOR

Tese apresentada ao Departamento de  
Psicologia da PUC/RJ como parte da obtenção  
do título de Doutor em Psicologia Clínica

1926 -  
Orientadora: Prof. Maria Helena Novaes Mira

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

1998

92482



150  
NASY de  
TELE UC  
EX. 1

Ao André, por uma subversão.

## AGRADECIMENTOS

A todos que de um modo ou de outro participaram desse percurso e em especial:

- \_ aos meus pais, sempre.
- \_ ao Felipe e a Lú, irmãos e companheiros desse e de muitos outros projetos.
- \_ à Maria Helena Novaes, pelo respeito e pela dedicação como orientadora.
- \_ ao CNPQ, pela bolsa de estudos.
- \_ à Vera Lúcia L. da Silva e Marise L. de Souza, pelo auxílio nos compromissos com o departamento.
- \_ à Marli, Bianca e Luciano, pela paciência com que nos recebem na Letra Freudiana.
- \_ à Circe N. Vital Brazil (in memoriam), pelo vigor que nos deixa tanta saudade.
- \_ à Neuza Santos Souza, pela firmeza na sustentação de muitos momentos, especialmente os mais difíceis.
- \_ à Maria Cristina Vidal, por ter me acompanhado até o final.
- \_ ao Eric Laurent, pela disponibilidade com que me recebeu.
- \_ à Renata Moura, Renata Martinez e Daniela Scheinkman, pelo carinho em Paris.
- \_ à Ana Lúcia de Souza, Ana Lúcia Valadão e Glória Castilho, pela amizade e pelo prazer da interlocução.
- \_ ao Nestor L. Vaz, pela acolhida na universidade.
- \_ à Baby Nobre e Ana Luiza Nobre, pelo inestimável trabalho de revisão e diagramação que contribuíram para dar forma a esse texto.
- \_ aos queridos amigos daqui e de Salvador, pelos momentos únicos.
- \_ aos “alunos” que sempre me deram tanto “trabalho”.

## RESUMO

Essa tese pretendeu produzir alguma formalização teórica possível dos impasses e indagações que atravessam o cotidiano da prática analítica com pacientes da “população de baixa renda”.

Propondo-se a resgatar o valor de subversão do ato freudiano em sua originalidade - da obviedade do senso comum ao enigma do *saber* em posição de *verdade* - o texto examina os rigorosos parâmetros da experiência analítica bem como as distorções de tal experiência observadas com especial frequência na prática com o paciente “pobre”, o que acaba mesmo por conduzi-la à degradação de seus princípios.

A sustentação a favor de nossa posição confirma-se através do termo freudiano de *miséria neurótica*, termo esse em torno do qual as três dimensões aqui desenvolvidas - clínica, discursiva e crítica - então se articulam.

## RESUMÉ

Ce travail a voulu produire quelque formalisation théorique possible des impasses et des questionnements qui traversent le quotidien de la pratique analytique avec des patients issus de la “population à faible revenu”.

En se proposant de racheter la valeur de subversion de l’acte freudien dans son originalité - de l’évidence du sens commun à l’énigme du *savoir* en position de *vérité* - ce texte examine les rigoureux paramètres de l’expérience analytique ainsi que les distorsions de telle expérience, distorsions que l’on constate tout particulièrement dans la pratique avec “ce genre de patients”, ce qui finit même par l’amener à la dégradation de ses principes.

Que cette proposition soit soutenable, cela se confirme par la notion freudienne de *misère névrotique*, autour de laquelle s’articulent les trois dimensions - clinique, discursive et critique - ici développées.

## ÍNDICE

<b><u>INTRODUÇÃO</u></b>	1
<b><u>I - DIMENSÃO CLÍNICA</u></b>	
Essa tão miserável condição...	10
“Eu sou apenas uma empregada...”	27
“...Meus problemas agora são meus sonhos”	42
<b><u>II - DIMENSÃO DISCURSIVA</u></b>	
A Realidade como Fato de Linguagem	62
<i>Engano, Saber e Verdade: Os Discursos e seus Operadores</i>	75
<b><u>III - DIMENSÃO CRÍTICA</u></b>	
“Pobre”. De quê? - A Subversão do Obvio	103
“Essa População”: A Resistência do Analista	122
A Pobre Psicanálise do “Pobre”	137
<b><u>CONCLUSÃO</u></b>	150
<b><u>BIBLIOGRAFIA</u></b>	153

Cada livro, como cada escritor, tem alguma  
passagem mais difícil, incontornável. E ele deve  
tomar a decisão de deixar este erro no livro  
para que permaneça um livro verdadeiro, e não  
de mentira.

(M.Duras)

## INTRODUÇÃO

*Negamo-nos terminantemente a fazer do paciente que se põe em nossas mãos em busca de auxílio, um patrimônio pessoal, a definir por ele seu destino, a impor-lhe nossos ideais, e com a arrogância do criador, a gabarmos-nos por nossa obra, de tê-la formado a nossa imagem e semelhança.<sup>1\*</sup>*

*(Freud, 1918)*

É no exercício agora de alguma formalização teórica possível de minha clínica com pacientes da “população de baixa renda” que localizo a idade original - e, portanto, a originalidade - desse trabalho num tempo bastante anterior a este, contemporânea aos impasses e questionamentos permanentemente colocados pela prática com “tais pacientes” num Ambulatório onde os escutava.

Na particularidade da escuta analítica, fez-se interessante notar que, ainda que atravessados pelo sofrimento de suas precárias condições de vida, cada um daqueles que ali chegavam, traziam e eram trazidos por uma configuração especialmente singular de seus dramas e interrogações. Procurando, por exemplo, por um “remédio prá agitação do menino” ou por um “jeito pros nervos” começavam,

---

\*Tradução livre da edição em espanhol da Amorrortu Editores.

A opção em apresentarmos, ao longo desse trabalho, os trechos das Obras Completas de Freud já traduzidos para o português - ainda que correndo o risco de “traição” que toda tradução implica - deu-se no sentido de que a leitura de tais trechos não fosse prejudicada pelo volume de citações que se fez então necessário e que, de outro modo, apareceriam em espanhol. A utilização da Standard Edition em português foi, portanto, totalmente evitada, já que as “traições” do texto original aí encontradas ultrapassam, em muito, qualquer mínimo de fidelidade exigida.

desde esse início, a enunciar pedidos que de modo algum teriam como ser recolhidos no registro da necessidade ou da realidade empírica dos fatos.

Interessante notar também que cada um daqueles possíveis pacientes não vinham, surpreendentemente pedir por comida, moradia ou escola. Mas por quê surpreendentemente? No sofrimento de suas queixas, pediam por uma escuta. Confirmava-se, assim, a escuta analítica como direção, contrariando preconceituosas descrições sócio-psicanalíticas que pareciam tender a uma definição antecipada e coletiva da multiplicidade de demandas dos pacientes de “baixa renda”, homogeneizando-os na ilusória universalidade de uma “população”.\*

Desse modo, o trecho freudiano tomado acima como epígrafe vem, além de indicar a direção fundamental de trabalho teórico-clínico adotada em nossas pesquisas, a reafirmar a importância de que a prática psicanalítica permaneça sustentada de acordo com seus mais rigorosos parâmetros, não variáveis de acordo com a “renda” dos pacientes.

Tal tarefa, nada simples em sua manutenção, exige do analista sua responsabilidade e implicação. Assim, em se tratando da ética psicanalítica, o oferecimento de modelos ideais de conduta - à “imagem e semelhança” do analista - devem ser efetivamente evitados. No entanto, a narcísica armadilha de “fazer o bem” e/ou de oferecer respostas coletivizadas às demandas de uma “população” como a um todo único e homogêneo, apresenta-se aí a serviço de significativos desvios teórico-clínicos da prática analítica, podendo mesmo levar a sua degradação. Tais riscos são enfrentados com frequência pelo analista, em especial na clínica com a

---

\* “População”, segundo Aurélio Buarque de Holanda define-se como “um conjunto de pessoas pertencentes a uma determinada categoria num total de habitantes”. Em todas as demais conotações do termo “população”, a idéia de conjunto permanece.

“baixa renda”, onde parece-nos ocorrer uma certa tendência à imaginarização e categorização do paciente “pobre”. A esse alerta a epígrafe freudiana citada acima também nos convém.

Ainda a favor desse ponto, um importante questionamento de Lacan logo no início do segundo de seus seminários nos faz interrogar com ele:

*A questão é saber se a psicanálise vai pouco a pouco se relaxando até abandonar o que foi por um instante entreaberto ou, se, pelo contrário, ela vai tornar a patentear seu relevo, e de maneira que o renove.<sup>2</sup>*

Tomando, então, os ensinamentos da experiência que localizam a prática analítica na dimensão de abertura ao *saber* inconsciente que lhe é peculiar, entendemos aqui que o *instante entreaberto* tal como pontuado por Lacan, resgata o valor de ruptura do ato freudiano em sua particular articulação da *verdade* ao *saber* inconsciente. Quer seja, a partir da novidade instaurada por Freud, o *saber* passa a operar desde uma *outra cena*, não mais coincidente com a da razão e do conhecimento, tendo como seu efeito mais radical, o descentramento do pobre eu psicológico. Assim, a cada analista caberá a tarefa, desde então, de, no rigor de sua ética, manter em exercício esse radical descentramento do eu, *instante entreaberto* da *verdade* freudiana, evitando, com isso, a própria degradação de sua prática. Prática essa que, ao se fundar na função que é a da fala e no campo que é o da linguagem, irá localizar o sujeito do inconsciente em sua singular pontualidade, destinando ao *saber*, sua posição de *verdade*.

Não fosse a possibilidade da escuta de “tais pacientes” sustentar-se também nessa direção e teríamos a crueza das miseráveis condições de vida sócio-

econômica dessa “população” servindo, como já apontado, a graves desvios teórico-clínicos da prática analítica, tais como: a filantropia nos tratamentos, desnecessárias alterações técnicas que aí se colocam como aparentemente indispensáveis e mesmo uma certa imaginarização do “ser pobre”. Ao analista que por esses desvios se deixa enredar, uma prática atravessada pela impotência - ou onipotência - de soluções ideais.

Consideramos ainda que as distorções observadas em termos da prática analítica com a “população de baixa renda” constituem-se basicamente desde dois pontos:

- a redução das demandas do paciente “pobre” a necessidades quase que exclusivamente da ordem da sobrevivência humana. “Pobre precisa é de arroz e feijão e não de análise” viria a funcionar, então, como dito paradigmático de tal redução, resumindo com infeliz clareza, a amplitude do tema que nos interessa aqui investigar.

- e a conseqüente universalização de tais demandas, produzindo a idéia de uma “população” que apresentaria, em conjunto, as mesmas necessidades e, portanto, os mesmos modos e os mesmos objetos de satisfação, o que é absolutamente impensável em termos humanos. A “baixa renda” apareceria, assim, como uma categoria tratada na obviedade do senso comum, onde a pobreza estaria sendo extremamente identificada à questão financeira e social do paciente.

A partir da revisão de tais pontos, bem como das distorções que daí decorrem, fundamentamos nossa proposta de trabalho na investigação dos parâmetros da experiência analítica no rigor de sua subversão, subversão essa que

vem exatamente a interrogar sobre o estatuto aparentemente óbvio dos fatos da realidade, os quais conferem uma ilusória consistência à definição do paciente “pobre”. Encaminhamo-nos, de outro modo, na direção da particularização do sujeito do inconsciente que, na aposta do ato analítico, reside.

Desdobraremos, para tanto, a abordagem do tema escolhido em três dimensões - clínica, discursiva e crítica - que se articulam através da noção freudiana de *miséria neurótica*. Tal noção encontra-se especialmente destacada no percurso de nosso texto, vindo a caracterizar o empobrecimento típico da neurose, de modo algum definido no a priori das condições sócio-econômicas do paciente. O alto preço pago pelo sujeito na miserabilização de seus laços com o Outro consistirá, então, na referência decisiva desse trabalho.

Assim, em termos da clínica, que funcionou na dimensão de causa de nossas indagações, realizaremos a pontuação de trechos da fala de uma paciente em análise, os quais nos permitiram acompanhar as mudanças de posição subjetiva que aí se efetivaram a partir da operação do dispositivo analítico, conduzindo-nos a importantes pontos da obra freudiana.

Mas, se no início do capítulo que trata da Dimensão Clínica, a *miséria* é tomada na condição do inefável da existência humana - *lapso de tempo que dura nossas vidas*, nas palavras de Freud - estaremos dedicando-nos, no decorrer de sua apresentação, ao estudo de tal condição radicalizada em termos da *miséria neurótica*, nome freudiano que define o gasto dispendido pelo paciente na cara manutenção de seus sintomas e repetições. *Não existe na vida nada mais custoso que a enfermidade e...a estupidez*<sup>3</sup> condensa, assim, em uma precisa afirmação de Freud, a complexidade da problemática que por essa dimensão se inaugura.

“Eu sou apenas uma empregada”, enunciado do início de uma análise, remeteu-nos, então, ao estudo da constituição do eu imaginário (em oposição ao sujeito do inconsciente) e da função que este exerce na condição de empobrecimento do paciente neurótico. Além disso, tornou-se interessante acompanhar também o próprio percurso freudiano na formulação de tais noções, onde várias alterações foram sendo então observadas.

Mais adiante, considerando a interpretação dos sonhos como *uma peça do trabalho analítico*, e de modo algum como *uma arte autônoma* de investigação, concluímos o primeiro capítulo desse trabalho com a pontuação de alguns sonhos em análise da paciente em questão, aproximando-os dos diferentes tempos dessa análise.

Com isso, “Meus problemas agora são meus sonhos”, dizer do inconsciente em seu estatuto de *verdade*, não só encerra a dimensão clínica de nosso texto bem como aponta à dimensão discursiva que aí se entrelaça.

E foi mesmo no particular do entrelaçamento clínico e discursivo que fundamos seu segundo capítulo, então nomeado: Dimensão Discursiva. A partir de tal entrelaçamento, evidencia-se ainda que a diferenciação entre as duas dimensões por nós realizada, constitui-se apenas como um recurso de organização das considerações aqui traçadas, já que, como nos interessa sustentar, a clínica analítica baseia-se fundamentalmente na escuta da posição discursiva daquele que a ela se dirija.

Dedicado, então, a demarcar o próprio terreno da experiência analítica na primazia do trabalho significativo, e no que daí se produz como efeito sobre o

inerente mal-estar da condição humana, esse capítulo constituiu-se a partir da verificação de dois pontos indispensáveis ao rigor de tal demarcação:

- a instauração e a sustentação da realidade enquanto fato de linguagem, e, portanto, referida à dimensão mais singular da constituição de cada sujeito, em oposição a uma ilusória universalidade e obviedade dos fatos da realidade empírica.

- e a participação decisiva dos termos *engano*, *saber* e *verdade* na configuração das diferentes posições discursivas do sujeito frente aos enigmas da existência humana.

Só assim, nos limites da experiência analítica em seu rigor, enunciados como “apenas uma empregada”, “miséria de vida”, “frescura de rico” permanecem localizados na dimensão significativa que lhes convém, irreduzíveis a qualquer significação que os aprisionem na obviedade da condição sócio-econômica do paciente. De outro modo, encontraríamos tais enunciados funcionando como rígidos emblemas sociais a serviço de uma interpretação distorcida, já que coletiva e antecipada, das demandas da “população de baixa renda”.

Enfim, a demarcação dos parâmetros da experiência analítica que se fez necessária ao longo desse caminho, obrigou-nos a observar também as distorções que da prática com pacientes da “baixa renda” então se destacaram, conduzindo-nos, assim, à Dimensão Crítica de nosso texto. Introduzido por uma indagação aparentemente ingênua: “Pobre”. De quê?, seu terceiro e último capítulo dedicou-se a assinalar alguns dos impasses que atravessam o cotidiano de tal prática, resgatando o valor de subversão originalmente instaurado pelo ato analítico. A essa subversão - do óbvio ao enigma - recusa-se, portanto, o estatuto de um mero recurso técnico a

ser utilizado ou não pelo analista em sua prática. Ela haverá de inscrever-se, de fato, como uma necessidade ética no rigor da experiência analítica, independente da “população” atendida. Prosseguindo nessa direção, o segundo ponto aí abordado refere-se exatamente à resistência do analista, conjugada à resistência do paciente neurótico, em abrir-mão dos enganos da realidade empírica, posição essa que terá como consequência, o próprio empobrecimento da prática analítica. Finalizando o capítulo, examinamos, então, os sinais de tal empobrecimento, utilizando-nos, para tanto, de diferentes considerações atuais sobre a problemática tratada. Mas, se por um lado, as distorções aí observadas revelam-se como motivos de preocupação com relação aos destinos da prática analítica, funcionam, por outro lado, como exigências que nos empurram à tarefa de recolocarmos a experiência analítica em seu devido lugar, quer seja, no rigor e na originalidade de sua subversão, recusando-lhe a miserabilização de seus princípios.

Passemos agora ao que, dessa tarefa, aqui se registrou.

## **I- DIMENSÃO CLÍNICA**

### Essa tão miserável condição...

*(...) poder, êxito e riqueza é o que pretendem para si e o que admiram em outros, menosprezando os verdadeiros valores da vida. Mas de modo geral, corre-se o risco de esquecer a variedade do mundo humano e de sua vida anímica.<sup>4</sup>*

*(Freud, 1929)*

Se a leitura do texto freudiano sobre *El Malestar en la Cultura*<sup>5</sup> é passível de ser conduzida sob uma perspectiva eminentemente sociológica (a qual se dedicaria à minuciosa investigação dos elementos e mecanismos gerais formadores de uma cultura), os pontos que aqui nos interessam abordar encaminham-se em uma outra direção: privilegiaremos o que desse texto assinala a universalidade da condição de miséria própria à existência humana, desde que preservada a atualização de tal condição no particular da existência de cada sujeito. Com isso, tornou-se possível reconhecermos importantes indicações à compreensão da situação de miséria na neurose, onde *os verdadeiros valores da vida* encontram-se, por estrutura, menosprezados.

Vale notar que a direção de leitura escolhida - do geral de uma “população” ao particular de cada sujeito - define-se a partir de uma indicação do próprio Freud realizada nesse mesmo texto: se, de algum modo, chega ele a considerar as possibilidades de aproximação do modelo da neurose de um sujeito

com a neurose de *muitas culturas - ou épocas culturais - e ainda possivelmente a humanidade toda*<sup>6</sup>, introduz também aí, uma séria advertência quanto aos impasses encontrados nos esforços de tal aproximação. Assim, ressalta:

*Eu não saberia dizer se semelhante ensaio de transferir a psicanálise à comunidade é disparatado ou está condenado à esterilidade. Mas teria que ser muito precavido, não esquecer que apesar de tudo trata-se de meras analogias, e que não somente no caso dos seres humanos, senão também no dos conceitos, é perigoso arrancá-los da esfera em que nasceram e se desenvolveram.*<sup>7</sup>

Ora, a indevida e apressada transposição da Psicanálise à comunidade, tal como encontra-se então advertido por Freud, remete-nos, sem dúvida, a algumas preocupantes questões dentre os meandros de nossa prática: se é fato ocorrer muito freqüentemente uma exagerada apropriação psicanalítica do mundo - e vale lembrar que em termos freudianos, a Psicanálise, diferentemente das verdades religiosa e científica não se pretende como uma *cosmovisão* que se apóie na *unicidade da explicação do mundo*<sup>8</sup> - mais grave ainda parecem-nos os inúmeros desvios clínicos, observados em especial na prática com a “baixa renda”, que não cessam de proliferar como efeitos dessa transposição. Tais desvios, que se estendem para muito além das possíveis alterações eventualmente exigidas pela técnica para atender o paciente “pobre”, são recorrentes e preocupantes.

Uma interessante contribuição ao estudo desse ponto nos é trazida por O. Manonni que, ao discutir o *psicanalismo*, afirma:

*Em certas circunstâncias o abuso foi até à mistificação e tentou-se retirar da psicanálise um remédio pouco custoso aos*

*conflitos políticos e sociais, que deveriam, justamente, receber uma solução política e social*<sup>9</sup>

Mas como, a partir dos impasses cotidianos da clínica psicanalítica, formalizar algo em torno dessa problemática do atendimento à “população de baixa renda”, considerando tanto sua relevância e atualidade (a observação do grande aumento no número de ambulatórios que se dedicam ao atendimento clínico dessa “população” não nos permite recuar frente a tais preocupações), como nossa insistência em que tal prática seja mantida de acordo com os mais rigorosos parâmetros da Psicanálise, *qualquer que seja a forma futura desta psicoterapia para o povo?*<sup>10</sup>, dito de Freud em 1918.

Assim, o retorno a *El Malestar en la Cultura* sob um viés essencialmente clínico, permitiu-nos não só verificar a *esterilidade* de sua leitura desenvolvida exclusivamente em termos sociais, bem como reconhecer o indevido reducionismo realizado em termos psicanalíticos, quando da definição exclusiva de “pobreza” unicamente de acordo com a escassez dos bens de que o paciente disponha e/ou da renda que este produza. Resta aí sem lugar a escuta da particularidade da posição de cada sujeito frente ao que de miséria e efemeridade a vida coloca a todos. *A vida como nos é imposta resulta intolerável: traz-nos farras dores, desenganos, trocas insolúveis. Para suportá-la, não podemos prescindir de calmantes*<sup>11</sup>, lembra-nos Freud.

Mas a que *calmantes* Freud aqui se refere? Associando-os à possibilidade de contribuir com o sujeito na produção de algum sentido (algum sentido, alguma direção) à miséria de sua existência, ele assim os classifica:

*Poderosas distrações que nos façam minimizar nossa miséria, satisfações que a reduzam, e substâncias embriagadoras que nos tornem insensíveis a ela. Algo deste tipo é indispensável.*<sup>12</sup>

Contudo, vale lembrar que, se tais recursos parecem especialmente eficazes enquanto “apaziguadores” da dolorosa e permanente busca humana de felicidade, não deixam de nos revelar também a própria insuficiência e precariedade dos resultados por eles propiciados, já que o encontro com o objeto da satisfação é (desde) sempre marcado para o sujeito pela não-coincidência entre o que é buscado e o que é reencontrado por este. A falta, definida assim na própria invariância da constituição neurótica (ainda que particularizada caso a caso) como o que do sujeito e do Outro não estabelece reciprocidade, é, em termos psicanalíticos, irreduzível por estrutura aos “objetivos” parâmetros da renda do paciente. Aqui destaca-se:

*A entrada na cultura implica que a necessidade passe pela linguagem, arrancando o dinheiro do registro imediato da necessidade. A própria noção de dinheiro já denota a troca de objetos e bens marcados pela simbolização: o dinheiro só existe em função da linguagem.<sup>13</sup>*

Será, então, a precisão desse ponto central da existência humana sobre o qual a operação de estruturação do sujeito se apóia - quer seja, a satisfação com o objeto sempre obtida de modo parcial e incompleto em termos humanos - que levará Freud a definir *felicidade* como o que *corresponde à satisfação mais repentina de necessidades retidas, com alto grau de êxtase, o que por sua própria natureza só é possível como um fenômeno episódico.*<sup>14</sup>

*Fenômeno episódico*, a felicidade constitui-se, então, como o próprio avesso da miserável condição da existência humana, condição essa necessariamente atravessada pela dor, pelo sofrimento e pelo mal-estar. Assim,

entre o provisório da felicidade e o insuportável da existência, cada sujeito existe e insiste em seus (des)caminhos de desejo - ou de neurose - e morte.

*Desproteção e desamparo fazem parte da desgraça irreduzível do ser*<sup>15</sup>, afirma E. Vidal de modo contundente.

No entanto, se uma leitura mais apressada das considerações psicanalíticas sobre o mal-estar e a (in)felicidade parece convidar-nos a um trato pessimista das questões da existência, será no retorno ao texto freudiano sobre *La Transitoriedad* (1916)<sup>16</sup> que encontraremos uma de suas mais expressivas metáforas em referência ao tema, indicando não o sem saída da condição humana, mas duas posições possíveis do sujeito frente ao que da vida a ele se impõe como precariedade e miséria - por um lado, sem dúvida, o pessimismo em sua manifestação triste, mas por outro, o entusiasmo do desejo sustentado em seu vigor. Façamos, então, uma breve recorrência a tal texto:

Ao caminhar por um jardim na companhia de um amigo taciturno e de um jovem poeta, tal como a eles Freud se refere, observa este a preocupação do poeta em relação ao caráter transitório da natureza. Ele nos diz:

*O poeta admirava a formosura da natureza que nos rodeava, mas sem regozijar-se com ela. Preocupava-o a idéia de que toda essa beleza estava destinada a desaparecer, que morreria no inverno, como toda beleza humana e tudo o que é formoso e nobre que os homens criaram ou podem criar. Tudo isso que, ao contrário, havia amado e admirado parecia-lhe carente de valor pela transitoriedade a que estava condenado.*<sup>17</sup>

Questionando a *exigência de eternidade* que parecia aí se impor ao jovem poeta como uma condição a este indispensável para a admiração do belo (e, de acordo com o que vínhamos examinando, para a fruição da felicidade), Freud afirma ser mesmo na escassez do tempo que o valor da transitoriedade encontra-se instalado. *Se há uma flor, como ele nos lembra, que se abre uma única noite, nem por isso sua florescência parece-nos menos esplendorosa.*<sup>18</sup>

Mas, se a *restrição na possibilidade do gozo o torna mais apreciável*<sup>19</sup> - importante afirmação freudiana que nos servirá mais adiante para, através da diferenciação entre gozo e desejo, percorrer os caminhos de estruturação do sujeito pela neurose - os efeitos de tal restrição não eram experienciados desse modo pelos companheiros de Freud. No lugar do *mais apreciável*, de alguma felicidade possível, ainda que episódica, emerge o pessimismo e a dor.

Impotentes em desfrutar da beleza do jardim - da vida - já que esta não se encontrava garantida como eterna, viviam, então, o luto antecipado pelo inevitável de uma perda, tomando como *desprezível o gozo do belo pela idéia de sua transitoriedade.*<sup>20</sup>

Frente à impossibilidade de um gozo pleno e duradouro, colocada pelo próprio *lapso (de tempo) que duram nossas vidas*<sup>21</sup>, os companheiros de Freud assumem, então, uma posição de desânimo e impotência, enredando em dramas particulares - que se montam e se sustentam através de uma interpretação neurótica do mundo - o que é da ordem da miséria enquanto condição universal revelada na precariedade da existência humana.

Uma importante e radical diferença entre a miséria da existência e sua empobrecida manifestação neurótica torna-se aqui evidente. Em seu artigo sobre *Determinismo e Responsabilidade*, N. Santos Souza parece expressar com clareza tal diferença quando, ao apontar, através da ética em sua vertente de desejo, duas posições possíveis à existência do sujeito, afirma:

*Do lado da posição antiética o que se pode esperar é a servidão, a impotência, a fraqueza moral, o pecado, a tristeza, a demissão a realizar-se como sujeito. Do lado da posição ética toda esperança é fútil, posto que desnecessária. A esperança, esta paixão quase triste, no que só ocorre sob um fundo de temor, nada tem a fazer aí. Do lado da posição ética o que se encontra é liberdade. Não a liberdade ideal, ilusão chamada livre arbítrio, mas a liberdade constituída pelo desejo, potência efetiva que nos determina enquanto sujeitos, determinação da qual somos sempre responsáveis.<sup>22</sup>*

No entanto, ainda que responsável pela apropriação do que do Outro o determina, o sujeito neurótico exime-se de tal responsabilidade, demitindo-se assim de sua realização como desejante e passando a traduzir sob a fo(ô)rma de empobrecidas repetições, os enigmas de sua existência. Formulam-se a partir daí ao menos duas importantes questões:

- quais indícios desse empobrecimento neurótico encontram-se apontados no texto freudiano que nos permitem avançar sobre a construção de algum saber possível sobre sua estrutura e sua economia, tal como nos é revelado na experiência analítica?

- qual a responsabilidade da Psicanálise, em seus limites e intervenções (necessariamente definidos pelo campo da linguagem e não pela renda de um indivíduo), na produção de mudanças subjetivas da posição neurótica de impotência e dor revelada por um sujeito em seu confronto com o inassimilável da existência humana, quer seja, com o real de sua efêmera condição?

Várias são as indicações encontradas nos textos de Freud e Lacan que nos conduzem e nos auxiliam no exercício do desdobramento, e de alguma conclusão possível, de tais questões. Entretanto, por sua pontuação precisa e estreitamente referida ao tema central de nossas discussões, a seguinte afirmação de Lacan logo de início se faz presente:

*A psicanálise é uma prática delirante mas é o melhor que temos atualmente para conseguirmos ter alguma paciência com esta situação incômoda de ser homem.<sup>23</sup>*

*Alguma paciência* é, então, da ordem do possível e do necessário frente à miséria da condição humana. Mas será ainda em Freud, retornando mais uma vez às suas considerações em “*El Malestar en la Cultura*”, que encontraremos a definição mais clara e mais geral - e, portanto, vale lembrar, a ser atualizada no particular da existência de cada sujeito - das três fontes do inevitável sofrimento provocado por *esta situação incômoda de ser homem*. Ele nos diz:

*A partir de três lados ameaça o sofrimento: desde o próprio corpo que, destinado à ruína e à dissolução, não pode prescindir da dor e da angústia como sinais de alarme; desde o mundo exterior, que pode abater suas fúrias sobre nós com forças hiperpotentes, desapiedadas, destrutivas;*

*por fim, desde os vínculos com outros seres humanos(...),<sup>24</sup>*

reservando a este último caso - quer seja, o dos laços com os outros - a maior cota do sofrimento humano. Na experiência analítica, os frequentes e empobrecidos relatos de pacientes neuróticos aprisionados em situações de impasse e angústia provocadas pelos incontáveis encontros e des-encontros de suas vidas afetivas, servem como rico testemunho ao que Freud aí nos aponta.

Porém, se em termos da existência humana, temos no sofrimento e no mal-estar, indicações do inevitável e do insuportável de sua precária condição, interessa-nos ainda examinar, sob que princípios tais indicações se impõem ao sujeito de modo imperativo, lançando-o em uma posição não só de incômodo mas de extrema pobreza e servidão em seus laços com o próprio corpo, com o mundo exterior e com os outros - posição essa, como vimos, especialmente bem metaforizada pelo amigo taciturno e pelo jovem poeta que acompanhavam Freud em seu passeio de verão.

Chegamos assim ao terreno da *miséria neurótica*.

Se tal instigante expressão utilizada por Freud ao traçar os *Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica*<sup>25</sup> parece condensar, como já assinalado, a radicalidade dos laços de pobreza e servidão com que um neurótico tece as tramas de sua existência, vem a ratificar também a própria articulação, em termos psicanalíticos, da posição de miséria de um sujeito (bem como as possibilidades de mudanças subjetivas que aí ocorram) a uma dimensão privilegiadamente discursiva, já que referida à neurose. De forma alguma, portanto, deparamo-nos aqui com uma problemática exclusivamente social,

determinada a priori pelos índices de renda ou de bens de um paciente e/ou de uma “população”.

A. Quinet, ao discutir sobre *Capital e Libido*, contribui:

*Dizer que pobre não pode fazer análise é tratá-lo como um animal, situando sua questão de dinheiro apenas no registro da necessidade. Na verdade, o rico é mais inalisável do que o pobre, se chamarmos de rico aquele que não tem falta* <sup>26</sup>, ou que nada desta (da falta) quer saber, acrescentaríamos.

Nada mais alto, portanto, do que o preço pago pelo paciente neurótico no esforço de manter tamponado o que de falta e de mal-estar ameace aí irromper, desestabilizando os rígidos padrões de sua economia.

Retomando, ainda a uma interrogação já presente em nosso texto, insistimos: sob que condições - estruturais e econômicas - a posição neurótica se instaura? Certamente, várias são as vertentes possíveis que nos permitem avançar no estudo teórico-clínico de tais condições. Porém, para os fins desse trabalho, estaremos privilegiando os efeitos de empobrecimento produzidos a partir dos gastos dispendidos pelo sujeito na cara manutenção de seus sintomas. Tais efeitos encontram-se assinalados em diversos momentos da obra freudiana e cotidianamente confirmados na escuta clínica de pacientes neuróticos, expressos, por exemplo, nos enunciados: “Não agüento mais essa relação miserável com meu pai.” ou “Miséria de vida!”.

Vale ressaltar que tais enunciados são aqui tomados enquanto inequívocas referências à miséria em sua dimensão neurótica, escuta que é confirmada pelo fato de que pai e filha, no caso citado, não se incluem, de modo algum, na assim chamada “população

de baixa renda”, apresentando, pelo contrário, uma situação econômica especialmente estável. Uma interessante disjunção entre a miséria do laço pai-filha, em sua dimensão significativa, da miséria enquanto índice de renda de uma família, torna-se então evidente.

Mas, se desde o início de suas formulações (cf. um de seus primeiros ensaios - 1894 - *Las Neuropsicosis de Defensa*<sup>27</sup>), o sintoma revela-se para Freud como uma tentativa simbólica de responder ao que de traumático se impõe como *verdade* ao sujeito, será na série de Conferências de Introdução à Psicanálise proferidas por ele na Universidade de Viena nos anos de 1916-17 que encontraremos as que, reunidas sob o título de *Doctrina general de las neurosis*<sup>28</sup>, irão traçar uma minuciosa investigação dos caminhos de formação dos sintomas neuróticos.

Ainda que funcionando para introduzir conceitos psicanalíticos que só mais tarde seriam desdobrados, ou mesmo de algum modo revistos, tais conferências não foram, como ele mesmo afirma, *superadas nem estão envelhecidas. O que comunicam, exceto umas poucas modificações, se segue acreditando e ensinando, todavia, nas escolas psicanalíticas.*<sup>29</sup>

Assim, ao aproximar o que é da estrutura dos atos falhos e dos sonhos ao mecanismo de formação dos sintomas na neurose, Freud estabelece uma íntima vinculação das produções inconscientes com a experiência daquele que as produz, ratificando com isso, a especificidade do sintoma na Psicanálise em sua particular dimensão. Tal como ele define: *o sintoma é rico em sentido e se entrama com o vivenciar do paciente*<sup>30</sup>. Lacan ratifica:

*O sintoma é aqui o significante de um significado reprimido da consciência do*

*sujeito. (...) Mas é uma palavra de exercício pleno, porque inclui o discurso do Outro no segredo de sua cifra.*<sup>31</sup>

Vale lembrar que é também em torno da noção de empobrecimento - do eu, no caso da melancolia, e do mundo, no caso do luto - que Freud traça suas importantes considerações sobre *Duelo y Melancolía* (1917[1915]),<sup>32</sup> as quais contribuem de modo especial não só à compreensão teórico-clínica da estrutura neurótica bem como aos enigmas da psicose. Destaca-se daí:

*O melancólico mostra-nos todavia algo que falta no luto: uma extraordinária baixa em seu sentimento do eu [Ichgefühl], um enorme empobrecimento do eu. No luto, o mundo se fez pobre e vazio; na melancolia, isso ocorre ao eu mesmo.*<sup>33</sup>

Concentrando-nos, no entanto, para os fins desse trabalho, nas peculiaridades da primeira dessas duas estruturas, aí observamos a apresentação em dupla dimensão do sintoma tal como este encontra-se descrito em termos freudianos: por um lado, sua inscrição simbólica - definida pela articulação significante indicativa da função de metáfora que lhe é inerente - e por outro, sua tenacidade e inércia, indicativas de seu enganchamento em pontos de fixação pulsional, características essas decisivas à condição de miséria neurótica.

Da prática clínica, localizamos, então, a partir da dupla dimensão do sintoma na neurose, uma interrogação que se coloca de forma permanente a nós, analistas: se a cristalizada convivência de um sujeito com seu sintoma leva-o a uma posição de empobrecimento e dor - e não de prazer - em sua existência, por quê dela o sujeito não abre mão?

Questão aparentemente simples que ganha sua complexidade no particular de cada análise, impôs-se a Freud como decisiva no sentido de sua formulação de um campo de exigências pulsionais não-todo submetido às leis do princípio do prazer, campo esse que encontra-se estreitamente relacionado à manutenção da tenacidade do sintoma neurótico.

No artigo sobre *A Concepção do Sintoma em Diferentes Momentos da Obra Freudiana*<sup>34</sup>, J.C.Cosentino esclarece:

*Como ganho da doença, o sintoma marca para Freud o início de uma mudança de pergunta que o levará a redefinir o conceito psicanalítico de cura. Esta virada organiza retroativamente (nachträglich) os diferentes momentos da concepção do sintoma na obra freudiana.*<sup>35</sup>

Assim, se o sintoma, no que *se faz de relevo para a pulsão*<sup>36</sup>, é marcado por uma necessidade de satisfação (mesmo que substitutiva) - que aponta desde sempre a sua articulação ao campo de exigências pulsionais do sujeito - irá recebendo de Freud, ao longo de sua obra, alterações fundamentais em sua concepção. Ainda na série de conferências acima mencionada, dispomos de importantes indicações referentes à *mudança de pergunta* sobre a cura analítica, exatamente determinada por tais alterações.

É de tal modo que Freud, ao finalizar a Conferência 23 dessa mesma série, privilegia o aspecto econômico imbricado na formação e manutenção do sintoma neurótico, aspecto através do qual irá avançar em suas considerações.

Afirma então:

*A meta final da atividade da alma, que no qualitativo pode descrever-se como aspiração ao ganho de prazer e à evitação de desprazer, se coloca, para a consideração econômica, como a tarefa de dominar os volumes de excitação (massas de estímulo) que operam no interior do aparato anímico e de impedir seu êxtase gerador de desprazer.<sup>37</sup>*

No entanto, como sabemos, as inúmeras e engenhosas tentativas do eu em evitar o desprazer (considerado esse, em termos metapsicológicos, como aumento de tensão) são estruturalmente marcadas pelo fracasso, já que a eficiência do sintoma enquanto a solução mais cômoda e econômica para o sujeito, não se sustenta assim definitivamente.

Na Conferência seguinte, ao descrever *O Estado Neurótico Comum*<sup>38</sup>, confirma não só o encaminhamento econômico que é dado à concepção do sintoma em sua conjunção (disjuntiva) ao mais-além do princípio do prazer, como pontua ainda um interessante paradoxo que encontra-se aí revelado: o ganho da doença obtido com a manutenção do sintoma pelo sujeito, constitui-se também como o fator decisivo ao empobrecimento neurótico que afeta seus laços com o Outro.

Freud então indica:

*Na medida em que a neurose tem vantagens, o eu presta-lhe sua aquiescência; mas não tem vantagens unicamente. Como regra geral, cedo adverte-se que o eu fez um mau negócio abandonando-se à neurose.<sup>39</sup>*

E prossegue:

*Pagou demasiado caro um alívio do conflito e as sensações penosas aderidas aos sintomas são talvez um substituto equivalente às mortificações do conflito, e ainda, provavelmente, implicam um montante maior de desprazer. O eu queria liberar-se desse desprazer dos sintomas mas sem abrir mão do ganho da doença; justamente é o que não pode conseguir.<sup>40</sup>*

Ressaltam-se aqui, bem como em vários de seus textos, os termos econômicos utilizados por Freud - “mau negócio”, “empobrecimento”, “demasiado caro”, dentre outros - na definição do sintoma neurótico. Tais termos apontam, sem dúvida, à inequívoca articulação significativa dos ganhos e gastos do sujeito, a qual de modo algum encontra-se enunciada na “objetividade” - e obviedade - de sua renda.

Mas será mesmo ao postular o que da pulsão aparece como irreduzível ao princípio do prazer que Freud irá sustentar a vertente quantitativa (pulsional) do sintoma, localizando nos pontos de fixação deste, os entraves - e, paradoxalmente, o pivô - da economia significativa.

Certamente, a torção teórico-clínica produzida por Freud em 1920, apoiada na radicalidade do mais-além pulsional, não é sem consequências. Empurrando à revisão, e mesmo à alteração de alguns de seus conceitos mais fundamentais (dentre eles a própria noção de ganho da doença já descrita anteriormente), a introdução do *Más allá del Principio de placer*<sup>41</sup> vem a definir a direção da escuta e do manejo da transferência com o sujeito neurótico, emaranhado na miséria de seu sintoma.

Ao ganho primário da doença, associa-se a necessidade de castigo imposta pelo sintoma, traço esse que o particulariza dentre as demais formações do inconsciente. A partir daí, além de estabelecer-se uma estreita identidade entre o sintoma e o eu, emerge também a fixidez característica a ambos, mantida, como resistência, pelo comando imperativo do supereu em sua radical intransigência.

É assim que no adendo à *Inhibición, Síntoma y Angustia*, dedicado à *Modificación de opiniones anteriores*<sup>42</sup>, Freud irá descrever os diferentes tipos de resistências atualizados no trabalho da análise, especificando com relação ao sintoma:

*A quinta resistência, a do supereu, discernida em último termo e que é a mais obscura mas nem sempre a mais débil, parece brotar da consciência de culpa ou necessidade de castigo; opõe-se a todo êxito e, portanto, também à cura mediante a análise.*<sup>43</sup>

Fixidez e resistência, polissemia e abertura ao sentido. Na irredutibilidade da estrutura, o sintoma apresenta-se, em termos da formulação de uma demanda analítica, como o “corpo estranho” a ser imediatamente tratado ou mesmo extirpado, revelando, no entanto, em sua vertente pulsional, o apego a ele, tão penoso e satisfatoriamente sustentado pelo paciente neurótico.

Desse penoso e satisfatório apego neurótico ao sintoma, Freud nos diz:

*Constitui um triunfo da formação do sintoma que se consiga enlaçar a proibição com a satisfação, de modo que o mandato ou a proibição originariamente recusadas cobrem também o significado de uma satisfação.<sup>44</sup>*

Enfim, a intervenção sobre o laço do sujeito com seu sintoma, na direção de um novo e menos miserável enlace entre ambos, é da responsabilidade de uma análise.

**“Eu sou apenas uma empregada ...”**

*Sou de opinião que, nessa marca reveladora que é a invulnerabilidade, distingue-se sem trabalho (...) a Sua Majestade o Eu, o herói de todos os sonhos diurnos assim como de todas as novelas.<sup>45</sup>*

*(Freud, 1908)*

Se, como apontávamos anteriormente, é da condição de miserabilidade da neurose o aprisionamento do sujeito em seus sintomas e resistências, interessamos agora investigar, a partir do emblemático enunciado do início de uma análise: “Eu sou apenas uma empregada”, a decisiva participação do Eu - *Sua Majestade o Eu*, tal como encontramos definido acima por Freud - na manutenção de tal aprisionamento e o conseqüente empobrecimento da existência que daí decorre em termos neuróticos.

Antes, no entanto, de tomarmos o caminho da investigação dos postulados freudianos fundamentais à compreensão da interferência do *Eu* sobre a condição de miséria do paciente neurótico, parece-nos importante ressaltar a localização que a dimensão clínica recebe em nosso trabalho, já que é daí mesmo, de tal dimensão, que constituímos não só o ponto de partida deste bem como sua permanente referência. Assim, se por um lado, uma passagem ao campo dos conceitos freudianos mostrou-se aqui necessária, não permitiu, por outro, uma

sistematização de toda a experiência, o que seria mesmo da ordem do impossível. A partir da impossibilidade aí revelada - de recobrirmos o real da experiência clínica pela formalidade dos conceitos na generalização que lhes é própria - constituímos, então, a direção de nosso trabalho, direção essa que aponta a uma inequívoca tensão entre a dimensão conceitual e a dimensão clínica da experiência em seu rigor.

Encontram-se, assim, em vários pontos da obra freudiana, importantes indicações de tal modo de relação - produtivo, ainda que tenso - entre o conceitual e o clínico da prática analítica. Dentre tais indicações, destacamos um trecho da Conferência de Freud em 1911 num Congresso Médico realizado na Austrália, quando diz:

*Posso começar dizendo que a psicanálise não é filha da especulação senão o resultado da experiência; e por essa razão, como todo novo produto da ciência, está inconcluso.<sup>46</sup>*

Anos depois (1933[1932]), em uma outra Conferência, ele volta a afirmar:

*Os fracassos que experimentamos como terapeutas nos colocam, às vezes, diante de tarefas novas, e as exigências da vida real constituem uma eficaz defesa contra a hipertrofia da especulação que, no entanto, resulta-nos imprescindível em nosso trabalho.<sup>47</sup>*

Assim, o que é da ordem da experiência estabelece-se, desde a perspectiva psicanalítica, como o lugar, por excelência, da inconclusão do conhecimento humano, onde a garantia de um saber único e definitivo - promessa

ilusoriamente válida, por exemplo, em termos científicos - não se sustenta. Lacan adverte:

*Se a psicanálise pode chegar a ser uma ciência, pois não o é todavia, e se não deve degenerar-se em sua técnica - (coisa que talvez já esteja feita), devemos recuperar o sentido de sua experiência.<sup>48</sup>*

Portanto, na direção de recuperarmos o sentido da experiência analítica, especialmente no que tange ao atendimento da “população de baixa renda”, conduzimo-nos em nosso trabalho.

Passemos agora a algumas pontuações clínicas que da experiência se destacaram: C., 42 anos, empregada doméstica, é indicada pela ginecologista da instituição a procurar o “Setor de Psicologia”, já que, depois de inúmeros exames, as “dores no peito” e a “falta de ar” que tanto a afligiam, nada caracterizavam em termos médicos. Marcada a primeira entrevista<sup>1</sup>, C. comparece acompanhada da patroa, com quem mora há 17 anos, desde que seu marido a “abandonou de repente” e voltou para o Norte. Desse casamento, que é o segundo, C. tem um filho de 10 anos que também mora com elas. Segundo C., como o menino nasceu na mesma época em que seu patrão morreu (época também em que seu marido foi embora), ela decidiu dar-lhe o mesmo nome deste, “em homenagem ao meu patrão que era meu pai.”

Pai-patrão que, pelas vias da nomeação do filho, encontra-se, então, homenageado no discurso de C., lançando-a à pobre posição de empregada desse Outro, senhor-patrão de todos os seus atos. Algo da direção do tratamento de C.

---

<sup>1</sup> Tal entrevista foi realizada em 15-01-91. O percurso analítico dessa paciente estendeu-se até Junho de 97, quando então foi interrompido, a partir de sua decisão de retornar para sua “terra natal”.

parecia já aqui configurar-se, o que, no entanto, só se confirmaria no a posteriori de suas enunciações. Nesse tempo inicial, colocando-se “totalmente dependente”, ora do filho, ora da patroa, que sempre lhe diziam “o que fazer”, C. se apresenta “como uma criança que não sabe ficar sozinha”. Logo que chega, pergunta: \_ “Você atende crianças também?”

Em uma outra entrevista do tempo preliminar de sua análise, ela formula: \_ “Acho que meus problemas são mesmo de criança: tenho medo do escuro; não consigo sair à rua sozinha; sei que vou me perder. Por isso, preciso sempre de alguém que me mostre o caminho.” Ressalta-se daí que os “problemas de criança” então descritos por C., voltam a indicar, na contra-mão de qualquer referência cronológica, sua posição a serviço do Outro, posição essa atualizada como um primeiro pedido da paciente na transferência - “alguém que (lhe) mostre o caminho.”

Insistindo em retomar em Freud o valor da transferência como um de “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, Lacan afirma:

*O sujeito entra no jogo, a partir desse suporte fundamental - o sujeito é suposto saber, somente por ser sujeito do desejo. Ora, o que é que se passa? O que se passa é aquilo que chamamos em sua aparição mais comum efeito de transferência. Este efeito é o amor.<sup>49</sup>*

Pedido de amor a ser desdobrado em trabalho - manejo da transferência que, a partir da recusa do analista em ocupar o lugar de senhor, opera na direção do tratamento - C. mais uma vez oferece-se para um Outro que lhe aponte

o caminho, já que ela “como uma criança”, “sabe” que vai se perder. Observaremos, mais adiante, o estatuto e as consequências desse saber.

Mas, se o amor, enquanto “é-feito de transferência”, revela-se em sua vertente de resistência aos esforços do trabalho analítico, funciona, ainda na dimensão de tapeação que lhe é também peculiar, como o laço que irá possibilitar, e mesmo sustentar, o trabalho da transferência. *É por isso que, por trás do amor dito de transferência*, esclarece Lacan nesse mesmo trecho de seu seminário, *podemos dizer que o que há é afirmação do laço do desejo do analista com o desejo do paciente*.<sup>50</sup> Sustentadas, então, pelo desejo do analista, as queixas de C. desdobram-se na transferência, passando dos “problemas de criança” iniciais para uma série de manifestações corporais tais como “tonteiras” e “falta de ar”.

Já em 1894, em seu primeiro trabalho sobre a neurose de angústia, Freud estabelecia a aproximação de *uma perturbação de uma ou várias funções corporais à sensação de angústia*, descrevendo como exemplos desses estados, alterações na *respiração* e na *atividade cardíaca* do paciente e/ou produções de *falta de ar* e *ataques de suor*.<sup>51</sup>

Posteriormente, ainda que marcada por revisões radicais em sua conceitualização, a angústia - conceito clínico, por excelência - encontra-se de novo correlacionada, em termos freudianos, a alterações corporais que aí se impõem ao paciente, afetando-o de modo inequívoco e real. É assim que em *Inhibición, Síntoma y Angustia (1926)*, Freud volta a afirmar:

*A angústia é, pois, em primeiro lugar, algo sentido (...). Percebemos na angústia, sensações corporais mais determinadas que referimos a certos órgãos. Já que aqui não*

*nos interessa a fisiologia da angústia, basta-nos destacar alguns representantes [repräsentant] dessas sensações: as mais freqüentes e nítidas são as que sobrevêm nos órgãos da respiração e no coração.<sup>52</sup>*

No caso que estamos considerando, destaca-se, na transferência, dentre as constantes manifestações corporais das quais a paciente tanto se queixava, um “sentimento ruim no peito”, tal como ela nomeia - *sensação de angústia*, tal como descreve Freud. Tal sentimento funciona na direção desse tratamento de modo decisivo à instalação da suposição do sujeito ao saber inconsciente. No a posteriori da constatação de C. - “Minhas dores não eram mesmo coisa de médico” - tal suposição se confirma.

É nesse tempo também que uma outra importante formulação emerge no discurso da paciente, reforçando sua posição de extrema alienação ao desejo do Outro, imaginariamente definida pela pobre existência que parece lhe estar destinada por ser “apenas uma empregada”. Assim, escutamos:

“Não sei porque sou assim; se ainda fosse minha patroa...mas, eu, pobre; isso é frescura de rico. Eu sou apenas uma empregada.”

Certamente, poderíamos tomar daí conotações do senso comum por onde avaliáramos, por exemplo, as dificuldades de sobrevivência de uma empregada nas precárias condições de vida que a sociedade brasileira oferece. Ou ainda, tomar esse enunciado como expressão do sofrimento “típico” da “população de baixa renda”, o que nos faria ir atrás de técnicas de atendimento que melhor se adequassem às necessidades dessa “população”. Preocupados, no entanto, em

mantermo-nos de acordo com a ética do discurso analítico em seu rigor - que permite alguma generalização da clínica exclusivamente no trabalho dos conceitos, o que de modo algum funciona para qualquer caracterização de uma “população” de pacientes “pobres” - insistimos em tal direção.

Assim, o trecho da fala da paciente em análise, assinalado acima, remeteu-nos a três importantes pontos da teoria-clínica psicanalítica, os quais interessam-nos agora desdobrar:

- o próprio percurso da noção do eu em termos freudianos e as alterações que foram sendo aí realizadas.

- a formação do eu e os efeitos da rigidez deste na definição da condição de *miséria neurótica* do paciente.

- as possibilidades e os limites da intervenção do dispositivo analítico sobre tal miserável condição, ponto esse que também localizaremos em termos da análise da paciente aqui tratada.

A fim de investigarmos, então, sobre a formação do eu, bem como acompanharmos o percurso de tal noção em termos freudianos, tomemos, de início, uma afirmação de J.C.Cosentino em seu texto *A evolução do conceito do eu e suas consequências*, onde ele diz:

*A concepção do aparato psíquico modificada profundamente com a introdução do “Mais além do princípio do prazer”, ao mesmo tempo que redefine os conceitos teóricos e a direção da prática, é o marco adequado para perguntar-se pela noção do eu e suas modificações na intertextualidade freudiana.<sup>53</sup>*

Partamos desse *marco adequado*.

Noção antecipada já em *Recordar, repetir y reelaborar (1914)*<sup>54</sup>, e reintroduzida em termos do *Más allá del principio de placer (1920)*, a *compulsão de repetição* apresenta-se, desde então, como um elemento fundamental tanto à condição de empobrecimento do neurótico como a sua própria possibilidade de trabalho analítico. Tal noção opera, portanto, de modo decisivo sobre as modificações que o *eu* vai recebendo no percurso freudiano. Assim é que encontramos afirmado em seu texto de 1920:

*Vinte cinco anos de trabalho intenso fizeram que as metas imediatas da técnica psicanalítica sejam hoje inteiramente diversas que ao começar.*<sup>55</sup>

Alterações técnicas que se apresentam, sem dúvida, intrinsecamente articuladas a alterações descritivas e econômicas do aparelho psíquico, levaram Freud a conferir em diversos pontos de sua obra, diferentes concepções ao *eu*.

De início, enquanto a psicanálise consistia em *uma arte de interpretação* que visava comunicar ao paciente, *no momento oportuno, o inconsciente oculto para o paciente*<sup>56</sup>, o *eu* encontrava-se especialmente aproximado à função de defesa do aparelho, esforçando-se por evitar o contato do paciente com essa comunicação de saber para ele nada prazerosa. Mais adiante, o fracasso da função do *eu* é aproximado do próprio fracasso dessa *arte de interpretação*, apresentada, então, em termos do *Más allá del principio de placer*. Freud alerta:

*O paciente pode não recordar tudo o que há nele de reprimido, talvez justamente o essencial. Se isso acontece, não adquire nenhum convencimento sobre a justeza da construção que lhe foi comunicada. Mas se*

*vê forçado a repetir o reprimido como vivência presente, em vez de recordá-lo, como o médico preferiria, como fragmento do passado.*<sup>57</sup>

No entanto, antes de prosseguirmos, vale ressaltar que, mesmo no primeiro tempo das formulações freudianas, quando o *eu* não se encontrava articulado ainda ao mais-além pulsional, as resistências ao saber inconsciente de modo algum confundiam-se com dificuldades das funções cognitivas e/ou de aprendizagem do paciente.

Retornando agora à fala de C., obtemos uma importante referência do que aí ocorre em termos da divisão do sujeito, operada pela introdução desse Outro saber: se, de algum modo, o trecho inicial da formulação da paciente - “Não sei porque sou assim” vem a indicar algo de uma abertura ao saber inconsciente que parece então se inaugurar, de outro modo, é também nessa mesma formulação que escutamos o *eu*, na obviedade de sua resistência, afirmar: “Eu sou apenas uma empregada”. Divisão do sujeito que opera, fazendo-o trabalhar na transferência e atualizar como repetição, o que de sua posição - miserável existência neurótica - não cessa de parecer a mesma. Ora, a estranha familiaridade assim constituída torna-se, então, reveladora não só da consistência do *eu* na mesmice que lhe é peculiar bem como de sua mais íntima vinculação às exigências do isso pulsional. Sobre esse ponto, D.Rabinovich traça um interessante comentário que diz:

*É indispensável introduzir na reflexão psicanalítica sobre o eu, o problema do real e sua articulação com o fantasma, colocarmo-nos o problema de como se vinculam fantasma e eu, como o axioma fantasmático pode também regular as posições do eu. Esse eu que, muitas vezes, se absorve no sonho diurno, abre-nos uma*

*série de interrogações sobre a prática em sua articulação com o gozo que não admitem respostas pré-definidas ou pré-estabelecidas.*<sup>58</sup>

De fato, o *axioma fantasmático* indicado aqui pela relação de conjunção-disjunção estabelecida entre o *eu*, na rigidez de sua miséria, e o *isso*, no comando da repetição sob transferência, constitui a novidade do segundo tempo da concepção psicanalítica do aparelho psíquico, *ali onde advém a construção do fantasma mais além do eu*<sup>59</sup>.

*Wo Es war, soll Ich werden (Onde Isso era, Eu devo advir)*<sup>60</sup> imperativo ético que na letra de Freud se impõe, então, a cada analista no rigor de sua prática, prática essa que haverá de se estabelecer para além das capturas do eu imaginário, criando condições de possibilidade à produção do novo no radical de sua singularidade.

Sobre o rigor de tal prática, Lacan interroga:

*Será que não há uma outra concepção da análise que permita concluir que ela é algo diferente da reconstituição de uma parcelarização fundamental imaginária do sujeito?*<sup>61</sup>

E adverte:

*(...) certamente o analista pode, por intermédio de determinadas interpretações da resistência, através de determinada redução da experiência total da análise aos seus elementos unicamente imaginários, chegar a projetar no paciente as diferentes*

*características do seu eu de analista (...). O que Freud nos ensinou é muito diferente.*<sup>62</sup>

O *eu* assim revelado não terá mais como ser confundido com a função repressora e censuradora a ele atribuídas no início das postulações freudianas nem aproximado exclusivamente ao objeto do investimento libidinal da época do narcisismo; o *eu* passa a ser tomado também, tal como nos descreve Freud em *El yo y el ello* (1923), como o *cavaleiro da vontade do isso como se fosse a sua própria*.<sup>63</sup>

Dedicando o segundo de seus seminários - *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise* - a discutir tais questões, que não deixam de se reapresentar em vários pontos de outros de seus seminários e escritos, Lacan insiste em investigar:

*(...) o que é o sujeito?, na medida em que é, tecnicamente, no sentido freudiano do termo, o sujeito inconsciente, e daí, essencialmente o sujeito que fala.*<sup>64</sup>

encaminhando logo em seguida:

*Ora, está-nos parecendo, cada vez mais claramente, que o sujeito que fala está para além do eu.*<sup>65</sup>

*Trata-se, portanto, ainda segundo Lacan nesse Seminário, de o sujeito descobrir progressivamente a que Outro ele verdadeiramente se endereça, apesar de não sabê-lo, e de ele assumir progressivamente as relações de transferência no lugar onde está, e onde, de início, não sabia que estava.*<sup>66</sup>

Mas, retornando mais uma vez à comparação freudiana do *eu* com um cavaleiro - e também com um empregado da vontade do *isso* - teremos melhor explicitada a relação entre o *eu* e o *isso* nesse segundo tempo da obra freudiana, tempo esse que vem apontar ao tratamento analítico, uma nova direção. Freud afirma:

*Assim, com relação ao isso, (o eu) parece-se com o cavaleiro que deve refrear a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com suas próprias forças, enquanto o eu o faz com forças emprestadas. Esta comparação estende-se um pouco mais.<sup>67</sup>*

E prossegue:

*Assim como o cavaleiro, se quer permanecer sobre o cavalo, freqüentemente não lhe resta outro remédio que conduzi-lo aonde este quer ir, também o eu costuma transpor em ação a vontade do isso como se fosse a sua própria.<sup>68</sup>*

Posteriormente, em sua Conferencia 31 - *La Descomposición de la Personalidad Psíquica (1933)*, tal metáfora é mais uma vez retomada por Freud, sendo que a relação econômica entre as duas instâncias aí se destaca de modo especial. É assim que nessa Conferência, ao referir-se ao *pobre eu que serve a três severos amos*, assinala:

*Pulsionado pelo isso, apertado pelo supereu, repellido pela realidade, o eu luta por dominar sua tarefa económica, por estabelecer a harmonia entre as forças e influxos que atuam dentro dele e sobre ele, e compreendemos porque tantas vezes*

*resulta impossível sufocar a exclamação:  
'A vida não é fácil!'<sup>69</sup>*

Revela-se, com isso, a miserável condição do *eu* neurótico, pobre *eu* que a todo custo resiste por permanecer no controle desse indomável cavalo pulsional. Missão que certamente toca o impossível, o *eu* concentra-se, desse modo, em seu esforço de harmonizar, como dizia Freud, as forças de *três severos amos - isso, supereu e realidade* - fazendo-se deles seu fiel empregado.

Em *Análisis Terminable e Interminable* (1937), insistindo ainda na observação dos efeitos sobre a existência neurótica dessa tão empobrecida economia arduamente mantida pelo paciente, Freud, ao tratar dos mecanismos de defesa que o *eu* utiliza para se proteger dos perigos da vida que o cercam, volta a afirmar:

*Os mecanismos de defesa servem ao propósito de afastar perigos. É inquestionável que o conseguem; é duvidoso que o eu, durante seu desenvolvimento, possa renunciar por completo a eles, mas é também seguro que eles mesmos podem converter-se em perigos.<sup>70</sup>*

Assinalando em seguida:

*Muitas vezes o resultado é que o eu pagou um preço demasiado alto pelos serviços que eles lhe prestam.<sup>71</sup>*

Alto preço pago pelos serviços prestados, ganhos escassos e êxitos arruinados, a vida do neurótico não é mesmo nada fácil, atravancada por suas

queixas e repetições que tanto o impedem de abrir mão de uma sempre mesma posição fixamente empregada a serviço do Outro.

Assim, utilizando-nos mais uma vez da fala de C. em sua divisão: “Não sei porque sou assim / Eu sou apenas uma empregada”, observamos que o *eu* em sua permanente tentativa de síntese, fracassa - *A função sintética do eu (...) sucumbe a toda uma série de perturbações*<sup>72</sup>, assinala Freud em um de seus últimos textos - , ao que Lacan propõe: *já que essa síntese não se realiza jamais, seria mais vantajoso dizer função de mestria.*<sup>73</sup>

Mestre, senhor, cavaleiro e empregado, o *eu* esforça-se, então, por sintetizar a ilusão de uma unidade, armadura racional que não comporta contradições. Antecipando ao sujeito uma imagem única e constante do despedaçamento do corpo que este habita, o *eu* encanta em sua armadilha de engano ao fazer sua, a vontade do isso.

Enfim, o “ser empregada” confirma-se aqui como um preciso indicador da miserável posição do neurótico em seu laço com a linguagem, laço esse revelado pela pobre rigidez que o *eu* a todo custo mantém e que o aprisiona em sua escravidão. Lacan nos ajuda a concluir esse ponto quando diz:

*Somos seres nascidos do mais-de-gozar, resultado do emprego da linguagem. Quando digo emprego da linguagem, não quero dizer que a empreguemos. Nós é que somos seus empregados. A linguagem nos emprega, e é por aí que aquilo goza.*<sup>74</sup>

Isso que de gozo se impõe ao sujeito, marca-o, portanto, de modo único em seu confronto com a linguagem, campo d'isso de desejo do Outro que, sob a forma de enigma, constitui o ser falante. Ainda que nesse mesmo golpe, a garantia de sua existência dentro dos moldes do *eu* e da razão, revele-se desde sempre e para sempre perdida.

**“...Meus problemas agora são meus sonhos”**

*Ninguém pode praticar a interpretação de sonhos como atividade isolada; ela é sempre uma peça do trabalho analítico.<sup>75</sup>*

*(Freud, 1925)*

Se, desde os primórdios da Psicanálise, *a interpretação do sonho é a via régia para o conhecimento do inconsciente dentro da vida anímica (1900)*, será ao descrevê-lo como *uma peça do trabalho analítico<sup>76</sup>* que Freud irá confirmá-lo em seu valor fundamental na direção do tratamento.

Sentido a ser produzido no próprio trabalho de sua interpretação, *o sonho só tem valor na análise como ‘o vetor da palavra’, quer dizer, o que faz falar o sujeito e que ao mesmo tempo, focaliza suas palavras, desviando-o de falar de qualquer coisa, das ninharias de sua pequena vida cotidiana e dirigindo-o para o que está aí, sem que ele o saiba.<sup>77</sup>*

Assim, frente a esse saber que aí está sem que dele o sujeito nada saiba, o sonho, ponto de metáfora que convida à metonímia, opera na interpretação do desejo inconsciente, produzindo o sujeito em sua sobredeterminação - *A interpretação em seu termo, aponta para o desejo, ao qual, em outro sentido, ela é idêntica. O desejo é, em suma, a própria interpretação<sup>78</sup>*, nos lembra Lacan. Sem

dúvida, tal passagem - de um nada querer saber à construção de algum saber possível sobre o desejo inconsciente - requer em análise, um trabalho, trabalho de interpretação que só o é pelo seu efeito, efeito de sujeito, sustentado pelo analista em sua função.

Esclarecendo sobre tal função, em seu artigo *Saber e Limite*, E.Vidal afirma:

*A equivocidade do sonho (Vieldeutigkeit)\* determina o ato do analista como suspensão de sentido na sua escuta: o que ouve admite esta ou aquela interpretação e, além de um sentido evidente, outro se insinua.<sup>79</sup>*

Ponto de despertar do sujeito, o sonho - *uma porção de território novo arrancada da superstição e da mística<sup>80</sup>*, já que como nos alertava Freud desde o início, *não há ali nada de arbitrário<sup>81</sup>* - revela-se, então, na dimensão de enigma que lhe é peculiar, inaugurando, para além da evidência de um sentido, uma rede de possibilidades de significação. No entanto, vale ressaltar que, se por um lado, essa série de possibilidades associativas que o sonho inaugura aponta para o trabalho inconsciente em seu rigor, pode funcionar também como resistência a esse mesmo trabalho, quer seja como *função de resistência que consiste em proteger a indeterminação do sujeito.<sup>82</sup>*

E será exatamente no primeiro de seus artigos técnicos, ao escrever sobre *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise (1911)*, que Freud melhor especificará tal questão da resistência na produção onírica, advertindo ao analista:

---

\* Termo em alemão, no original.

*Em certas ocasiões, a produção onírica é tão copiosa, e tão vacilante o progresso do paciente no entendimento dos sonhos, que o analista não pode afastar de si a idéia de que esse oferecimento de material não seria senão uma exteriorização da resistência (...).<sup>83</sup>*

Ainda nesse mesmo artigo, ao reafirmar a única regra fundamental de todo tratamento analítico - expressa pela sustentação do desejo do analista, na forma enunciada ao paciente “diga tudo o que lhe vier à cabeça” - Freud conclui:

*Portanto, não se faz exceção à regra de tomar sempre a primeira coisa que passe pela mente do paciente, ainda que à custa de interromper a interpretação de um sonho.<sup>84</sup>*

Desse modo, sem constituir-se como *uma arte autônoma*<sup>85</sup> de interpretação, o que levaria a um ilusório esgotamento da significação a ser aí produzida, o trabalho dos sonhos haverá de constar, como qualquer outra manifestação inconsciente, do manejo da transferência em uma análise, onde, tanto o paciente como o analista encontram-se, cada qual à sua maneira, necessariamente implicados. *A transferência é um fenômeno em que estão incluídos, juntos, o sujeito e o psicanalista,*<sup>86</sup> pontua Lacan.

Certamente, a impossibilidade de que do sonho seja produzida uma significação integral remete-nos à noção introduzida por Freud ainda em 1900 que postula o *umbigo* como o ponto central de todo sonho que resiste à significação, descompletando-a em seu fechamento e sustentando, assim, a própria abertura ao trabalho inconsciente.

Será, assim, ao comentar sobre a novidade do ato freudiano, o qual instaura o campo dos sonhos - campo esse que é também o da transferência - como algo legítimo e original, que Lacan irá precisar:

*Não digo que Freud introduz o sujeito no mundo - o sujeito como distinto da função psíquica, a qual é um mito, uma nebulosa confusa - pois é Descartes quem o faz. Mas direi que Freud se dirige ao sujeito para lhe dizer o seguinte, que é novo - Aqui, no campo do sonho, estás em casa. Wo es war, soll Ich werden.<sup>87</sup>*

Inquietante estranheza que retorna sobre o pobre *eu* neurótico na forma de enigma, os sonhos revelam-se, desde então, na função desestabilizadora que lhes é peculiar, subvertendo a obviedade de uma formulação paradigmática e alienante do sujeito ao desejo do Outro. Tal formulação encontra-se expressa, por exemplo, na fala da paciente em sua resistência: “Eu sou apenas uma empregada”, resumo de sua existência em uma única e empobrecida significação.

Inaugurado por um importante giro discursivo - “Não sei porque sou assim”/ “Meus problemas agora são meus sonhos” - o tempo de produção onírica agora instalado revela, no percurso dessa análise, a abertura ao inconsciente em sua operação de trabalho.

Prosseguindo, então, na direção de localizarmos a interpretação dos sonhos em uma análise na articulação ao manejo da transferência que lhe é devida - direção essa que observávamos ressaltada acima na afirmação de Freud - passemos agora às pontuações de alguns sonhos que nessa análise se destacaram. Indicando

importantes mudanças em sua posição de sujeito - *Wo es war, soll Ich werden*, dever ético que nos importa sustentar - a sequência de sonhos pontuada em seguida corresponde ao percurso de trabalho da paciente em análise, trabalho esse que se manteve até sua decisão de retornar à “terra natal” - “esse sempre foi meu maior sonho”, *verdade* desde sempre aí que se desvela ao final.

### Sonho 1\*

“Acho que nunca tinha sonhado antes. Essa semana sonhei muito. Nem consegui dormir direito. Não me lembro de nada; sei que tinha muita gente e muita coisa acontecendo. Não sei. Só sei que estava trabalhando.”

Sonho inaugural - “acho que nunca tinha sonhado antes” - aponta para uma primeira mudança de posição na fala de C. que de empregada a serviço do Outro encontra-se agora desperta pelo desconforto do *saber* inconsciente - “Nem consegui dormir direito”.

Ainda nessa direção do despertar do sujeito provocado pela abertura ao *saber* inconsciente aí escutada, uma outra fala da paciente também se destaca na mesma ocasião do relato de seu primeiro sonho em análise: ao descrever, entre fascinada e intrigada, sua primeira visita a um museu de história natural, ela diz:

“Precisava saber o que tinha lá.”

Indagando em seguida:

---

\* Interessante notar que os “sonhos” de C. também diziam respeito, como ela mesma insistia em afirmar, aos “projetos de vida” que ainda tinha por realizar.

“Mas, afinal, os bichos do museu são verdadeiros ou não? Se eles dão tanta impressão de verdade, acho que eles só podem ser de verdade”, conclui, vacilante.

Certamente, essa “impressão de verdade”, dimensão real que se instala para além de uma ilusão, irá confirmar, no a posteriori de outras indagações de C., a emergência para ela, de uma “outra realidade”, realidade inconsciente, onde o verdadeiro e o falso não são mais do que significantes que se articulam por oposição, produzindo o sujeito em sua divisão. A paciente passa a empregar-se agora, em suas interrogações, a serviço de seus sonhos e do que daí faz enigma.

Em termos transferenciais, esse momento, além de caracterizar uma disposição de C. ao trabalho de análise (expressa pela insistência no trabalho associativo), sinaliza também suas primeiras tentativas em rever posições há muito adotadas em sua posição como empregada (especialmente no que dizia respeito, por exemplo, às suas dificuldades em pedir aumento de salário e/ou folgas), a qual se definia por sua formulação:

“Tenho que estar sempre ali. Não posso deixar ninguém esperando.”

### Sonho 2 \_

“Hoje acordei muito assustada. Sonhei com um homem que ia me buscar. Eu estava em casa e quando o homem chegava, ele resolvia levar meu filho e eu ficava. Saía correndo atrás do meu filho e não encontrava mais ele.”

(Ele quem? - indaga a analista)

“Não encontrava nem o homem nem meu filho.  
Estava tudo perdido.”

No trabalho associativo desse sonho, a paciente fala em “desistir de tudo.”

(Tudo o quê?!, estranha a analista)

“Da minha escola, da minha vida no Rio e também da minha análise. Acho que não tem outro jeito”.

“Tudo perdido”, como no sonho de C.? Momento de difícil manejo na transferência, quando a analista é especialmente requerida a comparecer em suas táticas e estratégias, e mais ainda, em sua política, que possibilitem a permanência do trabalho analítico. A reafirmação de uma aposta, então, se impõe: se não há aí “outro jeito”, senão o de desistir de tudo, um outro jeito - para prosseguir o trabalho - está para ser, em análise, construído. A paciente empenha-se, no entanto, em justificar sua intenção de interromper o tratamento - não tem mais do que reclamar já que as dores que tanto a afligiam no início, cessaram, levando-a a concluir: “Continuar vindo, mesmo sem dores...Aí já é demais prá quem é pobre.”

Resistências à parte, emerge, na conjugação com o desejo do analista em sua aposta, o sujeito do inconsciente em sua insistência - C. continuava não só comparecendo às sessões, aceitando o convite a falar, como continuava também se intrigando com os sonhos que não deixavam de aparecer em sua análise, não deixando-a dali desaparecer.

Nessa ocasião, ela diz:

“Tenho sonhado sempre. Não consigo me lembrar de nada mas me disseram que sonhar é bom prá saúde. É isso mesmo?”

(É isso mesmo!, sustenta a analista).

### Sonho 3 \_

“Sonhei que minha patroa tinha morrido. É só isso. Do resto, eu não lembro.”

Ponto crucial do percurso do sujeito em análise, a angústia, aqui revelada na crueza desse sonho, funciona como um importante sinal na direção do tratamento, já que como E.Vidal nos esclarece: *Certos sonhos são ricos em sentido, de outros nada se sabe. Entre esses dois pontos opera o efeito da interpretação, em muito incalculável.*<sup>88</sup>

Assim, indicando o efeito de alguma separação produzida a partir do trabalho em análise da paciente, efeito de interpretação que será confirmado no a posteriori de suas associações, tal sonho aponta para a insuficiência da posição de “apenas uma empregada”, que já não traz a C. tanta satisfação como de início.

Retornando a Freud no trecho de *A Interpretação dos sonhos* em que trata de *O despertar pelo sonho. A função do sonho. O sonho de angústia*, encontramos:

*Que um processo psíquico que produza angústia possa ser, apesar disso, uma realização de desejo, há muito tempo já não estabelece contradição alguma para nós.*<sup>89</sup>

Ainda sobre *A Angústia na sua relação com o Desejo*, vale ressaltar a definição de Lacan que diz:

*A angústia é o último modo, modo radical, sob o qual o sujeito continua a sustentar, mesmo que de uma maneira insustentável, a relação com o desejo.*<sup>90</sup>

Da radicalidade da angústia em seu desengano, o sujeito é produzido como efeito, na insistência de inscrever pelo sonho, algo do impossível a sustentar de sua *verdade*.

No trabalho associativo de C., a direção de separação - ainda que *de uma maneira insustentável* - escutada anteriormente, então, se confirma, atualizada em seu relato:

“Às vezes converso com minha patroa sobre como vou ficar quando ela morrer. Ela tem 72 anos e eu 42. Mas também pode ser que eu morra antes. Não dá prá saber quem vai primeiro. Isso tudo me deixa muito aflita.”

(Isso o quê? , indaga a analista)

“Essa coisa de não poder saber de tudo o que vai acontecer na vida da gente. Já fui até numa cartomante mas não adiantou nada. Acho que a vida é assim mesmo. Tem que deixar acontecer.”

Nesse tempo, C. faz questão de, “pela primeira vez na vida”, tirar férias. Até então, sempre as negociara com a patroa mas “acabava sem o dinheiro e sem as férias.”

Nem dinheiro nem férias; Freud, em uma de suas conferências, ao descrever *O Estado Neurótico Comum* (1916-17), afirma:

*Por regra geral, logo se percebe que o eu fez um mau negócio abandonando-se à neurose.<sup>91</sup>*

E prossegue:

*Pagou caro demais um alívio do conflito, e as sensações penosas atreladas aos sintomas são talvez um substituto equivalente às mortificações do conflito, e ainda provavelmente, implicam uma quantidade maior de desprazer.<sup>92</sup>*

Miséria neurótica que, no paradoxo de sua manutenção, exige do paciente um alto preço a pagar por seus sintomas e repetições.

#### Sonho 4

“Estou de novo sem assunto mas vou falar de um sonho muito estranho que tive essa noite. Sonhei com meu pai - ele estava como um mendigo, caído no chão e com muita fome; me pedia para cozinhar para ele e eu tinha que fazer mais e mais comida. Parecia que ele nunca tinha se alimentado na vida! Quando acordei, pensei: Por quê só eu podia fazer a comida dele?”

De sua posição de alimentar um Outro faltoso no imperativo de suas exigências - “apenas uma empregada” a serviço desse Outro nos ditos da resistência neurótica - o sujeito aí emerge no modo de uma questão: “por quê só eu?”.

Se, como a clínica insiste em nos ensinar, o Outro, em sua condição absoluta, configura-se como uma invenção fantasmática do neurótico, que assim supõe dar sentido à sua existência, uma interessante observação desse tempo da análise de C., então, se destaca: algo de uma vacilação sobre a demanda do Outro parece agora, no intervalo de sua interrogação, produzir-se, relançando o próprio sujeito a uma retificação de sua insustentável expectativa de corresponder integralmente a tal demanda.

No Seminário sobre *A Transferência*, Lacan, ao investigar sobre o estatuto da *Demanda e Desejo nas Fases Oral e Anal*, assinala:

*A ambivalência primeira, própria a toda demanda, é que, em toda demanda, é igualmente implicado que o sujeito não quer que ela seja satisfeita. O sujeito visa em si a salvaguarda do desejo, e testemunha a presença do desejo inominado e cego.*<sup>93</sup>

Mas, se o sujeito visa em si a salvaguarda do desejo, é mesmo ao tomar o desejo do Outro na dimensão de enigma a este peculiar, que o sujeito irá situar-se no registro que lhe permitirá realizar alguma articulação possível de sua condição como desejanter. Registro esse que é o da demanda - já que *o desejanter, enquanto tal, nada pode dizer de si mesmo, a não ser abolindo-se como desejanter (...); a partir do momento em que diz, o sujeito nada mais é que mendicante, ele passa ao registro da*

*demanda (...) <sup>94</sup> - possibilita, assim, a formulação estruturante do sujeito em sua relação ao Outro - ele me diz isso, mas o que é que ele quer? <sup>95</sup>*

Em termos da análise de C., tal dimensão inaugura-se em seu trabalho de produção e interpretação de sonhos que traz, em associação ao relato desse último sonho, uma outra fala sua especialmente importante: referindo-se aos mendigos que vê na rua quando vem para a análise, ela diz ter muita dúvida se deve ou não ajudá-los, acabando por concluir:

“Eu fico dividida. Até posso dar alguma coisa; não tenho tudo mas não sou tão pobre assim; não posso é dar demais”.

Fala de divisão que opera, fazendo trabalhar o sujeito, fala agora de C. em uma outra posição - “não sou tão pobre assim”. Atravessada pela impossibilidade de um todo saber sobre a vida, real da *experiencia que reverdece eternamente*,<sup>96</sup> a paciente reafirma no particular de sua enunciação, o efeito de descolamento aí produzido, quando sua aprisionante posição inicial de “apenas uma empregada” a serviço do Outro passa, então, a ser revista.

Certamente, os elementos que do sonho interessam-nos sublinhar: “pai mendigo”, “cozinhar para ele” (como uma empregada), “nunca tinha se alimentado”, conjugam-se como significantes da posição desse sujeito em relação ao Outro, apontando, pelas vias do desejo e da demanda, para o simbólico da castração de todo ser falante em sua condição de *mendicante*. Pedinte das garantias do Outro, empregado de suas significações, o neurótico se lança, então, na busca de um objeto que o satisfaça por completo em suas necessidades.

Na impossibilidade desse encontro, *pois existe sempre discordância do objeto reencontrado com relação ao objeto procurado*<sup>97</sup>, o sujeito se funda, constituído por uma carência que é, portanto, de estrutura. (...) *é no próprio modo de confronto entre as duas demandas que jaz este ínfimo gap, esta hiância, este rasgão, onde se insinua de uma maneira normal a discordância, o fracasso pré-formado do encontro. Este fracasso consiste, justamente, em não ser encontro de tendências, mas encontro de demandas.*<sup>98</sup> Assim, comentando ainda sobre a demanda e o desejo no trecho já citado de seu seminário sobre *A Transferência*, Lacan volta a afirmar: *A demanda oral tem um outro sentido além da satisfação da fome,*<sup>99</sup> fundamentando a direção de uma escuta essencialmente discursiva às carências do sujeito neurótico, direção essa, de fato, já apontada por Freud ao falar da realidade psíquica como a realidade decisiva no mundo da neurose.

(...) *A tendência da boca que tem fome se exprime por esta mesma boca numa cadeia significante; entra nela esta possibilidade de designar o alimento que é o desejo. Mas Que alimento é esse?*, interroga Lacan, considerando em seguida:

*A primeira coisa que resulta disso é que esta boca pode dizer: Esse não. A negação, o afastamento, o eu gosto disso e não de outra coisa do desejo, já entra aqui, e aqui explode a especificidade da dimensão do desejo.*<sup>100</sup>

Ora, definir, então, a priori, as carências de toda uma “população” bem como seus objetos de satisfação de uma forma única e homogênea é, no mínimo, reduzir a ampla gama discursiva de cada sujeito na singularidade de seu desejo a uma indevida generalização de suas demandas. Tal generalização torna-se ainda

mais grave quando confrontada aos rigorosos parâmetros da experiência atualizada no um a um de cada análise.

Assim, se uma análise só se verifica mesmo por seus efeitos, retornarmos agora às pontuações que acompanharam o percurso analítico de C., no a posteriori de sua experiência, possibilitou-nos depreender daí um importante ensinamento clínico: considerando as significativas mudanças de posição subjetiva operadas a partir de seu trabalho de análise com relação à posição de miséria que tanto a aprisionava na condição de “ser empregada”, observamos que a enganosa obviedade demonstrada por tal posição, de modo algum se define, em termos psicanalíticos, pela “baixa renda” do paciente. Se assim fosse, estaríamos compartilhando com o senso comum, a realidade empírica dos fatos que pretendem descrever o paciente “pobre”.

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- <sup>1</sup> FREUD, S. “Nuevos Caminos de la Terapia Psicoanalítica” (1919[1918]) in: *Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1992, v. XVII, p.160.
- <sup>2</sup> LACAN, J. O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise \_ Seminário II (1954-55), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p.10.
- <sup>3</sup> FREUD, S. “Sobre la iniciación del tratamiento \_ Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis I” (1913) in : *Op. Cit.* V.XII, p.134.
- <sup>4</sup> FREUD, S. “El Malestar en la Cultura” (1930[1929]) in: *Obras Completas*, v. XXI, p.65.
- <sup>5</sup> Idem, *ibidem*, pp.65-140.
- <sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p.139.
- <sup>7</sup> Idem, *ibidem*, p.139.
- <sup>8</sup> Por “cosmovisão” Freud define: “uma construção intelectual que soluciona de maneira unitária todos os problemas de nossa existência a partir de uma hipótese suprema; dentro dela, portanto, nenhuma questão permanece aberta e tudo o que receba nosso interesse encontra seu lugar preciso.” , considerando a Psicanálise “por completo inapta” para tal.  
Esse trecho bem como a citação correspondente no texto encontram-se em *Nuevas Conferencias de Introducción al Psicoanálisis - Conferencia 35: En torno de una cosmovisión* in: *Op.cit.*, v. XXII, p.146.
- <sup>9</sup> MANONNI, O. “Astolfo et Sancho” in: *Nouvelle Revue de Psychanalyse* 8 (7-22), Paris, Gallimard, p.17.
- <sup>10</sup> FREUD, S. “Nuevos Caminos de la Terapia Psicoanalítica” (1919[1918]) in: *Op.Cit.*, v.XVII, p.163.
- <sup>11</sup> \_\_\_\_\_. “El Malestar en la Cultura” in: *Op.Cit.*, v.XXI, p.75.
- <sup>12</sup> Idem, *ibidem*, p.75.
- <sup>13</sup> QUINET, A. *As 4+1 Condições da Análise*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1997, p.96.
- <sup>14</sup> FREUD, S. *Op.Cit.*, p. 76.
- <sup>15</sup> VIDAL, E. “A Torção de 1920” in: *Pulsão e Gozo*, Ano XI, 10/11/12, Publicação da Escola Letra Freudiana, Dumará, Rio de Janeiro, 1990, p.24.
- <sup>16</sup> FREUD, S. “La Transitoriedad” (1916[1915]) in: *Op.Cit.*, v.XIV, pp.309-311.
- <sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p.309.
- <sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p.310.
- <sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p.309.

- 
- <sup>20</sup> Idem, ibidem, p.310.
- <sup>21</sup> Idem, ibidem, p.310.
- <sup>22</sup> SANTOS SOUZA, N. "Determinismo e Responsabilidade" in: *A Ciência e a Verdade: um Comentário*, Revinter, Rio de Janeiro, 1996.
- <sup>23</sup> LACAN, J. "Apertura de la seccion clínica" (1977) in: *La Clínica Psicoanalítica*, Altazor, Buenos Aires, 1980.
- <sup>24</sup> FREUD, S. "El Malestar en la Cultura" (1930[1929]) in: *Op.Cit.*, pp.76-7.
- <sup>25</sup> \_\_\_\_\_. "Nuevos Caminos de la Terapia Psicoanalítica" (1919[1918]) in: *Op.Cit.*, v.XVII, pp.155-163.
- <sup>26</sup> QUINET, A. *Op.Cit.*, p.96.
- <sup>27</sup> FREUD, S. "Las Neuropsicosis de Defensa" (1894) in: *Op.Cit.*, v.III.
- <sup>28</sup> \_\_\_\_\_. Parte III "Doctrina General de las Neurosis" (1917[1916-1917]) in: Conferências de Introducción al Psicoanálisis, *Op.Cit.*, v.XVI.
- <sup>29</sup> \_\_\_\_\_. "Conferências de Introducción al Psicoanálisis", (1916-17[1915-17]) in: *Op.Cit.*, v.XV, p.10 (prólogo acrescentado em 1930)
- <sup>30</sup> \_\_\_\_\_. Conferencia 17 - "El Sentido de los Síntomas" in: Conferencias de Introducción al Psicoanálisis, Parte III (1917[1916]), *Op.Cit.*, v.XVI, p.235.
- <sup>31</sup> LACAN, J. "*Función y Campo de la Palabra y del Lenguaje en Psicoanálisis*" (1953) in *Escritos*, Tomo I, Siglo Veintiuno Editores, Madrid, 1995, p.270.
- <sup>32</sup> FREUD, S. "Duelo y Melancolía" (1917[1915]) in: *Op.Cit.*, v.XIV, pp.237-255.
- <sup>33</sup> Idem, ibidem, p.243.
- <sup>34</sup> COSENTINO, J.C. "A Concepção do Sintoma em Diferentes Momentos da Obra Freudiana" in: *Do Sintoma...ao Sinthoma*, Publicação 17/18 da Letra Freudiana, Revinter, Rio de Janeiro, 1996, p.4.
- <sup>35</sup> Idem, ibidem, p.19.
- <sup>36</sup> Idem, ibidem, p.21.
- <sup>37</sup> FREUD, S. Conferencia 23 \_ "Los Caminos de la Formación de Síntoma" in Conferencias de Introducción al Psicoanálisis, Parte III (1917[1916]), *Op.Cit.*, v.XVI, p.342.
- <sup>38</sup> \_\_\_\_\_. Conferencia 24 \_ "El Estado Neurótico Común" in: Conferencias de Introducción al Psicoanálisis, Parte III (1917[1916]), *Op.Cit.*, v.XVI, p.349.
- <sup>39</sup> Idem, ibidem, p.349.
- <sup>40</sup> Idem, ibidem, p.349.
- <sup>41</sup> FREUD, S. "Más allá del Principio de Placer" (1920) in: *Op.Cit.*, v.XVIII, pp.7-62.

- 
- <sup>42</sup> \_\_\_\_\_. "Inhibición, Síntoma y Angustia" (1926[1925]) in: *Op.Cit.*, v.XX, pp.63-164.
- <sup>43</sup> Idem, *ibidem*, p.150.
- <sup>44</sup> Idem, *ibidem*, p.107.
- <sup>45</sup> FREUD, S. "El Creador Literario y el Fantaseo" (1908[1907]) in: *Op.Cit.*, v.IX, p.132.
- <sup>46</sup> \_\_\_\_\_. "Sobre Psicoanálisis" (1913[1914]) in: *Op.Cit.*, v.XII, p.211.
- <sup>47</sup> \_\_\_\_\_. "Conferencia 34 - Esclarecimientos, Aplicaciones, Orientaciones" (1933[1932]) in: *Op.Cit.* v. XXII, p.140.
- <sup>48</sup> LACAN, J. "Función y Campo de la Palabra y del Lenguaje en Psicoanálisis" (1953) in: *Escritos*, tomo 1, Siglo XXI Editores, México, 1955, p.256.
- <sup>49</sup> \_\_\_\_\_. *O Seminário*, livro 11, "Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise" (1964), Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1985, p.239.
- <sup>50</sup> Idem, *ibidem*, p.240.
- <sup>51</sup> FREUD, S. "Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de 'neurosis de angustia'" (1895[1894]) in: *Op. Cit.*, v. III, p.94.
- <sup>52</sup> \_\_\_\_\_. "Inhibición, Síntoma y Angustia" (1926[1925]) in: *Op.Cit.*, v.XX, p.125.
- <sup>53</sup> COSENTINO, J.C. "La Evolución del Concepto del Yo y sus consecuencias" in: *Las Resistencias en la Practica Freudiana*, Ediciones Manantial, Buenos Aires, 1987, p. 44.
- <sup>54</sup> FREUD, S. "Recordar, Repetir y Reelaborar \_ Nuevos Consejos sobre la técnica del Psicoanálisis II" (1914) in: *Op.Cit.* v.XII, pp.145-158.
- <sup>55</sup> FREUD, S. "Más allá del principio de Placer" (1920) in: *Op.Cit.*, v. XVIII, p. 18.
- <sup>56</sup> Idem, *Ibidem*, p.18.
- <sup>57</sup> Idem, *Ibidem*, p.18.
- <sup>58</sup> RABINOVICH, D. *La Teoria del Yo en la Obra de Jacques Lacan*, Ediciones Manantial, Buenos Aires, 1984, p.89.
- <sup>59</sup> COSENTINO, J.C. *Op.Cit.*, p. 66.
- <sup>60</sup> FREUD, S. "Conferencia 31- La Decomposición de la personalidad psíquica" (1933[1932]) in: *Op.Cit.*, v.XXII, p.74.
- <sup>61</sup> LACAN, J. *O Seminário.*, livro II: O Eu na Teoria de Freud e na teoria da Psicanálise, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1987, p.310.
- <sup>62</sup> Idem, *ibidem*, p.310.
- <sup>63</sup> FREUD, S. "El Yo y el Ello" (1923) in: *Op.Cit.*, v. XIX,p.27.

- 
- <sup>64</sup> LACAN, J. *Op. Cit.*, livro II: O Eu na Teoria de Freud e na teoria da Psicanálise, p. 221.
- <sup>65</sup> Idem, *ibidem*, p. 221.
- <sup>66</sup> Idem, *ibidem*, p. 311.
- <sup>67</sup> FREUD, S. “El Yo y el Ello” (1923) in: *Op. Cit.*, v. XIX, p.27.
- <sup>68</sup> Idem, *Ibidem*, p.24.
- <sup>69</sup> FREUD, S. “Conferencia 31- La Decomposición de la personalidad psíquica” (1933[1932]) in: *Op. Cit.*, v.XXII, p.73.
- <sup>70</sup> \_\_\_\_\_. “Análisis Terminable e Interminable” (1937) in: *Op. Cit.*, v.XXIII, p.239.
- <sup>71</sup> Idem, *ibidem*, p.239.
- <sup>72</sup> FREUD, S. “La Escisión del Yo en el Proceso Defensivo” (1940[1938]) in: *Op. Cit.*, v.XXIII.
- <sup>73</sup> LACAN, J. *Op. Cit.*, livro III: As Psicoses, (1955-1956), p.111.
- <sup>74</sup> \_\_\_\_\_. *Op. Cit.*, livro XVII: O Averso da Psicanálise, (1969-1970), p.62.
- <sup>75</sup> FREUD, S. “Algunas Notas Adicionales a la Interpretación de los sueños en su conjunto” (1925) in: *Op. Cit.*, v.XIX, p. 130.
- <sup>76</sup> \_\_\_\_\_. “La Interpretación de los Sueños” (1900) in: *Op. Cit.*, v.V, p.597.
- <sup>77</sup> SOLER, C. “Acerca del Sueño” in: *Finales de Analisis*, Ediciones Manantial, Buenos Aires, 1993, p.77.
- <sup>78</sup> LACAN, J. *Op. Cit.*, livro XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964), p.167.
- <sup>79</sup> VIDAL, E. “Saber e Limite” in: *Do Pai: O Limite em Psicanálise*, Publicação 21 da Letra Freudiana, Revinter Editora, Rio de Janeiro, 1977, p.11.
- <sup>80</sup> FREUD, S. Conferencia 29 - “Revisión de la doctrina de los sueños” in: *Nuevas Conferencias de Introducción al Psicoanálisis (1933[1932])*, *Op. Cit.*, v.XXII, p.7.
- <sup>81</sup> \_\_\_\_\_. “La Interpretación de los Sueños” (1900) in: *Op. Cit.*, v.V, p.509.
- <sup>82</sup> SOLER, C. *Op. Cit.*, p.77.
- <sup>83</sup> FREUD, S. “El Uso de la Interpretación de los Sueños en el Psicoanálisis” (1911) in: *Op. Cit.*, v.XII, p.88.
- <sup>84</sup> Idem, *ibidem*, p.88
- <sup>85</sup> Idem, *ibidem*, p.90
- <sup>86</sup> LACAN, J. *Op. Cit.*, Livro XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964), p.219.
- <sup>87</sup> Idem, *ibidem*, p.47

- 
- 88 VIDAL,E. *Op.Cit.*, p.11.
- 89 FREUD,S. “La Interpretación de los sueños” (1900) in: *Op.Cit.*, v.V. p.571.
- 90 LACAN,J. *Op.Cit.*, Livro VIII: A Transferência (1960-61), p.353.
- 91 FREUD,S. Conferencia 24 - “El Estado Neurótico Común” (1916-17) in: Conferencias de Introducción al Psicoanálisis, *Op. Cit.*, v.XVI, p.349.
- 92 Idem, *ibidem*, p.349.
- 93 LACAN,J. *Op.Cit.*, Livro VIII: A Transferência (1960-61), p.202.
- 94 Idem, *ibidem*, p.357.
- 95 LACAN,J. *Op.Cit.*, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964), p.203.
- 96 Alusão de Freud a uma fala de Mefistófeles, em Fausto (parte I, escena 4), que diz: *Cinza é toda teoria, caro amigo e eternamente verde a árvore da vida.*” FREUD,S. “Neurosis y Psicosis” (1924[1923]) in: *Op.Cit.*, v.XIX, p.155.
- 97 LACAN,J. *Op.Cit.*, Livro IV: A Relação de Objeto (1956-7), p.52.
- 98 \_\_\_\_\_. *Op.Cit.*, Livro VIII: A Transferência, pp.201-202.
- 99 Idem, *ibidem*, p.202.
- 100 Idem, *ibidem*, p.203.

## **II- DIMENSÃO DISCURSIVA**

## A Realidade como Fato de Linguagem

*(...) pouco a pouco aprendemos a compreender que no mundo da neurose, a realidade psíquica é a decisiva.<sup>1</sup>*

*(Freud, 1917)*

Não por acaso, a dimensão discursiva desse trabalho se inaugura na afirmação da realidade como fato de linguagem. Mas em que medida, a importância de tal afirmação torna-se ainda mais enfatizada em nosso texto?

Sem dúvida, a problemática da realidade em Freud revela-se como um dos pontos mais complexos de toda sua obra, já que o que é da ordem dos fatos, de uma certa realidade “em si”, encontra-se, desde então, definitivamente interrogado. Além disso, consideramos que afirmar e sustentar a realidade em sua dimensão discursiva, constitui tarefa necessária à manutenção da prática analítica no rigor que lhe é exigido, em especial em termos do atendimento clínico à “população de baixa renda”, onde as difíceis condições sócio-econômicas dos pacientes daí provenientes podem tornar-se capturantes armadilhas para o analista em sua escuta, justificando, ainda que indevidas, várias alterações em sua prática.

Assim, para introduzir a discussão desse ponto, destacamos uma importante indicação de Lacan que, ao retomar *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (Inconsciente, Repetição, Transferência e Pulsão)*, afirma:

*Na prática analítica, referir o sujeito em relação à realidade, tal como a supomos nos constituindo, e não em relação ao significante, vem já a cair na degradação da constituição psicológica do sujeito.<sup>2</sup>*

Correspondendo a realidade, então, a uma montagem significativa realizada pelo sujeito em sua interpretação do desejo do Outro, pobre seria supor, desde a perspectiva psicanalítica, essa mesma realidade constituída por uma existência autônoma dos fatos e desprovida de qualquer implicação do sujeito em sua produção.

Desdobrando a indicação anterior, Lacan adverte que:

*Todo ponto de partida tomado da relação do sujeito a um contexto real pode ter sua razão de ser em tal experiência de psicólogo. Pode dar resultados, ter efeitos, permitir compor tabelas. Mas, é claro, será sempre em contextos em que somos nós que a fazemos, a realidade - por exemplo, quando propomos testes ao sujeito, testes que são organizados por nós.<sup>3</sup>*

Concluindo em seguida:

*É o domínio de validade do que se chama psicologia, que não tem nada a ver com o nível em que mantemos a*

*experiência psicanalítica e que, se assim posso dizer, reforça incrivelmente a miséria do sujeito.<sup>4</sup>*

Ressaltamos também que a crítica assinalada acima encontra-se retomada no escrito de Lacan sobre *A Ciência e a Verdade* (1966), onde, ao analisar diferentes campos constitutivos do saber humano - aí descritos por ele como a ciência, a magia e a religião - o autor volta a alertar à equivocada psicologização do sujeito do inconsciente provocada por uma determinada condução da prática psicanalítica degradada em seu rigor. Os efeitos de tal psicologização podem ser, teórico e clinicamente, observados em termos da socialização e universalização dos comportamentos do sujeito em detrimento da singularidade discursiva que lhe é peculiar.

Assim, desse escrito, por ora, pontuamos:

*Uma coisa é certa: se é aí que se encontra o sujeito, no nó da diferença, qualquer referência humanista torna-se supérflua, pois é a ela que ele corta.<sup>5</sup>*

Tal diferença, em sua função de nó, irá localizar o sujeito no particular da amarração que o constitui, recusando-lhe, portanto, toda e qualquer consistência pelas imaginárias vias da razão. Depreende-se daí também uma outra importante consequência de tal localização do sujeito no *nó da diferença* que o constitui: qualquer universalização da realidade, de acordo com os moldes de uma “população”, mostra-se, pelos princípios psicanalíticos, estruturalmente impossibilitada. A realidade em sua condição fantasmática - e não do aparente universo empírico dos fatos - vem mesmo a confirmar a radical singularidade da existência do sujeito. *Ao universal que caracteriza a religião, por exemplo, a Psicanálise opõe uma efetividade restrita ao particular da experiência de análise*

*de cada um, efetividade que só pode ser aferida neste contexto de particularidade.*<sup>6</sup>

Mas, para melhor investigarmos sobre a “natureza” de tal sujeito bem como sobre a própria implicação deste na realidade por ele produzida, retornemos a Freud, acompanhando em sua obra, alguns pontos que de suas considerações sobre a realidade então se destacaram. Algumas consequências observadas na prática analítica decorrentes da indevida psicologização do sujeito também serão aqui pontuadas. Para tanto, retomemos, de início, a formulação freudiana que utilizávamos como epígrafe desse capítulo:

*(...) pouco a pouco aprendemos a compreender que no mundo da neurose, a realidade psíquica é a decisiva.*

Indicativa da subversão provocada pelo ato freudiano que redimensiona a noção de realidade de acordo com os parâmetros da constituição neurótica, retirando-a, assim, da obviedade empírica dos fatos, tal formulação encontra-se especialmente presente na série de *Conferencias de Introduccón al Psicanálisis* pronunciada por Freud em 1917. Nesse momento, ao percorrer *Los Caminos de Formación de Síntoma*, ele descreve não só as múltiplas negociações entre as três instâncias do aparelho psíquico, negociações essas que resultam na produção sintomática do paciente neurótico, bem como verifica a estreita articulação de tal produção ao mundo de fantasia - que é também o da mais familiar realidade - do sujeito.

*As vivências infantis construídas na análise, ou recordadas afirma, então, Freud na conferência citada, são algumas vezes irrefutavelmente falsas, outras vezes são com certeza verdadeiras, e na maioria dos casos, uma mescla de verdade e falsidade. Os sintomas são, então, ora a figuração de vivências que realmente aconteceram (...), ora a figuração de fantasias do paciente (...).*<sup>7</sup> Vale

ressaltar que a idéia de resistência aponta aqui ao paradoxo da recusa mas também da insistência, da firmeza do sujeito em seu trabalho de construção fantasmática.

Obtemos daí a noção de que a realidade do ser falante, ainda que sustentada por uma regulação simbólica que recai sobre todos os seres e configura o campo da linguagem humana, define o mundo de cada sujeito na dimensão de mais pura diferença e unicidade que lhe é peculiar. Essa noção nos levará a discutir também sobre o próprio estatuto da *verdade* no particular de sua função no discurso analítico, já que, correspondendo à montagem ficcional do sujeito em sua insistente (e resistente) tentativa de compreender e responder os enigmas de sua existência, a realidade adquire, em tal discurso, valor de *verdade*.

Nota-se ainda nesse ponto, uma importante alteração do texto freudiano que passa a operar, desde então, com uma outra realidade do “acontecimento” traumático, não mais correspondente, como de certo modo no início, ao vivido do paciente, mas sim, à *figuração* que daí se produz. Assim, se de algum modo, tal alteração encontrava-se anunciada em Freud desde sua carta 69 a Fliess, onde ele reconhece que: (...) *no inconsciente não existe um signo de realidade, de modo que não se pode distinguir a verdade da ficção investida com afeto,*<sup>8</sup> é mesmo ao aproximar a realidade da *verdade* e da ficção, *modus operandi* da constituição neurótica, que tal direção se confirma.

Constituída em sua dimensão de perda - perda de uma toda satisfação pulsional só atingível de modo mítico, in-satisfação da experiência exemplarmente descrita por Freud em *La Interpretación de los sueños* - a realidade passa, então, a ser reconhecida, em termos psicanalíticos, na *verdade* de sua fantasia, véu do traumático operando enquanto causa.

Assim, do vivido do “acontecimento” ao particular de sua figuração inconsciente, um percurso se define, percurso de Freud no avanço de suas postulações, percurso do sujeito no trabalho de construção de suas respostas aos enigmas da existência humana.

Ao traçar suas considerações sobre *A Realidade da Psicanálise*, A.B.Freire contribui:

*Freud introduz a dimensão da verdade e do mito enquanto operador que irá permitir ao sujeito articular aquilo que escapa ao simbólico. Ele renuncia então à busca de um trauma como puro excesso de excitação e passa para a fantasia, através da reconstrução.<sup>9</sup>*

E prossegue:

*Nessa passagem do trauma para a fantasia, percebe-se, entretanto, que Freud persiste na pesquisa de uma realidade perdida -mesmo se essa realidade não se apresente mais sob a suposição de um acontecimento vivido, mas sim sob a forma de um sentimento de realidade (Wirklichkeit), de uma fragmentação de realidade própria à reconstrução ou à fantasia.<sup>10</sup>*

Ora, reduzir, portanto, a existência do sujeito, e de sua realidade, à percepção de fatos empiricamente observáveis parece-nos corresponder não só à indevida psicologização deste, já apontada anteriormente, bem como à própria reedição do miserável processo de empobrecimento típico da condição neurótica.

Já que *no inconsciente não existe um signo de realidade*, como bem apontava Freud reafirmando a dimensão significativa que encontra-se aí instaurada, com tal “redução” da realidade, estaríamos provocando um inadequado apagamento das diferentes possibilidades interpretativas de tais fatos e a conseqüente configuração de uma “mesma e única” realidade aos sujeitos conformados na ilusão de uma “população”.

Mas sob quais fundamentos, a realidade sustenta-se, em termos do discurso analítico, na condição de fato de linguagem - e não de fato “em si” - que lhe é própria? E ainda uma outra questão que daí se desdobra: em que medida, tomar a realidade em uma outra dimensão que não a que lhe é devida - (...) *só existe mundo através do discurso*<sup>11</sup>, nos lembra A.B.Freire - não é provocativa de sérias interferências sobre o próprio rigor da prática analítica?

Orientados pela importância de tais questões na sustentação da realidade enquanto fato de linguagem, imperativo ético da experiência analítica no radical de sua originalidade, privilegiaremos agora o texto de Freud sobre *A Negação* (1925)<sup>12</sup>, não sem antes realizarmos uma breve recorrência a outro de seus textos que trata de *La Pérdida de Realidad en la Neurosis y la Psicosis* (1924)<sup>13</sup>.

Em *A Negação* encontraremos uma precisa articulação do modo de constituição da realidade para o neurótico, então descrito a partir de duas operações discursivas fundamentais, quer seja, a *afirmação* (*Bejahung*) e a *expulsão* (*Ausstossung*), essa sucedida pela *negação* (*Verneinung*).

No entanto, antes de dedicarmo-nos à pontuação de tal texto, vale ressaltar a afirmação freudiana em *La Pérdida de Realidad...*, onde, ao retomar algumas de suas considerações anteriores sobre os traços diferenciais entre

neurose e psicose, Freud irá definir exatamente de acordo com a constituição da realidade - e de sua figuração pelo sujeito - tais diferenças. Referindo-se, então, à neurose, que é o que nos interessa aqui investigar, ele afirma: (...) *a serviço da realidade, (a neurose) sufoca um fragmento do isso (vida pulsional) (...)*<sup>14</sup>.

Certamente, tal sufocamento não se dá sem consequências para o sujeito. Efeito de demarcação do “mundo exterior” e “interior” na precariedade dos limites que os constituem, “dentro” e “fora” que respondem pela estranha familiaridade da realidade na neurose, a expulsão dos imperativos pulsionais só vem, na verdade, a anunciar seu retorno.

Marca primeira de uma afirmação que é fundante, *Bejahung* do sujeito no campo da linguagem, o eu-prazer, então, se inaugura, tratando de expulsar (*Ausstossung*) cada fragmento pulsional que lhe remeta ao desprazer, o *que constitui o real excluído da ordem do simbólico*.<sup>15</sup>

Equilíbrio nada constante, uma oscilação entre “dentro” e “fora”, entre “eu” e “não-eu”, assim, se estabelece para o sujeito, produzindo-se, a partir daí, uma não-coincidência estrutural entre seu mundo de representações e suas percepções.

Nos comentários que traça sobre o texto freudiano *A Negação*, E. Vidal pontua:

*Essa não-coincidência, o corte entre representação e percepção, funda o lugar do inconsciente como inscrição da diferença.*<sup>16</sup>

Calcada na diferença que a faz única, a montagem da realidade funcionará, portanto, como um recobrimento (ainda que não todo) d'isso traumático para o sujeito, véu fundante da sua operação de alienação na cadeia discursiva, *petrificando-o pelo mesmo movimento que o chama a funcionar, a falar como sujeito.*<sup>17</sup>

Sobre tal operação, Lacan afirma:

*A alienação consiste nesse vel que (...) condena o sujeito a só aparecer nessa divisão (...), de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro (...) como afânise.*<sup>18</sup>

Interessante notar que é possível depreendermos de tais pontos, o equívoco significante entre o véu - em sua função de recobrimento- e o vel - elemento lógico que define a oposição exclusiva (ou-ou) entre os elementos de uma estrutura<sup>19</sup>- ambos referidos às operações de constituição do sujeito descritas por Lacan como a alienação e a separação. Ora, de um lado, sentido, de outro lado, afânise (apagamento, *fading*), divisão não exata do sujeito em sua ex-sistência, caracterizada essa de modo sempre pontual e evanescente, ainda que, imaginariamente, consistente.

Mas de que modo o sujeito, efeito da divisão que o constitui, vem a inscrever-se no campo da linguagem pelo particular de seu enganchamento discursivo, configurando, com isso, sua mais íntima realidade?

*A Negação é a resposta freudiana que porta, exatamente por sua apresentação discursiva, o próprio estatuto da realidade na experiência analítica. Afirmar e negar impõem-se, então, como dois tempos na lógica de constituição do paciente neurótico, permitindo-lhe, pelo recalque, seu acesso à condição desejante.*

*Ato do sujeito, empurrando-o a renunciar à inércia de seus pensamentos, A função de juízo tem que tomar essencialmente duas decisões. Deve atribuir ou negar uma qualidade a uma coisa e deve conceder ou impugnar a existência de uma representação na realidade<sup>20</sup>, nos diz Freud.*

*Portanto, julgar, quer seja, conferir atribuição e existência à coisa “em si”, opera em termos de uma decisão, cisão do sujeito na configuração de sua realidade como perda de satisfação pulsional. O julgar é a ação intelectual que decide sobre a escolha da ação motora, coloca um fim à protelação do pensamento, e conduz do pensar ao agir.<sup>21</sup>*

O NÃO, ponto discursivo necessário a tal conformação da realidade pelo sujeito, atualiza-se como a própria possibilidade de retorno do estranho exterior, apontando, por oposição, ao subjetivo interior. “Dentro” e “fora” insistem, então, em reaparecer, aproximados agora à atribuição de qualidades prazerosas (dentro) e desprazerosas (fora) ao eu.

Freud assinala:

*É, como se vê, de novo uma questão do fora e dentro. O não-real, apenas representado, subjetivo, está só dentro; o outro, real, também existe no fora.<sup>22</sup>*

Assim, o que é da existência da coisa “fora” da representação, dimensão real da experiência irreduzível ao simbólico, impõe-se ao sujeito como uma decisão, juízo de existência constituído a partir das operações de afirmação - expulsão e negação.

Mas, vale ainda ressaltar, acompanhando E.Vidal em seus comentários já mencionados, que: *Decidir sobre a existência é uma ação que não recai sobre a realidade do mundo exterior, mas, sobre a fiança a outorgar a uma representação.*<sup>23</sup>

Por essa ação de fiança, con-fiança que fundamenta sua relação ao Outro, o sujeito inscreve-se, então, no campo da linguagem, buscando aí reencontrar o desde sempre perdido de seu objeto. Entre a percepção, em sua identidade, e a representação, em sua insuficiência, o sujeito, então, se instala, condenado a só aparecer nessa divisão.

Desde aqui, a falta que atravessa o encontro do sujeito com o objeto é definitivamente instaurada, revelando ainda, a conjugação fantasmática que ocorre entre ambos. O fantasma - filtro da realidade em sua mais singular dimensão - vem, assim, a demarcar a realidade para o sujeito, permitindo-lhe de algum modo responder aos enigmas de sua existência.

É assim que em seu percurso de alienação-separação em relação ao campo do desejo do Outro, uma interrogação fundamental, então, se impõe ao sujeito: *Ele me diz isso, mas o que é que ele quer?*<sup>24</sup> Retomando os trechos da análise pontuados anteriormente, temos na pergunta da paciente em seu quarto sonho - “por quê só eu podia fazer a comida dele?” - uma interessante expressão de tal interrogação, aí formulada em sua vertente de separação.

Mas, se como aprendemos com Freud, *a oposição entre subjetivo e objetivo não existe desde o começo*,<sup>25</sup> será a montagem fantasmática produzida pelo sujeito, a prova definitiva de sua constituição. *Prova de realidade* que, em sua permanente função de corte, decide pela existência e pela qualidade do objeto a ser fantasmaticamente recuperado pelo sujeito. Referindo-se a tal prova, Freud afirma:

*Assim, o primeiro e mais imediato objetivo da prova de realidade não é encontrar na percepção real um objeto correspondente ao representado, mas reencontrá-lo, certificar-se de que ainda existe.*<sup>26</sup>

Marca-se, com isso, o reencontro de uma perda, correspondência impossível entre o que é buscado e o que é encontrado pelo sujeito, apontando aos equívocos e às ilusões da realidade.

Assim, ressaltamos ainda mais uma vez, na conclusão desse ponto, a dimensão estritamente discursiva que define a realidade na experiência analítica. Nas palavras de E. Vidal: *É o “demasiado antes” do trauma para o qual a palavra chega sempre “só depois”*.<sup>27</sup>

Mas, se, como estivemos trabalhando, o interno e o externo apontam, através das operações fundantes do inconsciente, ao intervalo onde emerge e esvaece o sujeito, conduzirmo-nos em outra direção que não a discursiva, seria aproximarmos da mais empobrecida resistência do analista em sua escuta. Quer seja, tomar posições discursivas do paciente como fatos da realidade “em si”, miserável desvirtuamento da prática analítica em seus princípios, parece-nos falar em nome de tal resistência, estando para ser, então, rigorosamente evitada.

Enfim, *O campo da realidade é sustentado pelo fantasma. Freud nunca considerou a realidade como padrão objetivo de medida ao qual o sujeito deveria adaptar-se,*<sup>28</sup> importante comentário de E.Vidal sobre as considerações freudianas aqui destacadas, serve-nos como um alerta permanente e necessário no cotidiano de nossa prática.

## Engano, Saber e Verdade:

### Os Discursos e seus Operadores

*Quando o caminhante canta na  
obscuridade, desmente seu estado de angústia,  
mas não por isso vê mais claro.<sup>29</sup>*

*(Freud, 1926)*

Tendo ressaltado no ponto anterior, as condições necessárias à sustentação da realidade como fato de linguagem, dimensão inerente à experiência analítica no rigor da originalidade freudiana, interessa-nos agora examinar os operadores discursivos que aí comparecem - *engano, saber e verdade* - e as possibilidades de articulação estabelecidas entre eles, determinantes dos diferentes discursos.

Do *engano* como resposta à *verdade* como questão, uma direção de trabalho, então, se marca, apontando à revisão da enganosa obviedade dos fatos em nome da *verdade*, *verdade* essa que se impõe, no discurso analítico, em sua função de permanente interpelação ao sujeito em suas construções.

Desse modo, investigar sobre o estatuto do termo *verdade* no discurso analítico, instituiu-se como uma tarefa precisa de nosso texto, levando-nos de retorno a Freud para daí interrogar: não seria a *verdade*, tal como encontra-se descrita de modo freudiano, um termo decisivo no que faz operar a passagem necessária do recordar ao repetir na direção do trabalho analítico?

Quer seja, supomos, já que não há saber senão como suposição, ser a *verdade*, em sua intransigência e radicalidade, o ponto que se inscreve como limite ao interminável das associações inconscientes.

Em seu artigo *Saber e Limite*, lido por nós como *Saber e Verdade*, E. Vidal assinala: *O inconsciente é um ciframento que se estabelece em relação a um limite. O limite, no sentido matemático, se reporta a uma função. (...) A impossibilidade de uma tal tradução (do sonho) não deve ser atribuída a uma imperfeição da interpretação mas a um limite que toca o sentido*<sup>30</sup>, indicativo da “hora da verdade” escutada no dizer clínico. Real da repetição pulsional em sua dimensão de causa de trabalho, é mesmo do limite à interpretação que o tratamento analítico se sustenta para além de um mero recordar de lembranças infantis. Tal como Freud a define, ao discorrer sobre a impossibilidade de uma visão de mundo única aos diferentes campos do saber humano, (...) *a verdade não pode ser tolerante, não admite compromissos nem restrições.*<sup>31</sup>

Então, do preencher as lacunas da verdade individual com uma verdade pré-histórica - atividade da criança fantaseadora comentada por Freud na Conferência em que percorre *Los Camiños de la Formación de Síntoma*<sup>32</sup> (1916) - ao (im)possível da verdade em *Construcciones en el análisis*<sup>33</sup> (1937), a direção do tratamento analítico se modifica e se estabelece, atravessada por uma verdade que opera e faz trabalhar. Mas como se dá essa passagem - do recordar ao repetir - pelas vias do *engano* e da *verdade* na direção do tratamento?

Para melhor conduzirmo-nos nos desdobramentos de tal interrogação, prosseguiremos agora em duas importantes tarefas:

acompanharemos em Freud algumas considerações que, de sua letra, esclarecem sobre o termo *verdade* e ressaltaremos em Lacan, pontos que do

primeiro tempo de suas formulações sobre a *verdade*, fazem avançar as próprias considerações freudianas na vertente radicalmente discursiva que lhes é devida.

Vale ressaltar que, ainda que durante todo o percurso de Lacan se verifique uma *exaltação da verdade*<sup>34</sup> (cf. Miller, 1990), estaremos privilegiando aqui, pontualmente, duas formulações do primeiro tempo de seu ensinamento - quer seja, a articulação da *verdade* ao *engano* bem como a participação destes operadores na formalização dos discursos - mantendo-nos, desse modo, concentrados na direção de trabalho proposta.

Mas, se a *verdade* é um termo presente desde os primeiros manuscritos de Freud, onde, então, aparece como *um núcleo de verdade* fundamental na estrutura do delírio paranóico, receberá diferentes interpretações ao longo de sua obra, acompanhando, como assinalaremos mais adiante, os avanços teórico-clínicos que foram sendo aí produzidos.

É assim que ao escrever *Sobre las Teorías Sexuales Infantiles*<sup>35</sup> (1908), definindo-as como a montagem fantasmática do sujeito a qual opera no adiamento do *saber* sobre a *verdade* da não-existência da relação entre os sexos, Freud afirma:

*Ainda que grotescamente falsas, cada uma delas contém um fragmento da verdade, e são análogas neste aspecto às soluções rotuladas de "geniais" que os adultos empregam para os problemas do universo cuja dificuldade supera o intelecto humano.*<sup>36</sup>

Nesse ponto do texto freudiano, a *verdade* encontra-se localizada em sua função de motor na produção de mitos que velam e desvelam os enigmas da existência humana, os quais se radicalizam em torno das questões do sujeito sobre o sexo e a morte.

Retomando, então, a relação da *verdade* ao enigma, de acordo com os princípios do discurso analítico, Lacan afirma:

*A verdade só poderia ser enunciada por um semi-dizer, e seu modelo, mostrei-o a vocês no enigma (...). O enigma é algo que nos força responder, na qualidade de perigo mortal.*<sup>37</sup>

Certamente, as questões sobre as origens e sobre a existência impõem-se aos mais diversos campos do conhecimento humano, ainda que tratadas de modo bastante específico em cada um deles, estabelecendo-se, portanto, tal como Freud a define, como *a pergunta mais antiga e mais ardente da humanidade infantil*.<sup>38</sup>

Sintetizada na fórmula *De onde vêm os bebês?*<sup>39</sup>, essa indagação constituirá, em termos psicanalíticos, não só o *primeiro grandioso problema da vida*<sup>40</sup> de cada sujeito, no particular de sua confrontação com os enigmas da existência, como inscreverá também, no impossível de respostas que lhe sejam definitivas, a própria especificidade do *saber* inconsciente em sua estrutura de não-todo.

Mas, se os esforços da ciência ou as garantias da religião irão se sustentar na promessa de respostas que venham, de algum modo, a satisfazer os

enigmas da existência humana, será aí mesmo - na ruptura com as ilusórias certezas do conhecimento e da razão - que a Psicanálise irá singularizar seu *saber*.

*Saber* inconsciente, por excelência, que intervém sobre o sujeito, fazendo-o trabalhar na construção de teorias que “respondam” - e que também ocultem - o que aquele não sabe que (já) sabe da *verdade* de suas questões.

Privilegia-se, assim, na dimensão de abertura ao *saber* inconsciente aí peculiar, a questão inaugural, metáfora de todo sujeito em sua topada real com a *verdade* do sexo e da morte: *De onde vêm os bebês?*

Ao tratar de *El Esclarecimiento Sexual del Niño*<sup>41</sup> (1907), Freud toma como exemplo a carta de uma menina, de aproximadamente onze anos, a sua tia - ocasião em que a menina, desejosa de *saber a verdade*, roga à tia por esclarecimentos sobre a origem dos bebês - para assinalar os efeitos de *verdade* que se produzem sobre o sujeito cada vez que algo de seu *saber* fracassa.

Em seu seminário sobre *O Avesso da Psicanálise* (1969-70), ao discutir *O Poder dos Impossíveis*, Lacan reafirma: *O efeito de verdade é apenas uma queda de saber. É essa queda que faz produção.*<sup>42</sup>

Assim, se, a princípio, como no exemplo utilizado por Freud, a menina parecia até se satisfazer com a idéia de que era a cegonha a responsável pela chegada dos bebês, tal idéia torna-se, no avançar de suas investigações, insuficiente para esclarecer os enigmas que agora não cessam de lhe perturbar.

Na insuficiência de um *saber*, o desvelamento de uma *verdade*, então, se impõe, empurrando o sujeito a buscar no Outro, pelas vias da

suposição de um *saber* todo, a resposta que lhe falta (em alguns casos, *uma resposta detalhada* como solicita a menina de Freud) para suas *torturantes* questões. *Saber* que no Outro também escapa, a questão sobre as origens insiste, acrescida agora da *desconfiança* da criança em relação ao Outro, campo onde também não encontra satisfação para suas respostas.

No segundo de seus textos - *Sobre las Teorias Sexuales Infantiles* (1908) - dedicado também ao estudo da indagação *De onde vêm os bebês?* e os efeitos desta sobre a constituição do sujeito, Freud assinala:

*Se a criança já não está amedrontada demais, mais cedo ou mais tarde, empreenderá o caminho mais próximo e demandará uma resposta a seus pais ou às pessoas encarregadas de sua criação, que para ela significam a fonte do saber. Mas esse caminho fracassa.<sup>43</sup>*

Fracasso de *saber* que opera, dividindo o sujeito e pressionando-o a deduzir dessa vacilação no Outro, nas evasivas respostas que este lhe oferece, não o impossível de um todo *saber*, mas o *vislumbre de algo proibido que os "grandes" desejam manter-lhes em reserva.<sup>44</sup>*

*De onde vêm os bebês?* desdobra-se, então, numa interrogação do sujeito sobre o lugar que ele teria ocupado no desejo do Outro - *O que ele quer de mim?*, indaga-se - tendo sido daí extraído. Mas faz-se interessante notar que é mesmo *a partir deste primeiro engano e recusa* sofridos pela criança em seu *esforço de saber* que Freud localiza *a primeira ocasião de um conflito psíquico.<sup>45</sup>*

Conflito que a empurra e faz trabalhar - queda de *saber* que faz produção, como encontrávamos em Lacan - a criança passa agora a construir,

entre enganos e meias-verdades, suas *falsas teorias sexuais*, assim nomeadas por Freud.

Tais teorias definem-se, em termos freudianos, por: atribuição fálica a todos os seres humanos, teoria cloacal e concepção sádica do coito. Porém, sem determo-nos aqui no percurso de formalização de cada uma dessas teorias em particular, ressaltamos a seguir, o *curiosíssimo caráter* que possuem em comum, quer seja: a função de desvelamento de fragmentos da *verdade* que aí ocorre, fragmentos esses que permanecem, no entanto, recobertos e falseados pelo sujeito.

Assim, entre seu apetite de *saber* toda a *verdade* e os efeitos inibitórios de sua ignorância, o sujeito se constitui, trabalhando na construção de teorias que velem e desvelem a *partícula de verdade*<sup>46</sup> produzida a partir de seu confronto real com os enigmas da existência.

Vale ressaltar que a *partícula de verdade* aí desvelada, resto irreduzível ao falseamento do real provocado pelas teorias, parece-nos exatamente vir a sustentar o impossível de respostas definitivas aos enigmas do sujeito, impossível esse que, como já assinalado em termos freudianos, metaforiza-se pela indagação *De onde vêm os bebês?*. Portanto, inscrevendo algo de um impossível a *saber*, tal indagação opera em sua *verdade*, produzindo os efeitos anteriormente descritos sobre a constituição do sujeito.

Evidencia-se, assim, o modo particular pelo qual os termos *saber* e *verdade* encontram-se articulados no discurso analítico - modo esse que mantém uma relação de conjunção que é também de disjunção entre eles - onde o desvelamento da *verdade*, e os disfarces que daí decorrem, impõem-se ao sujeito pelas vias da fantasia e do sintoma, de lapsos e enganos.

Mais adiante, ao descrever em *El Porvenir de una Ilusión* (1927), o processo de desfiguração das *verdades contidas nas doutrinas religiosas*<sup>47</sup>, Freud aproxima-o ao falseamento da *verdade* registrado pela produção das teorias infantis, falseamento esse nomeado por ele como os *disfarces simbólicos da verdade*. Sobre tal aproximação, escreve:

*As verdades contidas nas doutrinas religiosas encontram-se tão desfiguradas e sistematicamente disfarçadas que a massa dos seres humanos não pode discerní-las em seu caráter de verdades. Um caso parecido é aquele em que se conta à criança que a cegonha traz os bebês. Também aí dizemos a verdade em um disfarce simbólico, pois sabemos o que significa o grande pássaro. Mas a criança não o sabe, aprende só a parte desfigurada.*<sup>48</sup>

Parte desfigurada d'isso que não engana, a *verdade*, sustentada, em termos do discurso analítico, sempre como meio (mal)dita pelo simbólico de seus disfarces, recebe, desde então, uma dupla referência no texto freudiano: introduzida a partir das importantes formulações clínicas realizadas por Freud em *Construcciones en el análisis* (1937), onde a direção do trabalho analítico (...) consistiria, segundo ele, em *desvelar o fragmento de verdade histórico-vivencial de suas desfigurações e escoramentos no presente real-objetivo* (...) <sup>49</sup>, a distinção entre *verdade histórico-vivencial* e *verdade material* aí se destaca, encontrando-se mais detalhadamente discutida em *Moisés y la religión monoteísta* (1939).<sup>50</sup>

Os efeitos produzidos a partir de tal distinção sobre o próprio estatuto da *verdade* no discurso analítico - discurso esse que, do impossível da

*verdade* em sua toda inscrição, requer um *saber* a ser realizado em análise como construção - é o que nos interessa agora considerar.

Se, como já havíamos assinalado, a atividade da *criança fantaseadora* é descrita por Freud como o esforço do sujeito em *preencher as lacunas da verdade individual com uma verdade pré-histórica*, define-se, assim, a *verdade* em sua dimensão histórico-vivencial. Modo esse de implicar o sujeito na *verdade* de sua história, encontramos, então, apontado, o que do real é possível de ser recoberto pelas vias da recordação - vivência feita em história pelo sujeito. Lembranças encobridoras que, apesar de sua função de ilusão, articulam-se de modo bastante particular no discurso analítico, já que encontra-se esse fundado na impossibilidade de um todo recobrimento da *verdade* pelas produções do *saber* inconsciente. Freud, então, afirma:

*Não se demonstrou (...) que o intelecto humano possua uma pituitária particularmente fina para a verdade, nem que a vida anímica dos homens mostre uma inclinação particular a reconhecer a verdade. Ao contrário, experimentamos que nosso intelecto extravie-se muito prontamente sem nenhum aviso, e que com a maior facilidade, e sem atenções pela verdade, cremos naquilo que é solicitado por nossas ilusões de desejo.<sup>51</sup>*

Mas, se de algum modo, as *ilusões de desejo* vêm a velar o que da *verdade* é impossível ao sujeito *saber*, é mesmo do fracasso de tais ilusões que um resto irreduzível a tal velamento se produz, ponto limite à significação, indicado, em termos freudianos, pelo que da *verdade*, é material. Discrimina-se, assim, a dimensão histórico-vivencial da *verdade* de sua dimensão material, sustentando-se, com isso, a própria particularidade radical da *verdade* no

discurso analítico, onde, diferentemente de outros campos do *saber*, seu (des)velamento é sempre parcial.

É assim que Freud, ao examinar em *Moisés y la religión monoteísta* (1939), o estatuto da *verdade* no discurso religioso, compara:

*Também nós acreditamos que a solução dos crentes contém a verdade, mas não a verdade material senão a verdade histórico-vivencial.*<sup>52</sup>

No Seminário 3, Lacan retoma *justamente a questão que até o fim atormenta Freud em Moisés e o Monoteísmo* e considera:

*Parece-me que se pode encontrar aí mais uma vez a confirmação (...) que a análise é absolutamente inseparável de uma questão fundamental sobre a maneira como a verdade entra na vida do homem. A dimensão da verdade é misteriosa, inexplicável, nada permite discernir-lhe a necessidade, pois que o homem se acomoda perfeitamente à não-verdade.*<sup>53</sup>

Enfim, é da responsabilidade do discurso analítico sustentar a aposta no despertar do sujeito de sua perfeita acomodação à não-verdade, impedindo, portanto, que pelo histórico de suas vivências, ele aí permaneça resistentemente capturado. Materialidade que é do significante no mais literal de sua função, contorno de um vazio que faz limite à significação, a *verdade*, ponto do impossível que toca o real, marca, então, na escritura de sua direção, a análise como uma construção, trabalho do sujeito no (des)velamento dos enigmas de sua existência.

Ainda sobre a *verdade* de tais enigmas, Freud volta a dizer:

*Bem sabemos quão pouca luz a ciência pôde lançar até agora sobre os enigmas deste mundo; mas todo o barulho dos filósofos não modificará num instante, esse estado de coisas; só o paciente prosseguimento do trabalho que é todo subordinado a uma única exigência, a certeza, pode produzir pouco a pouco uma alteração.<sup>54</sup>*

E conclui:

*Quando o caminhante canta na obscuridade, desmente seu estado de angústia, mas não por isso vê mais claro.<sup>55</sup>*

Assim, ainda que o *barulho dos filósofos* tenha nos despertado para a inegável importância da discussão das noções de *engano*, *saber* e *verdade* também no campo da filosofia, interessou-nos aqui não nos deixar enredar, pelo menos por enquanto, pelos encantos desse *barulho*, já que era de nosso interesse, mantermo-nos na proposta de examinar tais noções fundamentalmente à luz dos rigorosos parâmetros da experiência analítica.

Reafirmando tal posição, um interessante comentário de N.L.Lima Vaz esclarece:

*O grande obstáculo ao falar de psicanálise e filosofia é saber de que lugar se fala, já que não se trata de uma exterioridade aos dois termos, de onde adviria uma verdade comum.<sup>56</sup>*

E prossegue:

*Dessa forma poder-se-ia falar de uma filosofia da psicanálise, no sentido de tomar o discurso analítico como um*

*objeto crítico da filosofia? (...) Esta posição, embora possa ser considerada pertinente por alguns filósofos, não consegue tocar de uma forma mais profunda nos próprios fundamentos da psicanálise.<sup>57</sup>*

Ora, será então no descolamento das promessas da ciência e do *barulho dos filósofos* que a *verdade* irá encontrar seu lugar e sua originalidade na experiência analítica - na afirmação de uma aposta, a *verdade* aí se desvela, relâmpago no real de sua materialidade, fazendo cair, pelo *paciente prosseguimento do trabalho*, o *engano* de suas desfigurações. No entanto, vale ressaltar que é mesmo o *engano*, a condição de possibilidade necessária à *verdade* para que esta se realize na permanência de sua operação, pois, em termos do discurso analítico, não teríamos como compreender tal passagem - do *engano* à *verdade* - realizando-se de modo consistente e definitivo.

Mas, se em suma, o erro é a *encarnação habitual da verdade*<sup>58</sup>, afirmação de Lacan ao final do primeiro de seus seminários, interessa-nos agora investigar não só os parâmetros sob os quais a articulação de tais noções se estabelece, bem como os efeitos que daí se produzem sobre a própria direção do trabalho analítico. Para tanto, recorreremos, como já indicado, a algumas pontuações do primeiro tempo do ensino de Lacan, onde *a referência à verdade tem um lugar extremamente particular (...)*<sup>59</sup>, assim permanecendo ao longo de todo seu esforço em reconduzir a experiência analítica à dimensão de rigor que lhe é devida. Interessa-nos reafirmar, porém, que estaremos nos concentrando no primeiro tempo de suas formulações sobre o *engano*, a *verdade* e o *saber* inconsciente, tempo esse que se prolonga, segundo J.A. Miller, até o texto de 1973, *Nota Italiana*.<sup>60</sup>

Ainda segundo J.A. Miller, verifica-se também nesse ponto, uma importante virada do primeiro ao segundo tempo do ensino laciano com relação a tais noções, sendo que (...) *como essa virada foi mascarada pela continuidade de seu ensinamento, pode-se dizer que ela não foi notada, como seria conveniente, em todas as suas conseqüências.*<sup>61</sup>

Observa-se, desse modo, que *deixar falar a verdade*<sup>62</sup> corresponde, no início, à suposição de que *o sujeito se constitui na busca da verdade*<sup>63</sup>, tendo como via a fala inconsciente onde tal *verdade* se esconde e se desnuda. *Pois a verdade se mostra ali complexa por essência, humilde em seus ofícios e estranha à realidade, insubmissa à eleição do sexo, parente da morte e ao final das contas, bem mais inumana.*<sup>64</sup>, afirma Lacan. Mais adiante, porém, quando o *privilégio da escrita em relação à fala*<sup>65</sup> passa a insistir dentre suas preocupações, ele radicaliza na direção da matematização da *verdade*, fundando aí o necessário lógico de uma escritura, ponto do impossível que toca o real. Sobre tal aproximação do impossível à *verdade*, marca fundamental do segundo tempo de seu ensino, encontramos afirmado:

*Digo sempre a verdade: não-toda,  
porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda  
é impossível, materialmente: faltam as palavras.  
É justamente por esse impossível que a verdade  
toca o real.*<sup>66</sup>

Assim, ainda que correndo o risco de uma indevida simplificação das noções por nós tratadas, uma certa linearidade aqui revelada na apresentação das formulações de Lacan - do primeiro ao segundo tempo de seu ensino - serviu-nos como um importante organizador de nossas pesquisas, possibilitando-nos que do primeiro tempo de tais formulações, isolássemos três pontos fundamentais às nossas considerações sobre a inserção de tais noções na experiência analítica, os quais passaremos agora a examinar:

-a *verdade* surge do *engano*.

-é próprio da especificidade do discurso analítico, o não-todo recobrimento da *verdade* pelo *saber* inconsciente.

-a *verdade* põe em jogo a dimensão do ato analítico no particular de sua ética.

Então, vejamos:

- Afirmar que a *verdade* surge do *engano* é o modo de localizar no campo da linguagem onde o sujeito se constitui, os pontos de (des)velamento de sua *verdade*, já que (...)às vezes *mentir* é, *para falar propriamente, a maneira pela qual o sujeito anuncia a verdade de seu desejo. Porque, justamente, não há outro viés para anunciá-lo, senão a mentira.*<sup>67</sup> Na tentativa de apreender, então, o que lhe falta *saber* sobre os enigmas do sexo e da morte que tanto o afligem, o sujeito fala, produzindo em um mesmo ato, algum saber possível sobre suas tramas inconscientes, bem como um resto que daí lhe escapa, resto esse atualizado na transferência como *verdade*.

Assim, pontual e evanescente, sempre meio (mal) dita em sua enunciação, a *verdade* não permanecerá, em termos do discurso analítico, atrelada às ilusórias garantias de um *saber* completo e totalizante. Pelo contrário, virá exatamente a irromper nesse ponto de impossível de todo *saber*, queda das ilusões, insuficiência da palavra em seu todo dizer da experiência do sujeito. A *verdade* aproxima-se agora aos tropeços do ser falante em sua permanente tentativa de cernir os fatos de sua ex-sistência.

Ao definir a Psicanálise como um *método de verdade e de desmistificação das camuflagens subjetivas*<sup>68</sup>, Lacan, em seu escrito *Función y Campo de la Palabra y del Lenguaje en Psicoanálisis*, propõe que (re)localizemos o nascimento da *verdade* na fala inconsciente, ultrapassando, desse modo, uma óbvia dicotomia entre os parâmetros de “verdadeiro” e “falso” da realidade empírica. Verifica-se, com isso, o resgate da *verdade* à estrutura de ficção que lhe é própria, velamento e desvelamento da realidade, filtrada por cada sujeito no ponto mais solitário de sua constituição.

Portanto, se *sob o nome de inconsciente, (Freud) soube deixar falar a verdade*<sup>69</sup> é porque ousou recolher do que erra no sujeito, e dos efeitos que daí advêm, a afirmação de sua *verdade*, aposta da experiência analítica no rigor de uma escuta que a faz única. A *verdade* atinge, assim, em sua função de corte e limite aos infundáveis e enganosos rodeios da linguagem, a especificidade de sua dimensão no discurso analítico, radicalizada enquanto impossível que opera e faz falar o sujeito.

Retomando tal articulação do *engano à verdade* em seu seminário sobre *O Avesso da Psicanálise*, Lacan afirma:

*O que há de pavoroso na verdade é o que ela põe em seu lugar.  
O lugar do Outro, como sempre disse, é feito para que nele se inscreva a verdade, quer dizer, tudo o que é dessa ordem, o falso, inclusive a mentira - que não existe, a não ser sobre o fundamento da verdade.*<sup>70</sup>

A *verdade* concerne, então, ao mais particular da posição de cada sujeito em seu enlace discursivo à rede de linguagem que o antecede e o funda, rede essa que corresponde ao necessário do *lugar do Outro* na tarefa de reconhecer e legitimar tal *verdade*. Paradoxalmente, será mesmo no *engano* de

sua legitimação pelo Outro - montagem fantasmática do sujeito que ao Outro confere consistência - que a *verdade* irá emergir em sua função de corte, produzindo sobre o sujeito seus efeitos de alienação e separação.

- É também nesse seminário que Lacan formaliza as quatro possibilidades discursivas do sujeito, reavivando a originalidade do discurso analítico, que assim se sustenta exatamente por estabelecer um modo de relação disjuntivo entre a *verdade* e o *saber* inconsciente. Disjunção essa que até comporta alguma conjugação, sem, no entanto, promover o recobrimento de um termo pelo outro. E será mesmo tal disjunção que nos permitirá afirmar a especificidade do discurso analítico, onde a *verdade* emerge não-toda recoberta pelo *saber* inconsciente. Quer seja, a *verdade* aqui, diferentemente do que ocorre em outras configurações discursivas, não está para ser conquistada como um bem nem como uma garantia pelos avanços do *saber* na direção de sua totalização. Pelo contrário, ao localizar o discurso analítico na *fronteira sensível entre verdade e saber*<sup>71</sup>, Lacan registra a função de contorno - e não de complementação - que o *saber* inconsciente faz operar no lugar da *verdade*, *verdade* essa então definida como *irmã do gozo*. Assim, ainda que, concordando com E.Laurent que diz que: *Para defini-la como irmã do gozo é necessário um certo trabalho, já que a verdade tem aparência de virgem, tem aparência de rigor, parece estar muito distante dos assuntos do gozo*<sup>72</sup>, a aproximação realizada por Lacan - entre *verdade* e gozo - vem a insistir sobre a dimensão real do que ao significante escapa, concernente a ambos os termos, demarcando o limite à significação da experiência que se impõe como enigma ao sujeito.

Sobre o indizível da *verdade*, vale pontuar:

*A verdade, com efeito, parece mesmo ser-nos estranha - refiro-me à nossa*

*própria verdade. Ela está conosco, sem dúvida, mas sem que nos concirna a um ponto tal que admitamos dizê-lo.*<sup>73</sup>

No entanto, se por um lado a *verdade*, inquietante estranheza que pertence ao mais familiar do sujeito, toca no ponto do impossível a ser dito é, por outro lado, somente ao ser enunciada na fala do sujeito que ela adquire seu valor, valor de *verdade* para este, produzindo daí seus efeitos. Lacan afirma:

*Mesmo senão comunica nada, o discurso representa a existência da comunicação - mesmo se nega a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade - mesmo se é destinado a enganar, especula sobre a fé no testemunho.*<sup>74</sup>

Referindo-se ainda ao campo da linguagem, onde a *verdade* é, então, constituída na fala, ele considera:

*Nenhuma verdade pode ser localizada a não ser no campo onde ela se enuncia - onde se enuncia como pode.*<sup>75</sup>

Assim, avisado da impossibilidade de um todo dizer sobre os enigmas da existência humana, o discurso analítico sobrepõe nesse lugar da *verdade*, o *saber* inconsciente, que é também, por estrutura, não-todo. Destaca-se, com isso, que o *saber* não encontra-se desde sempre no lugar da *verdade* e que o giro discursivo que o leva até aí constitui-se como um dos efeitos da tarefa analítica.

Mas observemos agora, através da formalização dos discursos proposta por Lacan em seu seminário sobre *O Avesso da Psicanálise*, de que

modo ocorre esse giro na direção do discurso analítico e as consequências que daí advém. Retomaremos, ainda, para melhor examinarmos tais pontos, alguns trechos da análise da paciente anteriormente considerados.

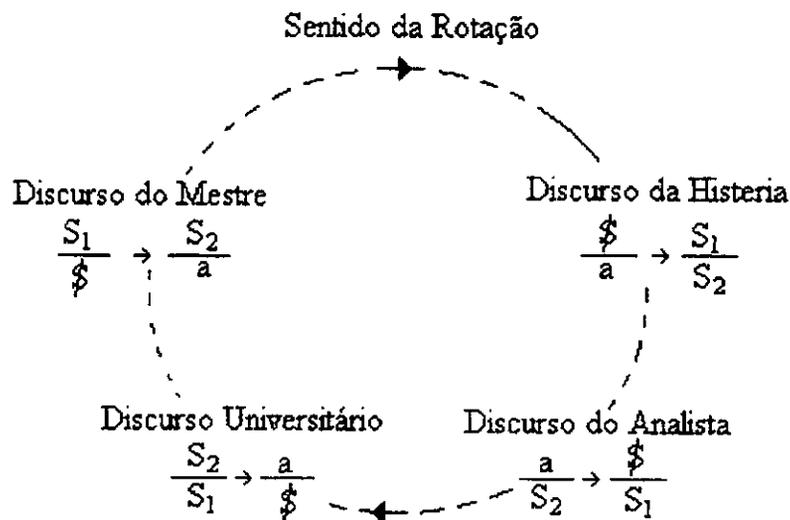
Dispondo, então, de quatro termos - *significante mestre* ( $S_1$ ), *saber* ( $S_2$ ), *sujeito* ( $\$$ ) e *objeto* ( $a$ ) - que circulam por diferentes lugares - *agente* (*desejo*), *verdade*, *Outro* e *produção* (*perda*), Lacan aborda o saber na formalização de estruturas quaternárias<sup>76</sup>, as quais provocam, a partir de sua rotação, efeitos de mudanças possíveis sobre o real da miserável condição humana.

Configura-se assim:

Apresentação dos Lugares Discursivos

Agente	Outro
Verdade	Produção

Formalização das Quatro Possibilidades Discursivas



A aposta de uma análise residirá, portanto, em alterações que incidam sobre a localização dos termos discursivos, bem como da relação entre eles, tendo se produzido, ao final, a queda das identificações onde o pobre neurótico encontrava-se imaginária e miseravelmente colado. Em seu artigo *S2: Função de Verdade*, onde trabalha a lógica das rotações discursivas, D. Mariscal assinala:

*O gozo fica fora da análise porque o que se analisa é o sujeito como efeito do significante. No entanto, é o gozo que está em questão na direção da cura. Mas é a partir da experiência analítica que algo poderá mudar na economia do gozo.*<sup>77</sup>

Acompanhemos, então, em termos do percurso analítico de C., os giros discursivos operados na direção da cura:

“Eu sou apenas uma empregada” - enunciação de C. ao procurar atendimento analítico, indica, para além de sua condição social e financeira, o ponto de alienação ao qual ela se encontrava, de início, particularmente identificada. Agenciado, assim, pelo imaginário das identificações que excluem a divisão do sujeito, deixando essa sob a barra do recalque, o discurso configura-se aqui em sua condição de mestria. Imperativo de consistência e rigidez que assegura em sua formulação, o “Eu sou”, mestre de meu próprio *saber* no Outro localizado.

Traçando considerações sobre tal discurso em relação ao discurso analítico, Lacan afirma:

*Não se trata aqui de uma relação de distância, nem de sobrevôo, mas de*

*uma relação fundamental - a prática analítica é propriamente iniciada por esse discurso do mestre.*<sup>78</sup>

Mas, se a prática analítica apóia-se no *Discurso do Mestre* - mestria do inconsciente na afirmação de uma urgência - é no quarto de volta que desse discurso ocorre em direção ao *Discurso da Histeria* que uma primeira abertura com relação ao *saber* inconsciente opera - *histerização do discurso*, nomeia Lacan.

Ao tomar, então, o *Discurso da Histeria* como paradigma da situação analítica, onde *a causa é o padecimento do sujeito, a miséria do ser humano*<sup>79</sup>, Lacan insiste em interrogar sobre os fundamentos da experiência. Ele diz:

*Não estará aí, afinal, o próprio fundamento da experiência analítica? Pois digo que ela dá ao outro, como sujeito, o lugar dominante no discurso da histérica, histericiza seu discurso, faz dele um sujeito a quem se solicita que abandone qualquer referência que não seja a das quatro paredes que o envolvem, e que produza significantes que constituam a associação livre soberana, em suma, do campo.*<sup>80</sup>

No percurso da livre associação, liberdade vetorizada pelo desejo inconsciente no particular de sua insistência, o *saber* se produzirá em perda, perda de sua completude mítica, provocando um outro giro na direção do discurso analítico. Da impotência à impossibilidade, um trajeto se verifica, agenciado agora pelo desde sempre perdido do objeto em sua dimensão de causa de desejo. Decanta-se também daí o próprio limite da associação, *é no plano do impossível, como sabem, que defino o que é real*<sup>81</sup>, registrando, em termos de tal configuração discursiva, o *saber* em posição de *verdade*.

*Saber* da impossibilidade de respostas que garantam o inefável da existência, apontando ao sujeito, a *verdade* de suas construções: inscreve-se e sustenta-se, desse modo, a marca original do discurso analítico.

“Não sei porque sou assim” fala agora de C. em sua divisão, inaugurando, em análise, alguma interrogação que, ao se impor, descompleta a consistência das identificações que apareciam até então em sua totalidade e provoca o giro de um outro quarto de volta discursivo. Empurrando o sujeito a trabalhar em suas construções - “Meus problemas agora são meus sonhos” - a dimensão de enigma do *saber* inconsciente toma aí seu valor de *verdade*.

No avesso da mestria das identificações do sujeito - “Eu sou apenas uma empregada” - uma outra dimensão da *verdade*, então, se desvela, sustentando o *saber* no lugar de enigma que lhe é peculiar. “Não sei porque sou assim” confirma-se, no caso, como uma importante enunciação em tal direção.

Enfim, “Por quê só eu (podia fazer a comida dele)?” emerge ainda como uma outra questão privilegiada na fala de C., já que vem a interrogar tanto sobre o desejo do Outro como sobre a própria posição do sujeito nesse campo, indicando, no horizonte do trabalho analítico, uma nova possibilidade discursiva que possa daí se configurar.

- A afirmação de que a *verdade* põe em jogo a dimensão do ato analítico no particular de sua ética não é sem consequências. Exige, ao menos, que demarcemos os limites de sua especificidade, já que este *se situa em nítida separação do comportamento e da ação, noções tão caras à Psicologia*.<sup>82</sup>

Ora, se nem ao comportamento nem à ação, o ato analítico deverá corresponder, encontrá, na *verdade* da ética que o funda, a localização que lhe cabe na dimensão discursiva, promovendo, por seus efeitos, uma outra posição do sujeito. No entanto, afirmar o ato, em sua função de corte, na dimensão discursiva que lhe é peculiar, é também considerar o que dessa dimensão é produzido como resto. Resto esse que do discurso analítico emergirá como agente, passando a funcionar como causa do desejo do sujeito - *do sujeito que se concebia como agente do discurso ao sujeito afetado pela causa que ex-siste a ele*.<sup>83</sup> Demonstra-se, assim, o giro discursivo operado na dimensão do ato analítico.

Em seu artigo *O Psicanalista e a Sabedoria do Ato*, A.M.Rudge comenta:

*A desistência da onipotência do pensamento, um dos aspectos da castração, permite olhar o destino como impessoal, admitindo uma esfera do fora de sentido, do puro acaso, como o que não pode ser controlado por nossos desejos e nossas armas. É por essa via que os acontecimentos podem implicar na introdução do novo.*<sup>84</sup>

E será exatamente tal dimensão do novo instaurada pelo ato analítico que irá conduzir o sujeito na direção da suspensão de todo e qualquer *saber* sabido pelas garantias da razão, engano do senso comum que mantém o pobre neurótico alienado na miséria de seu destino, distante de qualquer responsabilidade e implicação nos trajetos que percorre. *De nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis*<sup>85</sup>, *verdade* essa que se desvela na afirmação de uma diferença, marcando, portanto, a especificidade do ato analítico.

O ato analítico concerne, assim, à ética de sua experiência, já que, sob a sustentação do desejo do analista, convoca o sujeito ao compromisso com a singularidade de sua existência, fazendo-o responsável por sua liberdade, *liberdade que nada tem a ver com livre-arbítrio, mas liberdade, nome próprio do consentimento do sujeito, isso que nos permite acolher aquilo que nos determina, determinação da qual, ao fazermos ato, somos sempre responsáveis.*<sup>86</sup>

Mas, de acordo com os pressupostos que a definem, a *verdade* pode também ser tratada como um ideal a ser atingido pelos avanços do *saber* em detrimento muitas vezes da própria responsabilidade do pesquisador em sua ação. Em termos do ato analítico, no entanto, é mesmo do particular de sua condição que a *função da verdade em estado nascente*<sup>87</sup> seja assim sustentada. Sobre tal condição, Lacan nos alerta:

*Há em todo saber, uma vez constituído, uma dimensão de erro, que consiste em esquecer a função criadora da verdade em sua forma nascente (...). Mas, nós, analistas que trabalhamos na dimensão desta verdade em estado nascente, não podemos esquecê-la.*<sup>88</sup>

Forma nascente da *verdade*, lugar do novo que, na subversão do óbvio introduzida pela dimensão do ato, aponta à tarefa analítica seu mais rigoroso dever - *Onde Isso era, Eu devo advir.*

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- <sup>1</sup> FREUD,S. “Conferencia 23 - Los Caminos de la Formación de Síntoma” in Conferencias de Introducción al Psicoanálisis (1917[1916-17]), *Op.Cit.*, v.XVI, p.336.
- <sup>2</sup> LACAN,J. *O Seminário*, livroXI: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p.135.
- <sup>3</sup> Idem, *ibidem*, p.135.
- <sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p.136.
- <sup>5</sup> LACAN,J. “La Ciencia y La Verdad” in: *Escritos - Tomo II*, Siglo Veintiuno Editores, Madrid, 1995, p.836.
- <sup>6</sup> DUQUE ESTRADA, D. “Em se tratando de Psicanálise” in: *Saber, Verdade e Impasse*, Nova Editora, Rio de Janeiro, 1995, p.53.
- <sup>7</sup> FREUD,S. “Conferencia 23 - Los Caminos de la Formación de Síntoma” in: Conferencias de Introducción al Psicoanálisis (1917[1916-17]), *Op.Cit.*, v.XVI, p.335.
- <sup>8</sup> \_\_\_\_\_. “Fragmentos de la Correspondencia con Fliess” (1950[1892-99]) in: *Op.Cit.*, v.I, Carta 69 (21 de setiembre de 1897), p.301-302.
- <sup>9</sup> FREIRE,A.B. *Por que os planetas não falam? - O Real na Psicanálise e o Real na Ciência Moderna*, Revinter editora, Rio de Janeiro, 1997, p.90.
- <sup>10</sup> Idem, *ibidem*, p.90.
- <sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p.109.
- <sup>12</sup> FREUD,S. A Negação (1925), tradução de E.A.Vidal in: “Die Verneinung” - Publicação da LetraFreudiana, 5, Tavares e Tristão editores, Rio de Janeiro, p.9-15.  
Em seu artigo “Comentários sobre “Die Verneinung”, nessa mesma publicação, o autor justifica de modo tão interessante sua escolha de tradução pelo termo “negação” que nos levou a utilizá-lo também aqui.
- <sup>13</sup> \_\_\_\_\_. “La Pérdida de Realidad en la Neurosis y la Psicosis” (1924) in: *Op.Cit.*, v.XIX, p.191-197.
- <sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p.193.
- <sup>15</sup> VIDAL,E. Comentários sobre “Die Verneinung” in: *Op.Cit.*, p.26.
- <sup>16</sup> Idem, *ibidem*, p.27.
- <sup>17</sup> LACAN,J. *O Seminário*, livro XI: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, p.197.
- <sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p.199.
- <sup>19</sup> COPI, I.M. *Introducción a la lógica*, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1994, p.285.
- <sup>20</sup> FREUD,S. “A Negação” (1925), in: *Op.Cit.*, p.11.

- 
- <sup>21</sup> Idem *ibidem*, p.15.
- <sup>22</sup> Idem, *ibidem*, p.13.
- <sup>23</sup> VIDAL, E. *Op.Cit.*, p.27.
- <sup>24</sup> LACAN, J. *Op. Cit*, p.203
- <sup>25</sup> FREUD, S. “A Negação” (1925), in: *Op.Cit.*, p.13.
- <sup>26</sup> Idem, *ibidem*, p.13.
- <sup>27</sup> VIDAL, E. “A torção de 1920” in: *Pulsão e Gozo*, Publicação 10/11/12 da Letra Freudiana, Dumará editores, Rio de Janeiro, p.24.
- <sup>28</sup> \_\_\_\_\_. Comentários sobre “Die Verneinung” in: “Die Verneinung” - *A Negação*, Publicação 5 da Letra Freudiana, Taurus-Timbre Editores, Rio de Janeiro, p. 28.
- <sup>29</sup> FREUD, S. “Inhibición, Síntoma y Angustia” (1926[1925]) in: *Obras Completas*, v. XX, p.92.
- <sup>30</sup> VIDAL, E. “Saber e Limite” in: *Do Pai: O Limite em Psicanálise*, Publicação 21 da Letra Freudiana, Revinter editora, Rio de Janeiro, 1997, p.11.
- <sup>31</sup> FREUD, S. Conferencia 35 - “En torno de una Cosmovisión - Nuevas Conferencias de Introducción al Psicoanálisis” (1933[1932]), in: *Op.Cit.*, v.XXII, p.148.
- <sup>32</sup> \_\_\_\_\_. Conferencia 23 - “Los Caminos de la Formación de Síntoma - Conferencias de Introducción al Psicoanálisis” (1917[1916]), in: *Op.Cit.*, v.XVI, p.338.
- <sup>33</sup> \_\_\_\_\_. “Construcciones en el Analisis” (1937) in: *Op.Cit.*, v.XXIII, pp.255-270.
- <sup>34</sup> MILLER, J. A. “Sur le Transfini - Vers un Significant Nouveau” in: *Travaux - Revue de L’ELF*, 20, sem data.
- <sup>35</sup> FREUD, S. “Sobre las Teorías Sexuales Infantis” (1908) in: *Op.Cit.*, v. IX, pp.183-202.
- <sup>36</sup> Idem, *ibidem*, p.192.
- <sup>37</sup> LACAN, J. O Seminário - livro XVII, *O Avesso da Psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, p.96.
- <sup>38</sup> FREUD, S. “El Esclarecimiento Sexual del Niño” (1907) in: *Op.Cit.*, v.IX, p.119.
- <sup>39</sup> \_\_\_\_\_. “Sobre las Teorías Sexuales Infantis” (1908) in: *Op.Cit.*, v. IX, p.190.
- <sup>40</sup> Idem, *ibidem*, p.190.
- <sup>41</sup> FREUD, S. “El Esclarecimiento Sexual del Niño” (1907) in: *Op.Cit.*, v.IX, p.119.
- <sup>42</sup> LACAN, J. O Seminário - livro XVII, *O Avesso da Psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, p.178.
- <sup>43</sup> FREUD, S. “Sobre las Teorías Sexuales Infantis” (1908) in: *Op.Cit.*, v. IX, p.190.
- <sup>44</sup> Idem, *ibidem*, p.191.

- 
- <sup>45</sup> Idem, *ibidem*, pp.189-191.
- <sup>46</sup> Idem, *ibidem*, p.197.
- <sup>47</sup> FREUD, S. "El Porvenir de una Ilusión" (1927) in: *Op.Cit.*, v.XXI, p.44.
- <sup>48</sup> Idem, *ibidem*, p.44.
- <sup>49</sup> FREUD, S. "Construcciones en el Análisis" (1937) in: *Op.Cit.*, v. XXIII, p.269.
- <sup>50</sup> \_\_\_\_\_. "Moisés y la Religión Monoteísta" (1939[1934-38]) in: *Op.Cit.*, v.XXIII, pp.7-132.
- <sup>51</sup> Idem, *ibidem*, p.124.
- <sup>52</sup> Idem, *ibidem*, p.124.
- <sup>53</sup> LACAN, J. O Seminário - livro III. As Psicoses (1955-56), Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1985, pp.244-5.
- <sup>54</sup> FREUD, S. "Inhibición, Síntoma y Angustia" (1926[1925]) in: *Op.Cit.*, v.XX, p.92.
- <sup>55</sup> Idem, *ibidem*, p.92.
- <sup>56</sup> LIMA VAZ, N.L. "Lacan e a Subversão do Sujeito" in: *Sujeito e Linguagem*, Publicação 22 da Letra Freudiana, Revinter editora, Rio de Janeiro, 1997, p.127.
- <sup>57</sup> Idem, *ibidem*, p.127.
- <sup>58</sup> LACAN, J. O Seminário - livro I. Os Escritos Técnicos de Freud (1953-54), Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1983, p.300.
- <sup>59</sup> SKIRIABINE, P. "La Verité de A à a" in: *Le Vrai, le Faux et le Reste*, Revue de Psychanalyse 28 de la cause Freudienne, 1994, p.15.
- <sup>60</sup> LACAN, J. Nota Italiana (1973), in: Documento para uma Escola II, Publicação 0' da Letra Freudiana, Folha Carioca editora, RJ, pp.50-54.
- <sup>61</sup> MILLER, J.A. *Op.Cit.*, p. 48.
- <sup>62</sup> LACAN, J. "La Ciencia y la Verdad"(1966) in: *Escritos*, Tomo 2, Siglo Veintiuno Editores, Madrid, 1993, p.14.
- <sup>63</sup> \_\_\_\_\_. "Función y Campo de la Palabra y del lenguaje en Psicoanálisis" (1953) in: *Op.Cit.*, p. 297.
- <sup>64</sup> \_\_\_\_\_. "La Cosa Freudiana o Sentido del Retorno a Freud en Psicoanálisis" (1953) in: *Op.Cit.*, p.418.
- <sup>65</sup> MILLER, J.A. *Op.Cit.*, p. 50.
- <sup>66</sup> LACAN, J. *Televisão* (1973), Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 1993, p.11.
- <sup>67</sup> \_\_\_\_\_. O Seminário - livro XV: *O Ato Psicanalítico* (1967-68), seminário inédito, p.151.
- <sup>68</sup> \_\_\_\_\_. "Función y Campo de la Palabra y del Lenguaje en Psicoanálisis" (1953) in: *Op.Cit.*, p.231.

- 
- <sup>69</sup> \_\_\_\_\_. "La Ciencia y la Verdad"(1966) in: *Escritos, Tomo II, Siglo Veintiuno Editores, Madrid, 1993, p.14.*
- <sup>70</sup> \_\_\_\_\_. O Seminário - livro XVII, *O Averso da Psicanálise (1969-1970)*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, p.178.
- <sup>71</sup> \_\_\_\_\_. "O Saber do Analista" (1971), Aula de 04 de novembro de 1971, seminário inédito.
- <sup>72</sup> LAURENT, E. *Lacan y los Discursos*, Ediciones Manantial, Buenos Aires, 1992, p.27.
- <sup>73</sup> \_\_\_\_\_. O Seminário - livro XVII, *O Averso da Psicanálise (1969-1970)*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, p.55.
- <sup>74</sup> \_\_\_\_\_. "Función y Campo de la Palabra y del Lenguaje en Psicoanálisis" (1953) in: *Op.Cit.*, p.242.
- <sup>75</sup> \_\_\_\_\_. O Seminário - livro XVII, *O Averso da Psicanálise (1969-1970)*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, p.59.
- <sup>76</sup> VIDAL, M. C. "Um Quarto de Volta" in: *Do Sintoma... ao Sinthoma*. Publicação da Letra Freudiana 17/18, Revinter editora, Rio de Janeiro, 1996, p.87.
- <sup>77</sup> MARISCAL, D. "S2: Função de Verdade" in: *Pulsão e Gozo*, Publicação 10/11/12 da Letra Freudiana, Dumará Editores, Rio de Janeiro, 1990. p.223.
- <sup>78</sup> LACAN, J. O Seminário - livro XVII, *O Averso da Psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, p.144.
- <sup>79</sup> QUINET, A. "A Transmissão da Psicanálise e a Causa Analítica" in: *Ética, Psicanálise e sua Transmissão*, Vozes, Petrópolis, 1996, p. 203.
- <sup>80</sup> LACAN, J. O Seminário - livro XVII, *O Averso da Psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992, p.32.
- <sup>81</sup> Idem, *ibidem*, p.154.
- <sup>82</sup> VIDAL, E. "No início era o Ato" in: *O Ato Psicanalítico*, Publicação 16 da Letra Freudiana, Revinter editora, Rio de Janeiro, 1996, p.99.
- <sup>83</sup> VIDAL, M. C. *Op.Cit.*, p.91.
- <sup>84</sup> RUDGE, A.M. "O Psicanalista e a Sabedoria do Ato" in: *Ética, Psicanálise e sua Transmissão*, Vozes, Petrópolis, 1996, p. 152.
- <sup>85</sup> LACAN, J. "La Ciencia y la Verdad"(1966) in: *Escritos, Tomo II, Siglo Veintiuno Editores, Madrid, 1993, p.837.*
- <sup>86</sup> SANTOS SOUZA, N. "Ética e Clínica Psicanalítica" in: *Ética, Psicanálise e sua Transmissão*, Vozes, Petrópolis, 1996, p. 178.
- <sup>87</sup> LACAN, J. O Seminário, livro II : *O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise (1954-1955)*. Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 1987, p.11.
- <sup>88</sup> Idem, *ibidem*, p.30.

### **III - DIMENSÃO CRÍTICA**

## “Pobre”, De quê? A Subversão do Óbvio

*Psicanálise é o nome de um procedimento que serve para indagar processos anímicos dificilmente acessíveis por outras vias.<sup>1</sup>*

*(Freud, 1917)*

A subversão do óbvio é uma tarefa permanente, porque necessária, da Psicanálise. Extrair do ato a positividade que o funda requer do analista sua aposta na suspensão dos dados. Dados esses tão firmemente arraigados nos hábitos e sentidos do senso comum - arduamente mantidos, em termos psíquicos, pelos esforços imaginários do Eu - passam, a partir do ato analítico, a operar sob o modo de uma indagação. Onde o senso comum impera, indagar é preciso e o ato, sua condição.

Sobre tal subversão - interrogação a ser escutada pelos efeitos que daí advenham - operada pelo ato analítico em sua função de corte, N.Santos Souza observa:

*Do mesmo modo, por ser sempre ruptura com o instituído e inauguração de um novo começo, o ato analítico exclui qualquer vínculo com os ideais, valores constituídos e*

*consolidados a exigirem continuidade, preservação. O ato é acontecimento e irrompe na contracorrente dos ideais suspendendo todo o instituído até então<sup>2</sup>*

Assim, sustentada em indagações que de modo algum se resolvem por meio de respostas prontas, igualmente adaptáveis a todos os sujeitos, à prática psicanalítica estão para serem evitados, os padrões do “desde sempre conhecido” e “para sempre concluído” que trariam por sua aplicação, desvios teórico-clínicos - e, portanto, éticos - insuperáveis.

Conduzidos, então, nessa direção de trabalho - do óbvio a sua subversão - configuramos a Dimensão Crítica de nosso texto, inaugurada, como não podia deixar de ser, pela simplicidade - e radicalidade - de uma indagação: “Pobre”. De quê?

Sentido a ser construído na particularidade de cada tratamento, à Psicanálise impõe-se, atenta à permanência de seu exercício nessa dimensão de subversão que lhe é original, a tarefa de indagar, no confronto com a “população de baixa renda”, sobre a obviedade dos dados que dizem da situação econômica de um sujeito. Como temos observado, a noção freudiana de *miséria neurótica* revela-se como elemento fundamental nessa direção.

“Pobre.” De quê? destaca-se, então, como uma instigante indagação que, em sua radical simplicidade, porta, na verdade, uma interessante suspensão da aproximação tão freqüentemente realizada no senso comum: “pobre” como aquele “que não tem o necessário à vida” ou “cujas posses são inferiores à sua posição ou condição social”<sup>\*</sup>.

---

<sup>\*</sup> Cf. Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda.

Nesse caminho de indagações, a ser atravessado por cada sujeito em seu percurso analítico, uma outra interessante suspensão da obviedade de respostas do senso comum encontra-se também assinalada no texto freudiano: metaforizadas por questões tais como *De onde vêm os bebês?* ou *Por quê a guerra?*, observamos não só a indicação do impossível de respostas prontas e gerais aos enigmas da origem e da existência humana bem como a própria definição da direção de trabalho da prática psicanalítica. Quer seja, um percurso causado pelo que faz enigma ao sujeito, estranho familiar de sua existência, na direção de alguma resposta possível a ser construída no particular de suas investigações.

É assim que em seu texto sobre *Una dificultad del Psicanálisis (1917[1916])*<sup>3</sup> - e, certamente, esse caminho do óbvio ao enigma que faz produzir o novo, não é sem dificuldades - Freud reafirma a subversão do óbvio operada pela Psicanálise, descrevendo os golpes sofridos pelo narcisismo humano quando da revelação da precariedade de suas respostas.

Igualmente penosos, tanto o golpe cosmológico provocado por Copérnico (que, com suas teorias, rompe com a ilusão de que a terra é o centro do universo) como o golpe biológico provocado por Darwin (que rompe com a ilusão de que o homem tem uma procedência divina, e não animal, como ele passa a postular) em nada superam, segundo Freud, o golpe psicológico provocado pela própria Psicanálise (que rompe com a ilusão de uma unidade e de uma racionalidade psíquicas).

Com relação ao aniquilamento da ilusão provocada por esse terceiro golpe narcísico, interferindo sobre as garantias da razão, “dona” até então das ações e pensamentos humanos, Freud pontua:

*Pois bem, esses dois esclarecimentos: que a vida pulsional da sexualidade*

*em nós não pode dominar-se plenamente, e que os processos anímicos são em si inconscientes, tornando-se acessíveis e submetendo-se ao eu somente através de uma percepção incompleta e suspeita, equivalem a asseverar que o eu não é o senhor em sua própria casa.<sup>\*4</sup>*

Senhor deserdado de sua própria casa, caberá agora ao eu, o miserável esforço em recuperar o tão golpeado narcisismo humano, o que se torna, de algum modo possível - ainda que precariamente - por sua enganosa função de conferir consistência e identidade ao sujeito, mesmo que este pague por isso com o alto (a)preço de sua neurose.

Referenciados, então, pela passagem discutida acima - do óbvio do senso comum aos enigmas da existência, passagem essa sustentada como necessária pela prática psicanalítica em seu rigor - aproximamo-nos do “pobre”, insistindo em indagar: “Pobre?” De quê?”

Avançando para além de respostas supostamente habituais que aí comparecem, retornemos agora às considerações de Freud sobre tal problemática, problemática essa que atravessa vários de seus textos e encontra-se especialmente tratada no ponto em que ele se dedica a investigar os possíveis *Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica*.<sup>5</sup> Portanto, vejamos:

Já na famosa série de seus trabalhos sobre técnica (1911-1915[1914])<sup>6</sup>, Freud realiza algumas indicações sobre a prática psicanalítica com “os pobres”, indicações essas que podem até se apresentar, à primeira

---

\* O grifo é do texto original.

vista, como “conselhos” no sentido de que também os preceitos teórico-clínicos mais fundamentais da Psicanálise sejam alterados em nome das especificidades das demandas dessa “população”.

É assim que, ao estabelecer as condições *Sobre la iniciación del tratamiento*<sup>7</sup>, ele afirma:

*Alguém pode situar-se muito longe da condenação ascética do dinheiro e, no entanto, lamentar que a terapia analítica, por razões tanto externas como internas, seja quase inatingível para os pobres.*<sup>8</sup>

E prossegue:

*...quem ataca a neurose de um pobre com os recursos da psicoterapia costuma comprovar que nesse caso, pede-se, em verdade, uma terapia de índole muito diversa...*<sup>9</sup>

Certamente, trechos como esses poderiam vir a funcionar, numa leitura menos avisada, como possíveis sinalizações de que a Psicanálise, em termos do atendimento ao “pobre”, estaria para ser amplamente revista, ou mesmo substituída em seus fundamentos, justificando, com isso, a busca de teorias e técnicas mais adequadas à renda, ao vocabulário, enfim, à “experiência cultural” (cf. Costa, J.F.) da “população” a ser atendida.

Porém, parece-nos importante reafirmar que os *conselhos* freudianos que se dirigem aos atendimentos das *vastas camadas populares*<sup>10</sup>, encontram-se referidos, antes de mais nada, a eventuais alterações técnicas que se façam aí necessárias, devendo manter-se, assim,

preservados, mesmo que tecnicamente alterados, os preceitos fundamentais da Psicanálise de acordo com seus mais rigorosos parâmetros.

Em seu texto sobre a *Patologia da ética*, J-A. Miller nos lembra:

*Pode-se dizer que toda clínica que o seja verdadeiramente do sujeito, toda clínica psicanalítica autêntica, é uma clínica desde o ponto de vista ético. E mais: a ética é a dimensão constituinte da experiência analítica.<sup>11</sup>*

Confirmando o que se encontra aí expresso por Miller, depreendemos de nossa experiência clínica a observação de que nem mesmo as interferências institucionais - como, por exemplo, tempo marcado antecipadamente para a conclusão dos tratamentos, fila de espera para o início dos mesmos e/ou “falta de opção” na escolha do analista, as quais atravessam, muitas vezes, os atendimentos da “população de baixa renda” - impõem-se como razões suficientes que venham a justificar modificações teórico-clínicas para além dos limites da técnica.

De fato, o manejo da técnica está para ser interrogado no um a um de cada caso, e não apenas nos casos de “baixa renda”, constituindo-se, desse modo, como o permanente exercício do analista no confronto com a ética de sua experiência. Afirmamos, portanto, que a técnica não regulada por uma ética é nada e a miséria é do analista.

Mas foi através de uma advertência de Freud, na abertura de um de seus artigos técnicos mencionados anteriormente, que, mais uma

vez, alertamo-nos para a necessária conjugação da técnica com uma ética que a fundamente e a mantenha de acordo com seus mais rigorosos parâmetros. A ser sustentada especialmente no atendimento à “população de baixa renda”, onde uma confusão entre ética e técnica é observada com especial frequência, tal conjugação torna-se, portanto, indispensável à sustentação da experiência analítica na dimensão ética - e não apenas técnica - que lhe é peculiar. Ele afirma:

*... na psicanálise nunca é óbvia a resposta a questões técnicas. Talvez haja mais de um caminho bom, mas sem dúvida, há muitíssimos maus...<sup>12</sup>*

Seria, então, a degradação da ética na prática psicanalítica, e os conseqüentes reducionismos técnicos que daí advêm, o que Freud nos aponta como um dos *maus caminhos* da Psicanálise? Parece-nos que sim.

Também em Lacan, tais preocupações com os *maus caminhos* da Psicanálise não deixam de retornar em vários momentos de sua obra; se, de modo algum, apontam, por oposição, ao traçado dos “bons caminhos” psicanalíticos - o que certamente provocaria uma enganosa idealização dos bons e maus caminhos a serem percorridos em conjunto pelo sujeito e seu analista - portam, sem dúvida, uma importante demarcação dos parâmetros da prática psicanalítica bem como dos lamentáveis desvios que aí ocorrem quando da banalização de sua ética por uma indevida incrementação de sua técnica.

É assim que, no segundo de seus seminários, Lacan insiste em interrogar:

*A questão é, portanto, saber se a psicanálise vai pouco a pouco se relaxando até abandonar o que foi por*

*um instante entreaberto, ou se, pelo contrário, ela vai tornar a patentear seu relevo, e de maneira que o renove.*<sup>13</sup>

*Instante entreaberto* pelo ato freudiano em sua radicalidade inaugural, fundamenta-se a clínica psicanalítica em uma ética, ética do sujeito na particularidade de sua condição desejante mantida, assim, em sua originalidade. No entanto, na contra-mão do exercício de permanente reinvenção que a prática exige de todos nós, analistas, deparamo-nos muitas vezes com a miserabilização de seus fundamentos éticos. Tal miserabilização encontra-se indicada, por exemplo, no indevido reducionismo de toda uma experiência a regras técnicas mais ou menos apropriadas a esta ou àquela “população”.

Pouco antes do seminário citado acima, Lacan, na retomada das preocupações freudianas que versam sobre a técnica - e que tocam também, como pontuamos anteriormente, no inevitável âmbito ético de tal problemática - registrava em um de seus escritos:

*De nossa parte, afirmamos que a técnica não pode ser compreendida, nem por conseguinte corretamente aplicada, se se desconhecem os conceitos que a fundam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos não tomam seu pleno sentido senão orientando-se em um campo de linguagem, senão ordenando-se à função da fala.*<sup>14</sup>

Mas será em sua discussão sobre *La dirección de la cura y los principios de su poder*<sup>15</sup>, texto crítico aos destinos - e desvios - da prática psicanalítica, tal como vinha sendo conduzida pelos pós-freudianos, que Lacan

reafirma seu interesse em alertar os analistas para as indevidas apropriações técnicas aí observadas, correspondentes a situações onde os conceitos que fundamentam tal prática tornam-se absurdamente desprezados. Nesse texto, ele assinala: *Não há limite para os desgastes da técnica por sua desconceitualização*<sup>16</sup> ao que M.Silvestre acrescenta: *Não existe técnica da psicanálise se não houver uma para cada tratamento*<sup>17</sup> reintroduzindo, mesmo no campo da técnica, a marca do singular inerente à prática analítica, inaplicável, portanto, ao geral de uma “população”.

Preocupa-nos, desse modo, que o exercício de tal prática, no caso aqui observada em termos da clínica com a “população de baixa renda” (onde encontramos, com lamentável frequência, a recorrência de tais desvios) , mantenha-se preservada das desviantes - e desgastantes - condições então apontadas por Lacan. Tal preservação irá, invariavelmente, implicar o analista no rigor de sua ética.

Insistindo ainda na direção de acompanhar os caminhos da Psicanálise - que entre dificuldades e desvios, sustenta-se no permanente exercício de sua reinvenção - retornamos a Freud que, ao apontar *Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica* (1919[1918])<sup>18</sup>, traça importantíssimas considerações sobre tal problemática.

Atento à situação social da Psicanálise na época, ele se propõe, nesse texto, a passar em revista os pressupostos fundamentais da prática psicanalítica, observando *em perspectiva, as novas direções em que (esta) poderia desenvolver-se*. Tomando, desse modo, como um “ato de violência - por mais que invoque os mais nobres propósitos” - a proposta de alguns contemporâneos seus de

*“pôr a psicanálise a serviço de uma determinada cosmovisão filosófica e impô-la ao paciente com o fim de enobrecê-lo”,* Freud

chega às “*vastas camadas populares*”, onde afirma ser “*enormemente mais grave*” o sofrimento neurótico.

Vale aqui ressaltar que tal instigante afirmação de Freud, associada a outra de suas indicações nesse mesmo texto que diz que *o pobre está todavia menos disposto que o rico a renunciar a sua neurose*, mantém-se em nosso percurso enquanto indagações que nos fazem insistir não só nos caminhos teóricos a serem ainda percorridos bem como no próprio cuidado na escuta das situações clínicas que “*dessa população*” emergem.

Certamente, como veremos a seguir, a noção de *miséria neurótica*, também introduzida dentre tais indicações freudianas, destacou-se como decisiva em nosso percurso de trabalho, já que confirma, por definição, a neurose, em sua particular constituição estrutural, como campo privilegiado à *miséria do paciente*.

Ao considerar, então, que *as neuroses não constituem menor ameaça para a saúde popular que a tuberculose*, Freud enuncia a aposta de que *alguma vez a consciência moral da sociedade despertará e lhe recordará que o pobre não tem menores direitos à terapia anímica que aqueles que já se acertam em matéria de cirurgia básica*.<sup>19</sup>

Portanto, se a condução da prática psicanalítica dentro de uma *nova orientação* se estenderá, desde então, ao atendimento das *camadas pobres da população*, irá enfatizar também a importância de *adequar nossa técnica às novas condições*, o que corresponde, conforme encontra-se nesse trecho indicado, a *buscar para nossas doutrinas teóricas, a expressão mais simples e intuitiva*. Mas, ainda que alterações técnicas pareçam se impor como indispensáveis ao atendimento do “*pobre*” - o que, no cotidiano da clínica, nem

sempre encontra-se confirmado - interessa-nos ultrapassar o detalhamento de tais alterações e prosseguir acompanhando Freud que, no mesmo texto que estivemos até aqui pontuando, irá concluir:

*Mas qualquer que seja a forma futura desta psicoterapia para o povo, e não importa que elementos a constituam finalmente, não resta nenhuma dúvida de que seus ingredientes mais eficazes e importantes seguirão sendo os que ela tome da psicanálise rigorosa, alheia a todo partidarismo.<sup>20</sup>*

Mas sob quais parâmetros a *psicanálise rigorosa* se define? Sustentada pela ética que é a do desejo, e não a dos bens - *Não há outro bem senão o que pode servir para pagar o preço de acesso ao desejo*<sup>21</sup> - a Psicanálise, no rigor de sua experiência, apresenta-se comprometida com a produção da diferença, operada a partir da subversão do senso comum que aprisiona e empobrece o sujeito, na direção do novo. Nesse compromisso, atualizado no um a um de cada caso, estão, portanto, para ser evitadas, as lamentáveis degradações éticas que possam vir a atravessar - e mesmo a inviabilizar - a prática analítica. Estão para ser evitados também os indevidos reducionismos técnicos que, como ressaltamos, são especialmente observados em termos do atendimento à “população de baixa renda.”

Também em seu texto sobre *La dirección de la cura...*, insistindo em interrogar sobre os desvios já assinalados no que se refere à prática psicanalítica, Lacan afirma: *Talvez baste interrogar seus meios para definí-la em sua exatidão.*<sup>22</sup>

Realizemos, então, antes de definí-la em sua exatidão (*rectitud*), uma breve descrição de seus meios. No mesmo texto citado acima, Lacan, na

retomada e no desdobramento das referências técnicas indicadas em vários pontos da obra freudiana, discrimina em três, as modalidades de intervenção do analista - quer seja, sua tática, sua estratégia e sua política:

- Desde sua tática, se, de algum modo, o analista é totalmente livre para interpretar - *único senhor em meu barco depois de Deus*<sup>23</sup>- já que não dispõe de nenhum manual técnico que o guie em sua conduta, não tem, de outro modo, como antecipar os efeitos de suas interpretações, fator esse que não lhe permite relaxar em sua posição. Assim, no que toca o real em sua imprevisibilidade, a interpretação, fundada na equivocidade da lógica significante, deverá operar na suspensão de significações rigidamente estabelecidas, confirmando-se (ou não) como tal, no a posteriori dos efeitos que produza sobre o sujeito. Do óbvio ao enigma, uma interpretação, então, se impõe.

- Desde sua estratégia, que se refere ao próprio manejo da situação analítica em sua dupla dimensão de abertura e fechamento ao trabalho inconsciente, o analista terá uma maior restrição em sua liberdade, já que de determinados lugares para onde é empurrado na transferência, não poderá se esquivar.

Portanto, quer em sua vertente simbólica, quer em sua vertente imaginária, ambas enodadas ao real da repetição, a instalação e o prosseguimento do trabalho analítico, no que tocam à responsabilidade do analista, dependem das estratégias das quais ele faça uso na direção do tratamento.

- Por fim, desde sua política, modalidade essa que circunscreve a estrutura da experiência analítica, delimitando-a em seus meios e definindo-a em seus princípios éticos, nada de liberdade resta ao analista.

Na suspensão de preceitos morais rigidamente estabelecidos, preceitos esses que definem o Bem Supremo e o Saber Absoluto como duas de suas premissas básicas, a ética da Psicanálise restringe o analista em seu ato, comprometendo-o com seu fazer.

Desse modo, à manutenção da experiência psicanalítica em sua exatidão - a fim de que esta se sustente na dimensão de rigor que lhe é devida - exige-se um analista que, ao implicar-se *com palavras, com sua pessoa*, e mesmo, *com o que há de essencial em seu juízo mais íntimo*, paga a cota de sua participação na tarefa analítica. Do escrito lacaniano destacamos ainda o seguinte trecho, enfatizando os termos econômicos - referidos, sem dúvida, à economia neurótica - também utilizados por Lacan, tal como havíamos encontrado anteriormente em Freud:

*Digamos que no depósito de fundos da empresa comum, o paciente não é o único com suas dificuldades que põe toda a cota. O analista também deve pagar.<sup>24</sup>*

Dever pagar que é, antes de mais nada, um dever ético, o analista paga, na aposta do ato analítico, para sustentar sua prática sob as rigorosas condições a esta exigidas, mas paga também, talvez ainda mais caro, quando a degrada em seus princípios, quando a conduz por seus desvios.

Ainda, a resistência do analista na miséria de sua escuta poderá levar à indevida e prematura interrupção de um tratamento, custo esse especialmente alto ao analista, já que encontramos aí revelada, em cada uma dessas interrupções, a própria limitação de sua prática, o fracasso mesmo de sua aposta.

É assim que ao final de seus *Consejos al Médico sobre el Tratamiento Psicoanalítico (1912)*, Freud expressa:

*Manifesto a esperança de que a progressiva experiência dos psicanalistas, leve-os a um acordo sobre os problemas da técnica: sobre a maneira mais adequada a fim de tratar os neuróticos.*<sup>25</sup>

Acordo nem sempre possível, tomamos tal *conselho* freudiano como mais uma indicação de que, para além das divergências técnicas que possam vir a atravessar a prática analítica, o compromisso ético de cada analista com a escuta do sujeito neurótico (escuta essa certamente dirigida ao particular de cada caso e não ao geral de uma “população”) está para permanecer rigorosa e invariavelmente mantido.

Interessa-nos agora retornar à noção freudiana de *miséria neurótica* que, a nosso ver, e em especial no que se refere ao atendimento da “população de baixa renda”, apresenta-se como uma noção decisiva à sustentação de nossa prática na dimensão que lhe é devida, *não importa que elementos a constituam*.

Então, continuemos acompanhando Freud. Se, já ao traçar as condições necessárias para o início do tratamento, afirmava que:

*Não há na vida nada mais custoso que a enfermidade e.... a estupidez,*<sup>26</sup>

referindo-se aqui ao preço pago pelo sujeito na manutenção neurótica de seus sintomas e repetições (preço esse que, como veremos mais adiante, deverá articular-se, no um a um da clínica, às condições do pagamento no tratamento

analítico), será mesmo no texto que dedica ao exame das novas possibilidades clínicas da Psicanálise - as quais passam a considerar também o atendimento das *camadas populares* - que a noção de *miséria neurótica* irá se destacar. Ele diz:

*Com relação à enorme miséria neurótica que existe no mundo e por acaso, não é necessária, o que podemos remover é ínfimo desde o ponto de vista quantitativo.<sup>27</sup>*

A partir dessa afirmação freudiana, ponto fundamental em nossos estudos, traçamos as seguintes considerações:

1- Se, do ponto de vista quantitativo, as possibilidades de intervenção da Psicanálise são, tal como encontra-se aí afirmado por Freud, ínfimas em comparação à enorme “miséria neurótica” que existe no mundo, restritas, de fato, a um número limitado de casos, vale aqui ressaltar a natureza de tal limitação. Fundamentada essencialmente em dois pontos, quer seja: o do desejo do analista operando (ou não) como articulador do ato analítico e o da disposição do sujeito em enfrentar (ou não) o caro, e muitas vezes penoso, percurso de uma análise, a limitação do tratamento analítico de modo algum se define pela perspectiva financeira da “baixa renda” do sujeito. Assim, ainda que ínfima do ponto de vista quantitativo, a prática psicanalítica haverá de manter-se preservada, em termos qualitativos, para cada um daqueles que a demandem (independente da camada social de que provenha o paciente), o que só será possível se mantidos os rigorosos parâmetros que sua ética lhe exige.

2- Se, a princípio, a *miséria neurótica* apresenta-se como uma condição não-necessária à existência humana, já que revela-se unicamente como marca da posição de alguns sujeitos em sua relação ao campo do Outro

(ainda que, na experiência, sejam muitos), passa a ser inscrita como tal - como necessária - quando para tais sujeitos, torna-se descritiva de sua neurose mesma. Quer seja, ainda que a perspectiva estrutural não se mostre suficiente para dizer do sujeito - já que este é, de fato e por direito, definido pelo particular de sua posição ética na existência - irá se apresentar como recurso indispensável, em termos psicanalíticos, da localização da *miséria* em seu devido lugar, melhor dizendo, na articulação desta à posição neurótica, e não financeira, do paciente.

3- Enfim, se poderíamos até considerar ter se produzido nesse ponto da obra freudiana, um certo agrupamento, uma certa categorização do “pobre” - que tem, a princípio, seu acesso impedido à Psicanálise e passa, desde então, a ser incluído dentre a “população” analítica - por oposição àqueles que provêm dos (...) *estratos superiores e abastados de nossa sociedade, que costumam escolher seus próprios médicos (...)*<sup>28</sup>, observa-se também a insistência de Freud em enfatizar a importância do pagamento para o tratamento do paciente neurótico, definida de modo particular a cada caso e não na obviedade da oposição: estratos inferiores x estratos superiores de uma “população”.

A ser tomado no particular de cada análise, o pagamento confirma-se, então, como uma condição necessária ao tratamento, indicando a parte de gozo que o paciente se dispõe (ou não) a renunciar, renúncia necessária à satisfação pulsional no acesso à condição desejante.

A aposta de uma análise deverá, portanto, apontar às possibilidades de alteração na posição de *miséria* custosamente mantida pelo sujeito nos desperdícios de sua economia neurótica. Reconhecido como uma necessidade estrutural do tratamento da neurose, o trabalho analítico em torno

do pagamento torna-se, assim, imprescindível. Se, de fato, o que importa é o quanto o sujeito “renda” em termos de tal trabalho, o que implica necessariamente o desejo do analista no rigor de sua operação, o ponto do pagamento em uma análise haverá de ser tomado no contexto significativo do sujeito, e, portanto, de modo algum tratado na obviedade financeira de sua “renda”. Freud adverte:

*Muitas das resistências do neurótico aumentam enormemente pelo tratamento gratuito.<sup>29</sup>*

Resistência do sujeito em sua *miséria neurótica* que, ao conjugar-se à resistência do analista em sua inadequada intenção filantrópica, estabelece-se como uma força contrária aos avanços do trabalho analítico. Com relação à posição do analista, uma outra séria advertência de Freud aqui se destaca:

*Creio que é mais digno e está sujeito a menos reparos éticos, alguém confessar suas pretensões e necessidades reais, e não, como é costume ocorrer ainda hoje entre os médicos, fazer o papel do filantropo desinteressado, papel para o qual não se possui os meios(...).<sup>30</sup>*

Observa-se, assim, que, se por temor ou piedade, o analista vier a acreditar nos “benefícios” do tratamento gratuito, mesmo em se tratando da “população de baixa renda” (ou ainda mais nesses casos), estará, de fato, operando na rigidez de sua resistência, consentindo com a miséria que lhe é apresentada pelo neurótico. Vale ainda ressaltar que também em casos onde o tratamento é forçosamente gratuito (como, por exemplo, em determinados serviços públicos onde, por questões institucionais, o tratamento não é pago), a

questão do pagamento não deixa de estar colocada enquanto indicativa da posição do sujeito na miséria de sua neurose, constituindo mesmo aí, um dos pontos fundamentais a ser trabalhado no percurso analítico.

Ora, deparamo-nos, desse modo, com perigosas armadilhas que se revelam como desvios da condução do tratamento analítico em sua ética : na boa intenção de fazer o bem e/ou de ser caridoso, *filantropo desinteressado*, como então nos apontava Freud, o analista afasta-se para bem longe de seu lugar, já que este nada tem a ver com o exercício de suas “boas intenções”.

Referindo-se ao que é da ordem dos ideais e dos bens, em seu seminário sobre *A Ética da Psicanálise*, Lacan afirma:

*É da natureza do bem ser altruísta.  
Mas o amor ao próximo não é isso.<sup>31</sup>*

E prossegue:

*É um fato da experiência - o que quero é o bem  
dos outros à imagem do meu.<sup>32</sup>*

Ressalta-se, com isso, a vertente propriamente narcísica da filantropia que, no “desinteresse” de fazer o bem ao próximo, revela, na verdade, o analista no desvio de sua função. Deixar-se enredar, então, pelas capturas imaginárias que afastam o tratamento da rigorosa condução ética que lhe é devida, quaisquer que sejam as formas pelas quais tais distorções se manifestem - como, por exemplo, pela filantropia, pelo altruísmo ou pelas boas intenções - é da ordem da resistência do analista, que, conjugada à resistência do sujeito neurótico em sua miserável posição na existência, perturba o próprio prosseguimento do trabalho analítico, podendo mesmo levar a sua interrupção.

Enfim, a necessidade da implicação do analista em seus pontos de resistência, proposta essa especialmente sustentada por Lacan em seu retorno à técnica-ética freudiana, impôs-se com tal insistência dentre nossas investigações teórico-clínicas sobre o rigor da experiência analítica, que nos levou a dedicar o próximo ponto deste trabalho a discutí-la.

## “Essa População”: A Resistência do Analista

*Tudo o que perturba o  
prosseguimento do trabalho (analítico) é  
uma resistência.<sup>33</sup>*

*(Freud, 1900)*

A decisão de tomarmos tal indicação do texto freudiano sobre *La Interpretación de los Sueños (1900)* para dar início às nossas considerações sobre a resistência e sua função no manejo da transferência, vem a reafirmar, antes de mais nada, o interesse que nos foi especialmente despertado sobre tal noção a partir da prática com pacientes da assim chamada “população de baixa renda”.

Se deparamo-nos por vezes com leituras clínicas que parecem atribuir ao paciente “pobre” uma maior resistência às condições do tratamento analítico, interessa-nos retornar aqui a alguns pontos do percurso freudiano que contribuem de modo decisivo para que a resistência seja sustentada em seu devido lugar, quer seja, o de toda e qualquer perturbação - inclusive, da parte do analista, como veremos mais adiante - que se oponha ao prosseguimento do trabalho analítico.

Confirma-se, com isso, nossa preocupação em evitarmos a obviedade de interpretações que, seguindo parâmetros financeiros e culturais do paciente, façam recair exclusivamente sobre estes, os motivos resistenciais - e mesmo de interrupção - do tratamento.

Surpreende-nos, portanto, a afirmação de J. Freire Costa que diz: *A disciplina horária conhecida pelas camadas populares é restrita, em geral, às atividades domésticas ou aos horários de trens e ônibus.*<sup>34</sup> Encontraríamos aí implícita a idéia de que as *camadas populares* seriam mais resistentes para se adaptar às condições do tratamento que fugissem dessa “pobre” disciplina horária? Parece-nos que sim, já que também, segundo o autor, *a psicoterapia não pode romper, quando queira e como queira, a barreira de hábitos mentais adquiridos através de um longo e constante processo de socialização. Para que o cliente aceite o enquadramento é preciso que ele entre, de um modo ou de outro, no diapásão de algo que lhe seja familiar.*<sup>35</sup>

Mas se, de acordo com os pressupostos freudianos, a resistência ao prosseguimento do trabalho analítico está para ser mantida em estreita relação à miserável condição do *eu* neurótico, como resumí-la à dimensão estritamente factual da vida cotidiana do paciente? Ou seja, como tomar, desde a perspectiva psicanalítica, o “pobre” enquanto uma categoria empírica de observação, definindo, a partir de uma certa naturalização e universalização que parece ocorrer em termos de suas demandas, regras técnicas para seu atendimento?

A direção de trabalho ora demarcada - quer seja, a de manter a resistência enquanto um entrave que se atualiza de acordo com as leis da economia pulsional do paciente e não apenas dos dados econômicos de sua vida - pretende retomar exatamente o que foi pontuado por Freud sobre tal questão, questão essa que ele mesmo retoma vinte e cinco anos mais tarde do texto original da *Interpretação dos sonhos* e acrescenta aí como nota. Assim, temos:

*A tese tão peremptoriamente  
formulada aqui “Tudo o que perturba*

*o prosseguimento do trabalho é uma resistência”, poderia dar origem com facilidade a um mal-entendido. Naturalmente, só tem o valor de uma regra técnica, de uma advertência para o analista. Não há dúvida de que, durante uma análise, podem acontecer diversos fatos alheios à intenção do analisado. Pode morrer o pai do paciente sem que ele o tenha matado, também pode estourar uma guerra que ponha fim à análise. Mas, por trás do exagero manifesto dessa tese, esconde-se um sentido novo e correto. Por mais que o sucesso perturbador seja real e independente do paciente, com frequência depende deste, o grau de perturbação a que dá lugar, e a resistência evidencia-se inequivocamente no pronto e desmedido aproveitamento de uma oportunidade assim.<sup>36</sup>*

Sobre esta nota, Lacan comenta sua importância, já que ela estará traduzindo, segundo ele, *com que amplitude é colocada a questão da resistência*<sup>37</sup> em Freud. Ressaltemos, então, alguns de seus pontos:

- a interessante advertência de Freud sobre a possibilidade de que o mal-entendido seja facilmente instalado a partir desta sua formulação. Tal possibilidade parece, de fato, confirmar-se na prática, tamanha a frequência de interpretações equivocadas que daí se desdobram com relação à noção de *resistência*.

- por outro lado, o valor de *regra técnica*, de *advertência* que tal formulação deverá tomar para o analista, desde que a *resistência* seja localizada e mantida enquanto importante elemento da estrutura neurótica - estrutura essa

que se funda, como sabemos, na operação de divisão do sujeito, da qual a *resistência* aparece como uma inegável indicação clínica.

*O paciente extrai do arsenal do passado, as armas com as quais se defende da continuação da cura, e que nos é preciso arrancar-lhe peça por peça*<sup>38</sup>, nos diz Freud, tomando o trabalho da transferência, possibilitado pela sustentação do desejo do analista, como o próprio manejo das *resistências* neuróticas que aí não cessam de se atualizar.

A *resistência* funciona, então, não somente como obstáculo ao trabalho analítico, mas ainda como condição de possibilidade deste, o que se encontra expresso também como uma advertência de Freud para o analista, a ser observada no início de cada tratamento. Destaca-se:

*Assim sendo, enquanto as comunicações e ocorrências do paciente afluam sem parar, não há que tocar no tema da transferência. É preciso aguardar para este, o mais espinhoso de todos os procedimentos, até que a transferência tenha se tornado resistência.*<sup>39</sup>

- a ênfase permanente e inequívoca que Freud faz aqui recair, bem como em vários outros pontos de sua obra, sobre a implicação do sujeito nos acontecimentos de sua vida, no destino de sua existência.

A *resistência* fica caracterizada, assim, por mais que o sucesso perturbador seja real e independente do paciente, como o aproveitamento, o uso que o sujeito faz da situação que a ele se impõe. Torna-se, portanto, a partir dessa perspectiva, extremamente inadequado tomar a situação “em si”, em sua obviedade factual, como o fator determinante da *resistência* do paciente.

Mas a que fatores atribuir, então, a determinação da *resistência*? Tomada como um elemento decisivo à miserabilização do paciente neurótico irá impôr-se, na conjugação com a resistência do analista, como um dispendioso impasse (ainda que inevitável, como observamos) aos avanços do trabalho analítico.

Da física, obtemos uma definição que muito contribui em nossas considerações sobre a *resistência*, já que esta encontra-se aí descrita como “uma força que se opõe ao movimento de um sistema.”\* Apropriando-nos de tal definição em termos psicanalíticos, reconhecemos, então, o inconsciente como esse sistema que, em seu movimento, opera pela insistência de um trabalho, produzindo como efeito, o sujeito. Na originalidade do corte freudiano sobre a realidade dos fatos “em si”, o sujeito torna-se agora, num ato sem retorno, necessário e irrevogavelmente implicado em seu destino. De outro modo, tudo o que se apresente como perturbação ou desvio - força contrária ao movimento do sistema - no percurso desse sujeito, irá revelá-lo em sua divisão. Tal divisão irá, portanto, apontar, em seu avesso, à própria *miséria* da *resistência* neurótica fortemente sustentada pelos ideais do *eu* imaginário. Desse modo, a *resistência* passa a ser tomada em sua função estrutural na constituição neurótica convivendo, em permanente tensão, com a insistência do inconsciente.

Dentre as postulações fundamentais do texto freudiano sobre o “*Más allá del principio de placer*” (1920), interessa-nos destacar, a seguir, o trecho que expressa de modo bastante preciso, tal confronto neurótico entre a *resistência* (do eu e do isso) e o inconsciente (insistência do recalcado):

*O inconsciente, vale dizer, o  
“reprimido”, não oferece resistência  
alguma aos esforços da cura; e ainda*

---

\* Conforme Buarque de Holanda, A. - Novo Dicionário da Língua Portuguesa.

*não aspira a outra coisa que irromper até a consciência - a despeito da pressão que o oprime - ou até a descarga - por meio da ação real.<sup>40</sup>*

Por outro lado:

*A resistência na cura provém dos mesmos estratos e sistemas superiores da vida psíquica que, em dado momento, levaram a cabo a repressão.<sup>41</sup>*

Sobre a resistência, tal como encontra-se aí descrita por Freud, J.C.Cosentino comenta:

*E como o que rege o sonho, o aparato psíquico e o processo primário é o princípio de prazer-desprazer, as resistências ficam do lado do eu (ego), evitando o surgimento do desejo inconsciente, fazendo obstáculo à livre associação.<sup>42</sup>*

Vale ressaltar que tal definição refere-se, na verdade, à concepção metapsicológica da *resistência*, revista em termos do *Más allá del principio de placer*, já que desde então, a *resistência* (do isso) passará a ser também da ordem do que escapa ao recalque.

Portanto, mostra-se também bastante inadequado que a noção de *resistência* seja tomada do mesmo modo em momentos diversos da obra freudiana, já que sua localização não corresponde invariavelmente ao *lado do eu* do conflito psíquico. Assim, a partir dos impasses clínicos que vão se impondo à prática psicanalítica, a conjugação da *resistência* a diferentes concepções da direção do tratamento e do trabalho sob transferência em Freud, vai se tornando indispensável.

Ora, mas se desde o início das postulações freudianas, a *resistência* encontra-se presente (como, por exemplo, no trecho de 1900 citado anteriormente) como noção importante à compreensão da condição neurótica, será somente na série de “*Trabajos sobre Técnica Psicoanalítica*” (1911-1915[1914]) que a articulação de tal noção à operação do recalque e ao manejo da transferência torna-se, enfim, evidente. Dessa articulação, resulta a significativa passagem conceitual da *resistência* compreendida estritamente como censura neurótica - indicativa da operação do recalque fundante da *neurose ordinária* - à *resistência* como condição de possibilidade à instalação da transferência, ainda que também seu obstáculo, atualizada sob a forma de *neurose de transferência*<sup>43</sup>.

Ao escrever, então, *Sobre la dinámica de la transferencia* (1912), Freud esclarece:

*Na cura analítica, a transferência sempre aparece a nós num primeiro momento como a arma mais poderosa da resistência, e temos direito a concluir que a intensidade e tenacidade daquela são um efeito e uma expressão desta.*<sup>44</sup>

Certamente, a retomada dos pressupostos freudianos que Lacan propõe como necessária à condução do tratamento analítico segundo uma rigorosa direção, mantém-se, de modo inequívoco, por essa aproximação da resistência à transferência aí assinalada.

Se podemos observar tal aproximação em diversos trechos dos escritos e seminários de Lacan, já no primeiro deles - *Seminário 1: Os Escritos*

*Técnicos de Freud(1953-1954)* - encontramos sobre esse ponto, um importante comentário. Lacan afirma:

*A Psicanálise é uma técnica que respeita a pessoa humana - no sentido em que o entendemos hoje, depois de nos termos apercebido de que isso tinha o seu preço - que não somente a respeita, mas só pode funcionar respeitando-a. Seria, portanto, paradoxal colocar em primeiro plano esta idéia de que a técnica analítica tem por finalidade forçar a resistência do sujeito.*<sup>45</sup>

Sob tal perspectiva, então, o trabalho da *resistência* constitui-se pelo próprio manejo desta, e de modo algum por seu forçamento, manejo que é de transferência e que está para ser sustentado pelas táticas e estratégias do analista no rigor de sua ética.

Mas, será ainda em Freud que encontraremos uma outra indicação bastante precisa da *resistência* tomada enquanto vertente da transferência, depreendendo-se daí os efeitos de tal concepção sobre a escuta do analista na condução do tratamento. Na conferência 19 - *Resistencia y Represión* - da série de *Conferencias de Introducción al Psicoanálisis (1917[1916-17])*, ao descrever as diferenças entre as *resistências* intelectuais e afetivas do sujeito neurótico, Freud insiste na importância do manejo da transferência como uma tarefa necessária aos avanços do trabalho analítico. Ele assinala:

*As resistências intelectuais não são as piores; sempre se sai vencedor delas. Mas o paciente as compõe também, enquanto permanece dentro do marco da análise, para produzir resistências cujo vencimento se conta entre as mais difíceis tarefas técnicas.*<sup>46</sup>

Essas *resistências*, cujo manejo se apresenta dentre as *mais difíceis tarefas técnicas*, Freud as nomeia como *resistências afetivas* e as descreve de acordo com a transferência, do seguinte modo:

*Ao invés de recordar, (o paciente) repete umas atitudes e moções afetivas de sua vida que, por meio da chamada "transferência", podem empregar-se para resistir ao médico e à cura.<sup>47</sup>*

Mas, se por um lado, o manejo de tais *resistências* constitui uma árdua - ainda que necessária - exigência do trabalho analítico, por outro lado, desempenha também uma importante função na própria sustentação desse trabalho. Enfatizando a importância de tal função, Freud afirma:

*As resistências desta classe (...) contêm tanto do material mais importante do passado do paciente, e refletem-no de maneira tão convincente, que se convertem nos melhores suportes da análise se uma técnica hábil sabe dar-lhes o giro correto.<sup>48</sup>*

Ressaltamos desse ponto, o caráter de condição necessária que o uso de *uma técnica hábil* adquire na possibilidade de que a *resistência* deixe de ser apenas um obstáculo ao trabalho analítico e seja convertida *nos melhores suportes da análise*.

Certamente, tal possibilidade de intervenção sobre a *resistência* - que do obstáculo, algum trabalho se produza - não se dá sem que o analista, exatamente em sua função de causa de trabalho e não de resistência também, faça operar seu saber em termos do manejo da transferência.

Gostaríamos agora, antes de retornarmos à observação da *resistência* em termos do atendimento à “população de baixa renda”, de pontuar ainda em Freud, o terceiro tempo da formulação de tal noção. É mesmo nesse terceiro tempo que encontra-se a expressão mais radical da *resistência* enquanto entrave clínico.

Se, de algum modo, a dificuldade em seu manejo - o que parece ter levado muitos analistas a tentativas de interpretá-la, na esperança de que ela fosse mais rápida e eficazmente ultrapassada - já antecipava, em termos clínicos, a manifestação do caráter rígido e inerte da *resistência*, será somente ao articulá-la à *compulsão de repetição* que Freud irá situá-la de maneira definitiva na direção do tratamento.

Tomada em 1920, como um *fato novo e assombroso*<sup>49</sup>, a *compulsão de repetição*, observada por Freud tanto nos sonhos traumáticos quanto no jogo infantil, impõe-se na economia neurótica em sua radicalidade estrutural. (...) *Sem dúvida o que determina a estrutura, vale dizer, o não interpretável.*<sup>50</sup>

Mas o quê de novo revela-se aí para Freud? J.C.Cosentino, ao descrever a *compulsão à repetição* como a *resistência do isso*, esclarece:

*O fato novo, para Freud, é que a compulsão à repetição traz de volta vivências passadas que não contém possibilidade alguma de prazer, na transferência, sob o regime do princípio do prazer, pois uma “compulsão” empurra a isso.*<sup>51</sup>

Assim, ao atualizar-se como repetição no desdobramento do trabalho analítico, a *resistência* em seu terceiro modo de expressão, indica o

que da pulsão de morte - pulsão, por excelência - resiste à interpretação, revelando o próprio limite da estrutura discursiva em sua possibilidade de sobre o real da existência, dizê-lo todo.

A *resistência* deixa de ser, então, apenas o recurso do aparelho em sua tentativa de evitar o desprazer, provocado pelo retorno do recalado sobre o pobre *eu* neurótico, e passa a conjugar-se, desde então, à dimensão da repetição sob transferência. Portanto, no que se encontra agora associada à presença paradoxalmente silenciosa e perturbadora da pulsão de morte, a *resistência* passa a ser indicativa também do quantum de energia pulsional que sobre o aparelho não cessa de não se inscrever e que apresenta como produto, uma nem sempre prazerosa satisfação.

Com relação a esse ponto, Freud assinala:

*Trata-se, desde cedo, da ação de pulsões que estavam destinadas a conduzir à satisfação; mas já naquele momento, não a produziram, senão que levaram unicamente ao desprazer. Essa experiência se fez em vão. Repete-se-a, apesar de tudo; uma compulsão força a isso.*<sup>52</sup>

Sob os esforços de *uma compulsão*, introduz-se, então, um *mais-além* de qualquer princípio, revelando a radical torção teórico-clínica produzida por Freud com relação a antiga lógica do prazer-desprazer. Em seu artigo sobre *Os paradoxos do prazer*, E. Tolipan referindo-se a tal lógica, nos faz lembrar: *A definição de prazer era límpida e simples: o prazer é alcançado sempre que haja um equilíbrio energético, o retorno ao ponto ótimo.*<sup>53</sup> Desde esse fora de princípio, o que resiste na análise sob o modo de repetição, passa então a ser

por uma outra determinação, que não invariavelmente leva ao *ponto ótimo* de satisfação.

Também sobre *A Torção de 1920*, E. Vidal comenta:

*O além constitui o ponto a partir do qual (Freud) interroga os fundamentos da metapsicologia, um ponto fora do universo do princípio do prazer com que interpela sua soberania nos processos inconscientes.*<sup>54</sup>

Mas, será ainda mais tarde (1937) que Freud irá novamente reafirmar a importância de que a *resistência* seja considerada em sua estreita ligação com a *compulsão à repetição*, tal como encontramos estabelecido a partir do *Más Allá del Principio de Placer* em sua atualização sob transferência.

Assim, ao colocar-se questões sobre o ponto de término de uma análise, especialmente discutidas em seu texto *Análisis Terminable e Interminable* (1937), Freud propõe que:

*Em vez de indagar como se produz a cura pela análise, coisa que eu considero suficientemente esclarecida, a proposta do problema deveria referir-se aos impedimentos que obstaculizam a cura analítica.*<sup>55</sup>

Tal mudança de pergunta - que localiza sob uma outra perspectiva, a anterior compreensão metapsicológica freudiana (1915) do inconsciente e da *resistência* - apresenta-se, desde então, como definitiva aos destinos da prática psicanalítica, prática essa que se funda e se sustenta na

aposta de que alguns fracassos que daí decorrem, algo d'isso que obstaculiza o tratamento poderá ser revertido, pela via do desejo do analista, em trabalho analítico, desde que, como vimos, *uma técnica hábil saiba dar-lhes o giro correto.*

Com relação à última modificação freudiana sobre a noção de *resistência*, a partir da nova perspectiva então introduzida, J.C.Cosentino esclarece:

*Com "Análise Terminável e Interminável", podemos afirmar que se antes, tratava-se de preencher as lacunas mnêmicas - consideração descritiva do inconsciente - depois de levantar a resistência - consideração dinâmica - trata-se agora da colocação em causa da Resistência ao levantamento das resistências - consideração estrutural - no que resta, da compulsão à repetição, na transferência.<sup>56</sup>*

Passemos agora às considerações sobre tal noção, especialmente no que tange à *resistência* do analista, observada desde as possibilidades e impasses da experiência psicanalítica com a "população de baixa renda", de onde destacamos dois pontos principais:

- uma certa tendência ao apagamento das diferenças e particularidades de cada sujeito "dessa população" em nome de uma universalização do "pobre".

- conseqüentes alterações nos atendimentos "dessa população" que parecem extrapolar as necessidades técnicas eventualmente exigidas, interferindo, de fato, na dimensão ética da Psicanálise aí praticada.

Mas, afinal, em que medida tais pontos da experiência analítica nos interessam em sua articulação à *resistência* do sujeito neurótico, tal como vínhamos assinalando em Freud, e, mais especificamente, à *resistência* do analista?

Com Lacan, aprendemos:

*Eis o que manifesta para vocês o que é entrar no jogo do paciente - é colaborar com a sua resistência. A resistência do paciente é sempre a de vocês, e quando uma resistência é bem-sucedida, é porque vocês estão dentro até o pescoço, porque vocês estão compreendendo.*<sup>57</sup>

Nessa conjugação de *resistências*, tal como encontra-se explicitado acima por Lacan, observamos, sob as mais diversas formas, a lamentável produção de desvios - que podem mesmo levar à inviabilização - da prática analítica, desvirtuada em seus princípios, afastada de seu rigor ético. É assim também que observamos, de acordo com a *resistência* do analista em sua prática, uma certa categorização do “pobre” que parece aí ocorrer, levando a uma interpretação generalizada, e absolutamente inadequada, das necessidades deste.

Perde-se, com isso, a possibilidade de escuta do sujeito em sua singularidade - marca original da clínica psicanalítica. Perde-se o enigma das diferenças que faz trabalhar, perde-se o rigor. *Trata-se certamente de um rigor de certo modo ético, fora do qual toda cura, inclusive aquela abarrotada de conhecimentos psicanalíticos, não seria senão psicoterapia.*<sup>58</sup>

Ainda sob tal perspectiva, tomar a “baixa renda” como uma “população” apresenta-se como uma outra inequívoca indicação da *resistência* do analista no relaxamento de sua função, já que é do necessário de sua escuta, privilegiar a particularidade de cada caso em sua condição de um, de pura diferença.

Aproximando agora a noção de “população” à *sociedade de massas*, tal como utilizado por M.R.Kehl em seu artigo *Psicanálise, Ética e Política*, vale destacar:

*O que o neurótico não quer é escolher, não quer se responsabilizar por seu desejo. Responsabilizar-se pelo desejo, no limite, é viver a diferença radical que faz de cada um de nós um solitário, um singular, um estranho - o que é insuportável numa sociedade de massas.<sup>59</sup>*

Enfim, para concluir esse ponto, afirmamos que será mesmo do *insuportável numa sociedade de massas* - um a um de cada sujeito que não se totaliza na mesmice de uma “população” - que o analista haverá de constituir sua prática, real clínico que da experiência não faz universo, obrigando-o à reinvenção. Ora, se, certamente, algo de uma generalização até se faz necessária - afinal, algum *saber* sobre o particular está para ser permanentemente produzido e renovado em termos conceituais - é, de fato, inadmissível que tal generalização avance para além dos rigorosos limites teórico-clínicos que lhe são permitidos.

De outro modo, teremos o analista em sua *resistência*, corroborando com a *resistência* do paciente neurótico em sua miserável condição e produzindo como efeito, o próprio empobrecimento da prática analítica. Sobre tal efeito, discutiremos a seguir.

## A Pobre Psicanálise do “Pobre”

*Temos a obrigação de nos servir da moeda que predomina no país que investigamos; em nosso caso, da moeda neurótica<sup>60</sup>.*

(Freud,1911)

Será mesmo sobre os efeitos do empobrecimento observado com relação aos princípios da prática analítica que estaremos nos debruçando nesse último ponto de nosso trabalho. Como já assinalado, parece-nos ser exatamente na conjugação da resistência do analista com a do paciente neurótico que se localiza, em termos da “população de baixa renda”, um dos fatores decisivos a dificultar a sustentação do trabalho sob transferência de acordo com os mais rigorosos parâmetros da experiência analítica.

Desse modo, interessa-nos agora acompanhar algumas das referências existentes sobre a problemática aqui tratada, referências essas que se tornam especialmente significativas no trajeto percorrido, já que traduzem a atualidade das distorções clínicas que vêm sendo especialmente observadas no trato com tal “população”. Vale esclarecer que ainda que a retomada da bibliografia sobre o tema parecerá, a princípio, bastante insuficiente, interessava-nos pontuar aqui apenas a “fala” de alguns autores que nos servissem como contraponto às nossas discussões. Assim, concentraremos-nos a seguir em torno de três pontos que daí se destacaram:

- a indevida substituição da *moeda neurótica* por outras moedas, outros índices de realidade, que não participam da economia do país que investigamos, quer seja, este que é regido pelas leis da *miséria neurótica*.

- a indevida redução das demandas do paciente “pobre” a necessidades quase que exclusivamente da ordem da sobrevivência humana.

- a indevida generalização dos desejos e construções de cada paciente em particular, produzindo o apagamento das diferenças entre eles e constituindo, assim, a ilusória idéia de uma “população” como um todo único e homogêneo.

Tomemos agora, no trabalho de esclarecimento de cada um desses pontos, afirmações que em nosso percurso de trabalho se destacaram exatamente pela estranheza e pela inadequação que provocam com relação às nossas posições, comentando-as em seguida.

Com relação ao primeiro desses pontos, por exemplo, selecionamos um artigo que até enfatiza a *necessidade de mais estudo e pesquisa relacionados ao tipo de intervenção ou estratégia* que possam trazer melhores resultados ao atendimento da *população carente* e que, no entanto, acaba por concluir:

*Ao mesmo tempo que há um consenso quanto ao fato de que o trabalho do estagiário na instituição possa ser menos eficaz por sua pouca experiência profissional, verificamos que por esta mesma característica - e outras que a acompanham - ele pode ter uma maior proximidade com o cliente pobre, uma vez que ambos se sentem de alguma forma carentes<sup>61</sup>.*

Além de traçarem considerações passíveis de críticas quanto ao trabalho do estagiário, sobre o qual não nos deteremos aqui, afirmações como essa denotam não só absurdos produzidos com relação à definição do *cliente pobre* bem como apontam à própria miserabilização da noção de carência. Tal noção, que ganha sua complexidade e rigor como um dos pilares fundamentais da constituição do sujeito neurótico, não deveria, portanto, encontrar-se facilmente reduzida a qualquer obviedade do senso comum.

Assim, na contra-mão de tal perspectiva que parece conferir ao paciente “pobre” uma caracterização que de modo algum lhe cabe, um interessante comentário de J.Nazar então se destaca. Ele diz:

*O que se observa nisso tudo é que nós, analistas, sempre lidamos muito mal com essa questão da moeda, e o traço marcante dessa constatação é que o dinheiro em psicanálise é tratado como dinheiro em si, cujo estatuto seria sempre o mesmo para todos os campos e operações.<sup>62</sup>*

Assinalando, então, esse trato com o dinheiro como um ponto provável na configuração da resistência do analista, já que é mesmo da responsabilidade deste evitar que a *moeda neurótica* seja tomada como *dinheiro em si* na economia de uma análise, o autor ressalta ainda:

*Não se pode mais cair na inocência de se conceber a moeda na psicanálise como um objeto, tal como se concebe no mercado de trocas.<sup>63</sup>*

Recusamo-nos, desse modo, a localizar a *moeda neurótica* “fora” do contexto da situação analítica e muito menos a tomá-la na obviedade de seu valor empírico, ainda que as precárias condições da vida sócio-econômica do paciente “pobre” possam funcionar como capturantes sinais em uma outra direção de trabalho, que não a da escuta discursiva do sujeito do inconsciente.

Também sobre esse ponto, A.C.Figueiredo contribui:

*O que não podemos fazer é alegar como um apriori que sem dinheiro não se pode fazer psicanálise. Isto sim é resistência!*<sup>64</sup>

E propõe:

*É preciso criar novos critérios de avaliação do fator de ausência de dinheiro na experimentação cotidiana da clínica e referi-los à teoria psicanalítica. É assim que podemos sair ganhando ao invés de entrar perdendo. Contudo, o ganho não é narcísico nem secundário, ao contrário é com perda narcísica que se abre caminho para novas possibilidades do trabalho psicanalítico.*<sup>65</sup>

De outro modo, manteríamos afastada a necessária perda narcísica que se impõe ao analista na condução de um tratamento. Na ética de seu ato, ele também tem algo a pagar, a-pagamento de seus bens e de seus ideais. Só assim, a miserável filantropia que, em muitos casos, atravessa os atendimentos da “população de baixa renda” e os desvirtua de seus princípios estará rigorosamente evitada.

Com relação à indevida redução das demandas do paciente “pobre” apontada anteriormente, traçamos ainda alguns comentários a partir de uma afirmação de B.Bezerra Júnior que diz:

*Como se sabe, a idéia de que o futuro pessoal é determinado pelas escolhas que o sujeito vai acumulando só pode ser vivida como real (...) por aqueles indivíduos cuja posição na estrutura social efetivamente permite uma razoável condição de optar (...). Para a maioria dos membros das classes trabalhadoras o futuro é amanhã, o essencial é continuar vivo, e o leque de opções à sua disposição é extremamente reduzido.<sup>66</sup>*

Ao que o autor associa em seguida:

*Não surpreende, pois, que eventualmente encaram o tratamento de maneira bem menos ambiciosa e muito mais imediatista que o terapeuta.<sup>67</sup>*

Ora, se as evidências da realidade empírica dos fatos até contribuem no sentido de confirmar o primeiro trecho do que se encontra aí enunciado, interrogamo-nos sobre a rápida transposição de tais evidências à situação analítica. Quer seja, parece-nos um tanto precipitado e generalizante, supor que as *classes trabalhadoras* têm uma expectativa *muito mais imediatista* do tratamento por não disporem de planos de vida a longo prazo. Justificaria-se, desse modo, a aplicação de psicoterapias mais breves a tais *classes*? No entanto, não seria mais conveniente atribuir a pressa em concluir o tratamento à

própria configuração da estrutura neurótica do paciente que às diferenças de classe sócio-econômica existentes entre este e o *terapeuta*?

São indagações como essas que nos fazem insistir na verificação das distorções que da prática com a “população de baixa renda” depreendemos com frequência.

Ainda no desdobramento de tal confusão, que nos parece estabelecer uma aproximação estreita demais entre as perspectivas estrutural e financeira do paciente “pobre”, uma outra referência também se destaca pela distorção por ela provocada. Em suas considerações sobre *Psicanálise e Contexto Cultural*, onde, através do estudo do *ego imaginário*, o autor se propõe a *dar conta da relação entre sujeito e cultura sem tirar o pé da psicanálise*<sup>68</sup>, J.Freire Costa afirma:

*Os personagens da psicoterapia não foram socializados no mesmo universo de sentido. As distâncias sociais ganham relevo.*<sup>69</sup>

Concluindo em seguida:

*O enquadramento, em seu modo de comunicação proposto (questões, interrogações, abstenção de injunções imperativas, etc.), assim como em suas cláusulas contratuais (duração fixa das sessões; frequência regular, etc.), não entra em sintonia com a experiência cultural de muitos clientes.*<sup>70</sup>

Mas como não *tirar o pé da psicanálise* se fizermos recair sobre a *experiência cultural de muitos clientes*, o fator que decide sobre a possibilidade ou não da efetivação de uma análise? Não estaria se produzindo, desde essa perspectiva, um sério deslocamento do que, em termos de uma análise, se constitui como seu único fator decisivo, quer seja, a abertura à escuta do saber inconsciente que aí se impõe na singularidade discursiva de cada paciente? Como pretender definir, então, um *mesmo universo de sentido* para os dois *personagens da psicoterapia*, quando o que temos na situação analítica é, por estrutura, uma dissimetria que localiza em posições radicalmente diversas, um sujeito que fala e um outro que aí oferece uma escuta, desempenhando assim cada qual a sua função, independente da classe econômica de cada um deles?

Além disso, atingiríamos também por essa via o terceiro ponto de distorção assinalado anteriormente e que se refere à ilusória constituição de uma “população” única e homogênea de pacientes da “baixa renda”.

É assim que, por exemplo, ao traçar *Considerações Teóricas sobre a Questão do Atendimento Psicológico às Classes Trabalhadoras*, Duarte L.F. e Ropa D. afirmam:

*Toda terapia só é possível se o paciente compartilhar da versão que lhe oferece o “médico” (ou agente de cura). A eficácia simbólica de um determinado sistema depende, portanto, (...) do consenso social criado em torno desta prática.<sup>71</sup>*

Ora, como exigir *consenso social* em torno de uma prática que se funda no um a um de cada caso, particularizada pelo estatuto do *saber* inconsciente

em seu valor de *verdade* para um sujeito? *A psicanálise emerge como discurso nesta dimensão de não-todo. Há impossibilidade de universo. O real faz obstáculo ao universo*<sup>72</sup>, adverte-nos E.Vidal.

Portanto, é mesmo na *impossibilidade de universo*, resto de uma “população” que não se conforma como um todo único e homogêneo de elementos, que a prática psicanalítica se funda e exerce seu ofício no rigor ético que lhe convém. De outro modo, estaríamos resistentemente capturados pelas diferenças da *experiência cultural* e do *universo de sentido* que marcam a distância entre o paciente “pobre” e o analista e que parecem assim validar alterações éticas - e não apenas técnicas - que melhor atendam às demandas da “população de baixa renda”.

Enfim, se o caminho aqui percorrido de modo algum esgota a bibliografia existente sobre o tema, nem tampouco as questões que permanentemente o atravessam, busca reafirmar, ao menos, a importância de que a prática analítica seja conduzida de acordo com os princípios que a fundamentam. Para tanto, é preciso que os ideais de cura e as expectativas de consenso sejam devidamente substituídos pela aposta no possível da intervenção analítica em seus limites e fracassos. Abrir mão do engano da filantropia desinteressada, da ilusão do bem-estar e da obviedade do senso comum correspondem ao preço da tarefa analítica desempenhada em seu rigor.

E é assim que a resposta de Freud a um de seus pacientes que lhe perguntava: *de que modo pretende socorrer-me?*, reafirma-se aqui como uma inequívoca direção de trabalho. Ele considera:

*Não duvido que para o destino seria  
mais fácil do que para mim livrar-te  
de teu padecer. Mas você se*

*convencerá de que é grande o ganho se conseguirmos mudar sua miséria histórica em infortúnio ordinário.*<sup>73</sup>

Ganho esse que aponta aos limites da experiência analítica, confirmados pela enunciação de Lacan:

*Isso supõe, decerto, que a psicanálise, em seu próprio manual de operações, não respeita este ponto cego, essa catarata inventada recentemente, essa praga moral, essa forma de cegueira constituída por uma certa prática do ponto de vista dito sociológico.*<sup>74</sup>

E não estaríamos exatamente contaminados por *essa praga moral* ao tomarmos, em termos do rigor da experiência analítica, o paciente “pobre” no *engano* de sua condição sócio-econômica? Resta aí a *verdade* de uma indagação.

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- 1 FREUD, S. "Dos Artículos de Enciclopedia: 'Psicoanálisis' y 'Teoría de la Libido' (1923[1922]) in: *Op.Cit.* v. XVIII, p.231.
- 2 SANTOS SOUZA, N. "Ética e Clínica Psicanalítica" in: *Ética, Psicanálise e sua Transmissão*, ed. Vozes, Petrópolis, 1996.
- 3 FREUD, S. "Una dificultad del Psicoanálisis (1917[1916]) in: *Op.Cit.*, v. XVII, p.127-135.
- 4 Idem, *ibidem*, p.135.
- 5 FREUD, S. "Nuevos Caminos de la Terapia Psicoanalítica" (1919[1918]) in: *Op.Cit.* v. XVII, p.153-163.
- 6 \_\_\_\_\_. "Trabajos sobre técnica psicoanalítica" (1911-1915[1914]) in: *Op.Cit.*, v. XII, p.77-176.
- 7 \_\_\_\_\_. "Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos Consejos sobre la Técnica del Psicoanálisis I)" in: *Op.Cit.* v. XII, p.123-144.
- 8 Idem, *ibidem*, p.134.
- 9 Idem, *ibidem*, p.134.
- 10 FREUD, S. "Nuevos Caminos de la Terapia Psicoanalítica" (1919[1918]) in: *Op.Cit.* v. XVII, p.162.
- 11 MILLER, J-A. "Patología de la Ética" in: *Lógicas de la Vida Amorosa*, Ediciones Manantial, Buenos Aires, 1991, p.68.
- 12 FREUD, S. "El uso de la Interpretación de los Sueños en el Psicoanálisis" (1911) in: *Op.Cit.* v. XII, p.87.
- 13 LACAN, J. *O Seminário*, livro II: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1987, p.10.
- 14 \_\_\_\_\_. "Función y Campo de la Palabra y del Lenguaje en Psicoanálisis (1953), in: *Op.Cit.*, p.236.
- 15 \_\_\_\_\_. "La Dirección de la Cura y los Principios de su Poder" (1958), in: *Escritos*, Tomo II, Siglo Veintiuno Editores, Madrid, 1995, p.525-626.
- 16 Idem, *ibidem*, p.589.
- 17 SILVESTRE, M. *Amanhã, a Psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991, p.73.
- 18 FREUD, S. "Nuevos Caminos de la Terapia Psicoanalítica" (1919[1918]) in: *Op.Cit.* v. XVII, p.155-163.
- 19 Idem, *ibidem*, p.162.

- 20 Idem, ibidem, p. 163.
- 21 LACAN, J. *O Seminário*, livro VII: A Ética da Psicanálise, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, p. 385.
- 22 \_\_\_\_\_. "La Dirección de la Cura y los Principios de su Poder" (1958), in: *Escritos*, Tomo II, Siglo Veintiuno Editores, Madrid, 1995, p.621.
- 23 \_\_\_\_\_. Idem, ibidem, p. 568.
- 24 \_\_\_\_\_. Idem, ibidem, p. 567.
- 25 FREUD, S. "Consejos al Médico sobre el Tratamiento Psicoanalítico"(1912) in: *Op.Cit.*, v.XII, p.119.
- 26 \_\_\_\_\_. "Sobre la iniciación del tratamiento" (1913) in: *Op.Cit.*, v.XII, p.134.
- 27 \_\_\_\_\_. "Nuevos Caminos de la Terapia Psicoanalítica" (1919[1918]) in: *Op.Cit.* v. XVII, p.162.
- 28 Idem, ibidem, p. 162.
- 29 FREUD, S. "Sobre la iniciación del tratamiento" (1913) in: *Op.Cit.*, v.XII, p.134.
- 30 Idem, ibidem, p. 133.
- 31 LACAN, J. *O Seminário*, livro VII: A Ética da Psicanálise, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, p. 227.
- 32 Idem, ibidem, p. 229.
- 33 FREUD, S. "La Interpretación de los Sueños"(1900[1899]) in: *Obras Completas*, v.V, p.511.
- 34 FREIRE COSTA, J. *Psicanálise e Contexto Cultural*, ed. Campus, Rio de Janeiro, 1992, p. 33.
- 35 Idem, ibidem, p. 32.
- 36 FREUD, S. "La Interpretación de los Sueños" (1900[1899]) in: *Op.Cit.*, v.V, p. 511. Nota de rodapé acrescentada em 1925.
- 37 LACAN, J. *O Seminário* - livro I, "Os Escritos técnicos de Freud", Zahar editor, Rio de Janeiro, 1983, p.45.
- 38 FREUD, J. "Recordar, Repetir y reelaborar"(1914) in: *Op.Cit.*, v.XII, p. 153.
- 39 \_\_\_\_\_. "Sobre la iniciación del tratamiento"(1913) in: *Op.Cit.*, v. XII, p. 140.
- 40 \_\_\_\_\_. "Más allá del principio de placer" (1920) in: *Op.Cit.*, v.XVIII, p.19.
- 41 Idem, ibidem, p. 19.
- 42 COSENTINO, J.C. "La Resistencia al Levantamiento de las Resistencias" in: *Las Resistencias en la Práctica Freudiana*, Ediciones Manantial, Buenos Aires, 1987, p.75.

- 43 FREUD, S. "Recordar, Repetir y reelaborar"(1914) in: *Op.Cit.*, v.XII, P. 145-158.
- 44 \_\_\_\_\_. "Sobre la Dinámica de la Transferencia" in: *Op.Cit.*, v.XII, p. 102.
- 45 LACAN, J. *O Seminário* - livro I, "Os Escritos Técnicos de Freud" (1953-1954), Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 1983, p.40.
- 46 FREUD, S. Conferência 19 - "Resistencia y Represión" (1917[1916-17]) in: *Op.Cit.*, v.XVI, p.265.
- 47 Idem, *Ibidem*, p.266.
- 48 Idem, *ibidem*, p.266.
- 49 FREUD, S. "Más allá del principio de placer" (1920) in: *Op.Cit.*, v.XVIII, p.20.
- 50 COSENTINO, J.C. *Op.Cit.*, p. 81.
- 51 Idem, *ibidem*, p.81.
- 52 FREUD, S. "Más allá del principio de placer" (1920) in: *Op.Cit.*, v.XVIII, p. 21.
- 53 TOLIPAN, E. "Os Paradoxos do Prazer" in: *Pulsão e Gozo*, Publicação da Letra Freudiana - 10/11/12, Dumará, Rio de Janeiro, 1990, p.22.
- 54 VIDAL, E. "A Torção de 1920" in: *Pulsão e Gozo*, Publicação da Letra Freudiana - 10/11/12, Dumará, Rio de Janeiro, 1990, p.29.
- 55 FREUD, S. "Análisis Terminable e Interminable" (1937) in: *Op.Cit.*, v.XXIII, p.224.
- 56 COSENTINO, J.C. *Op.Cit.*, p. 82.
- 57 LACAN, J. *O Seminário* - livro III, "As Psicoses" (1955-1956), Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 1985, p.60.
- 58 \_\_\_\_\_. "Variantes de la Cura-Tipo" (1955) in: *Escritos*, tomo 1, Siglo Veintiuno Editores, Madrid, 1995, p.312.
- 59 KEHL, M.R. "Psicanálise, Ética e Política" in: *Ética, Psicanálise e sua Transmissão*, ed. Vozes, Petrópolis, 1996, p.120.
- 60 FREUD,S. "Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico" (1911) in: *Op.Cit.*, v. XII, p.230.
- 61 FIGUEIREDO,M.C. e SCHVINGER,A.A "Estratégias de atendimento psicológico-institucional a uma população carente" in *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 33 (3), Rio de Janeiro, 1981, p.75.
- 62 NAZAR, J. "O dinheiro numa psicanálise \_ ou como falar da carta roubada" in *Agenda de Psicanálise*, Xenon Editora, Rio de Janeiro, 1989, p.236.
- 63 Idem, *ibidem*, p.237.

- 64 FIGUEIREDO, A.C. *Vastas Confusões e Atendimentos Imperfeitos - A Clínica Psicanalítica no Ambulatório Público*, Editora Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1997, p.108.
- 65 Idem, *ibidem*, p.108.
- 66 BEZERRA JÚNIOR, B. "Considerações sobre Terapêuticas Ambulatoriais em Saúde Mental" in *Cidadania e Loucura: Políticas de Saúde Mental no Brasil*, Editora Vozes, Petrópolis, 1994, p.158.
- 67 Idem, *ibidem*, p.158.
- 68 FREIRE COSTA, J. *Psicanálise e Contexto Cultural*, Editora Campus, 1989, Rio de Janeiro, p.2.
- 69 Idem, *ibidem*, p.31.
- 70 Idem, *ibidem*, p.31.
- 71 DUARTE, L.F. e ROPA, D. "Considerações teóricas sobre a questão do atendimento psicológico às classes trabalhadoras" in: *Cultura da Psicanálise*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1985, p.184.
- 72 VIDAL, E. "Encerramento das Jornadas" in: *Die Verneinung - A Negação*, Publicação da Letra Freudiana - 5, Taurus-Timbre Editores, Rio de Janeiro, 1989, p.115.
- 73- FREUD, S. "Estudios sobre la histeria (Breuer y Freud)" (1893-95) in: *Op.Cit.*, v.II, p.309.
- 74- LACAN, J. *O Seminário - livro 8, "A Transferência" (1960-1961)*, Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 1992, p.14.

## CONCLUSÃO

Do limite necessário à escrita de uma experiência, o tempo de concluir dessa tese, então, se produziu, confirmando, por um lado, a relevância das discussões teórico-clínicas que ao longo desse percurso se fizeram presentes bem como apontando, por outro lado, ao resto de questões que poderiam ser ainda abordadas. Assim mesmo, era preciso concluir, topando abrir mão de passar à escrita, o relato integral das sutilezas e surpresas do cotidiano da prática analítica. O que aqui ficou “de fora” nos servirá, a partir de agora, como ponto de partida de um outro tempo de nossas indagações, indicando em seu horizonte de trabalho, além dos avanços que possam ser conquistados em termos conceituais, um sempre novo recomeçar no início de cada análise.

Reafirma-se, com isso, o valor de subversão instaurado pelo ato analítico que, da obviedade do senso comum ao particular da *verdade* de cada sujeito, sustenta o novo como direção.

E foi mesmo da aposta em escutar *de novo* a “população de baixa renda” que esse trabalho surgiu e se manteve, propondo-se a retornar aos rigorosos parâmetros da experiência analítica para daí resgatar o que foi sendo degradado em termos dos princípios éticos de sua prática, em especial no que se refere ao paciente “pobre”.

“Pobre”. De quê? revelava-se, assim, como uma aparentemente óbvia indagação, acabando por nos remeter ao termo freudiano de *miséria neurótica*.

Tal termo, na direção de sustentar uma escuta analítica da miséria a faz corresponder à posição discursiva do sujeito, de modo algum resumida aos impasses de sua condição sócio-econômica.

Indicativa, assim, do alto preço pago pelo sujeito na manutenção de seus sintomas, a miséria tomada em seu valor de *verdade* em uma análise, vem mesmo a interrogar o destino pré-determinado do paciente “pobre”, aprisionado ao *engano* de uma “população”.

*Do Engano como Resposta à Verdade como Questão* define-se, então, como uma direção de trabalho que tem como sua marca diferencial, o rigor na escuta da singularidade do sujeito, singularidade essa, absolutamente irreduzível à unidade de uma “população” nem abordável por qualquer empenho filantrópico.

Certamente, os desvios que de tal direção se verificam em termos da prática analítica, podem ser tomados na ordem do que é da resistência do analista em sua mais miserável conjugação à resistência do paciente neurótico, tendo como efeito, uma prática completamente distorcida do radical de sua originalidade. Desde aí, técnicas que melhor se adequem ao atendimento do “pobre” passam a ser validadas enquanto opções mais convenientes do que o tratamento analítico, caro e longo, para “esses pacientes”. Alterações técnicas, efeitos éticos.

Mas, se, como afirmava Freud em *Análisis Terminable e Interminable*, o *vínculo analítico se funda no amor pela verdade, quer dizer, no reconhecimento da realidade objetiva, e exclui toda ilusão e todo engano*, é mesmo na subversão de tal situação de empobrecimento e desvio que reside a

aposta do ato analítico. Pois, se para o neurótico, um nada querer saber sobre a *verdade* de seu sintoma encontra-se, então, instaurado, o analista no desempenho de sua função ama a *verdade* e sobre esta faz recair seu *saber*.

Não poderíamos fazer assim corresponder o *amor à verdade* com o nome freudiano para o desejo do analista? Desejo esse que, em sua afirmação, sustenta a aposta no trabalho sob transferência como uma via de reposicionamento possível do sujeito frente a sua miserável condição neurótica. Mas esse já é o começo de um novo tempo de indagações.

## **BIBLIOGRAFIA**

AFLALO, A. "La Science avec la Psychanalyse" in: *Revue de l'École de la Cause Freudienne*, 21, ECF, Mai 1992.

BEZERRA JUNIOR, B. "Considerações sobre Terapêuticas Ambulatoriais em Saúde Mental" in *Cidadania e Loucura: Políticas de Saúde Mental no Brasil*, Editora Vozes, Petrópolis, 1994.

BIRMAN, J. "Uma Dívida Impagável" in *Neurose Obsessiva*, Letter, Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Objeto na Teoria e na Prática Psicanalítica*, Campus, Rio de Janeiro, 1984.

CASTELO BRANCO, G. e TORRES PÁDUA (org.) *Saber, Verdade e Impasse*, Rio de Janeiro, Nau, 1995.

COPI, I.M. *Introducción a la logica*, Editorial Universitario de Buenos Aires, Buenos Aires, 1994.

COSENTINO, J.C. "La Resistencia al Levantamiento de las Resistencias" in: *Las Resistencias en la Practica Freudiana*, Ediciones Manantial, Buenos Aires, 1987.

\_\_\_\_\_. "A Concepção do Sintoma em Diferentes Momentos da Obra Freudiana" in *Do Sintoma...ao Sinthoma*, Publicação 17/18 da Letra Freudiana, Revinter, Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_. "La Evolución del Concepto del Yo y sus Consecuencias" in *Las Resistencias en la Practica Freudiana*, Ediciones Manantial, Buenos Aires, 1987.

DÖR, J. *Estruturas e Clínica Psicanalítica*, Taurus-Timbre, Rio de Janeiro, 1991.

DUARTE, L.F. e ROPA, D. "Considerações Teóricas sobre a Questão do Atendimento Psicológico às Classes Trabalhadoras" in *Cultura da Psicanálise*, Brasiliense, São Paulo, 1995.

DURAS, M. *Escrever*, Rocco, Rio de Janeiro, 1994.

DUQUE ESTRADA, D. "Em se tratando de Psicanálise" in *Saber, Verdade e Impasse*, Nova Editora, Rio de Janeiro, 1995.

FIGUEIREDO, A.C. "Vastas Confusões e Atendimentos Imperfeitos" \_ A Clínica Psicanalítica no Ambulatório Público, Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1997.

FIGUEIREDO, M.C e SCHVINGER, A.A "Estratégias de atendimento psicológico-institucional a uma população carente" in *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 33, Rio de Janeiro, 1984.

FIGUEIRA, S. (org.) "Cultura da Psicanálise, Brasiliense, São Paulo, 1985.

FLEIG, M. (org.) "Psicanálise e Sintoma Social", Unisinos, Rio Grande do Sul, 1997.

FREIRE COSTA, J. "Psicanálise e Contexto Cultural", Campus, Rio de Janeiro, 1987.

FREUD, S. Obras Completas, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1992.

\_\_\_\_\_. "Las Neuropsicosis de Defensa" (1894), v.III.

\_\_\_\_\_. "La Interpretación de los Sueños" (1900[1899]), v. IV e V.

\_\_\_\_\_. "Fragmento de Análisis de un caso de Histeria" (1905[1901]), v. VII.

\_\_\_\_\_. "Sobre Psicoterapia" (1905[1904]), v. VII.

\_\_\_\_\_. "El Esclarecimiento Sexual del Niño" (1907), v.IX.

\_\_\_\_\_. "Sobre las Teorias Sexuales Infantiles" (1908), v.IX.

\_\_\_\_\_. "El Creador Literario y el Fantaseo" (1908[1907]), v.IX.

\_\_\_\_\_. "El Uso de la Interpretación de los Sueños en el Psicoanálisis" (1911), v.XII.

\_\_\_\_\_. "Formulaciones sobre los principios del acaecer psíquico" (1911), v. XII.

\_\_\_\_\_. "Consejos al Médico sobre el Tratamiento Psicoanalítico" (1912), v.XII.

\_\_\_\_\_. "Sobre la Dinamica de la Trasferencia" (1912), v.XII.

\_\_\_\_\_. “Sobre la Iniciación del Tratamiento” - Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis I” (1913), v.XII.

\_\_\_\_\_. “Recordar, Repetir y Reelaborar” - Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis III (1915[1914]), v. XII.

\_\_\_\_\_. “Puntualizaciones sobre el Amor de Tránsito - Nuevos Consejos sobre la Técnica del Psicoanálisis (1914), v.XII.

\_\_\_\_\_. “Introducción del Narcisismo” (1914), v.XIV.

\_\_\_\_\_. “La Transitoriedad” (1916[1915]), v.XIV.

\_\_\_\_\_. “Duelo y Melancolía” (1917[1915]), v.XIV.

\_\_\_\_\_. “Una Dificultad del Psicoanálisis” (1917[1916]), v. XVII.

\_\_\_\_\_. “Conferencias de Introducción al Psicoanálisis” (1917[1916]), v.XVI:

\_\_\_\_\_. Conferencia 17: “El Sentido de los Síntomas”.

\_\_\_\_\_. Conferencia 19: “Resistencia e Represión”

\_\_\_\_\_. Conferencia 23: “Los caminos de la formación del síntoma”

\_\_\_\_\_. Conferencia 24: “El estado neurótico común”.

\_\_\_\_\_. Conferencia 29: “Revisión de la doctrina de los sueños”, v.XXII.

\_\_\_\_\_. “Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica” (1919[1918]), v.XVII.

\_\_\_\_\_. “Más allá del principio del placer” (1920), v.XVIII.

\_\_\_\_\_. “Dos Artículos de Enciclopedia: Psicoanálisis y Teoría de la Libido” (1923[1922]), v.XVIII.

\_\_\_\_\_. “El Yo y el Ello” (1923), v.XIX.

\_\_\_\_\_. “La Pérdida de Realidad en la Neurosis y la Psicosis” (1924), v.XIX.

\_\_\_\_\_. “A Negação” (1925) in Die Verneinung - Publicação 5 da Letra Freudiana, Taurus-Timbre, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. “Inhibición, Síntoma y Angustia” (1926[1925]), v.XX.

\_\_\_\_\_. "Algunas notas adicionales a la Interpretación de los Sueños en su conjunto" (1925), v.XIX.

\_\_\_\_\_. "El Porvenir de una Ilusión" (1927), v.XXI.

\_\_\_\_\_. "El Malestar en la Cultura" (1930[1929]), v.XXI.

\_\_\_\_\_. "Nuevas Conferencias de Introducción al Psicoanálisis" (1933[1932]), v.XXII.

\_\_\_\_\_. "Conferencia 31 La Decomposición de la Personalidad Psíquica".

\_\_\_\_\_. "Conferencia 34 "Esclarecimientos, Aplicaciones, Orientaciones".

\_\_\_\_\_. "Construcciones en el Análisis" (1937), v.XXIII.

\_\_\_\_\_. "Análisis Terminable e Interminable" (1937), v.XXIII.

\_\_\_\_\_. "Moisés y la Religión Monoteísta" (1939[1934-38]), v.XXIII.

\_\_\_\_\_. "La Escisión del Yo en el Proceso Defensivo" (1940[1938]), v.XXIII.

GODINO CABAS, A. "Do Gozo da Palavra", Conferência proferida no *Colóquio Psicanálise e Linguagem* promovido pelo Mestrado em Teoria Psicanalítica, UFRJ, 1988.

KEHL, M.R. "Psicanálise, Ética e Política" in *Ética, Psicanálise e sua Transmissão*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1996.

LACAN, J. "O Seminário - Livro I: Os Escritos Técnicos de Freud" (1954-1955), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1979.

\_\_\_\_\_. "O Seminário - Livro II: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise (1954-1955), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1987.

\_\_\_\_\_. "O Seminário - Livro III: As Psicoses" (1955-1956), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.

\_\_\_\_\_. "O Seminário - Livro IV: A Relação de Objeto" (1956-1957), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1995.

\_\_\_\_\_. "O Seminário - Livro VII: A Ética da Psicanálise" (1959-1960), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. "O Seminário - Livro VIII: A Transferência (1960-1961), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. "O Seminário - Livro XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise" (1964), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.

\_\_\_\_\_. "O Saber do Analista" (1971), seminário não publicado.

\_\_\_\_\_. "O Seminário - Livro XVII: O Averso da Psicanálise" 1969-1970), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. Escritos Tomo I e II, Siglo Veintiuno Editores, Madrid, 1995.

\_\_\_\_\_. "Función y Campo de la Palabra y del Lenguaje en Psicoanálisis" (1952) in *Op.Cit.*, Tomo I.

\_\_\_\_\_. "La Dirección de la Cura y los Principios de su Poder" (1958) in *Op.Cit.*, Tomo II.

\_\_\_\_\_. "Subversión del Sujeto y Dialéctica del Deseo en el Inconciente Freudiano" (1960) in *Op.Cit.*, Tomo II.

\_\_\_\_\_. "La Ciencia y la Verdad" (1966) in *Op.Cit.*, Tomo II.

\_\_\_\_\_. "La Cosa Freudiana o o Sentido del Retorno a Freud en Psicoanálisis" (1955) in *Op.Cit.*, Tomo II.

\_\_\_\_\_. Televisão (1973), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.

\_\_\_\_\_. "Nota Italiana" (1973) in *Documentos para uma Escola II*, Publicação 0' da Letra Freudiana, Folha Carioca Editora, Rio de Janeiro, 1995.

\_\_\_\_\_. "O Ato Psicanalítico" (1967-1968), seminário não publicado.

\_\_\_\_\_. "Apertura de la Sección Clínica" in *La Clínica Psicoanalítica*, Editora Altazor, Buenos Aires, 1995.

\_\_\_\_\_. "La Equivocación del Sujeto Supuesto al Saber" (1967) in *Momentos Cruciales de la Experiencia Analítica*, Manantial, Buenos Aires, 1987.

LAURENT, E. "Versões da Clínica Psicanalítica", Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1995.

\_\_\_\_\_. "Lacan y los Discursos", Manantial, Buenos Aires, 1992.

LIMA VAZ, N. "Lacan e a Subversão do Sujeito" in *Sujeito e Linguagem*, Publicação 22 da Letra Freudiana, Revinter, Rio de Janeiro, 1997.

MARISCAL, D. "S2: Função da Verdade" in *Pulsão e Gozo*, Publicação 10/11/12 da Letra Freudiana, Rio de Janeiro, 1990.

MARTIN, P. "Argent et Psychanalyse", Navarin, Paris, 1984.

MILLER, J.A. "Sobre O Transfinito - Em Direção a um Novo Significante" in *Opção Lacaniana*, 6, 1993.

\_\_\_\_\_. "Patología de la Ética" in *Lógicas de la Vida Amorosa*, Manantial, Buenos Aires, 1991.

NAZAR, J. "O dinheiro numa Psicanálise - ou como falar da carta roubada" in *Agenda de Psicanálise*, Xenon, Rio de Janeiro, 1989.

NOBRE, L. Sobre Saúde in *Boletim da Comissão Saúde Primária da ABENEPI-RJ*, 1, Rio de Janeiro, 1994.

POMMIER, G. "Freud Apolítico?", Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.

QUINET, A. "As 4#1 Condições da Análise", Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. "A Transmissão da Psicanálise e a Causa Analítica" in *Ética, Psicanálise e sua Transmissão*, Vozes, Petrópolis, 1996.

RABINOVICH, D. "La Teoría del Yo en la Obra de Jacques Lacan", Manantial, Buenos Aires, 1984.

RUDGE, A. M. "O Psicanalista e a Sabedoria do Ato" in *Ética, Psicanálise e sua Transmissão*, *Op.Cit.*

SANTOS SOUZA, N. "Ética e Clínica Psicanalítica" in *Ética, Psicanálise e sua Transmissão*, *Op.Cit.*

\_\_\_\_\_. et alli. *A Ciência e a Verdade - Um Comentário*, Revinter, Rio de Janeiro, 1996.

SILVESTRE, M. "Amanhã, a Psicanálise", Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.

SINGER, P. et alli. "Prevenir e Curar: O Controle Social através dos serviços da saúde", Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1987.

SKIRIABINE, P. "La Verité de A à a" in *Le Vrai, le Faux et le Reste*, Revue de Psychanalyse, 28, Navarin, 1992.

SOLER, C. "Acerca del Sueño" in *Finales de Análisis*, Manantial, Buenos Aires, 1993.

TOLIPAN, E. "Os Paradoxos do Prazer" in *Pulsão e Gozo*, Publicação 10/11/12 da Letra Freudiana, *Op.Cit.*

VIDAL, E. "Saber e Limite" in *Do Pai: O Limite em Psicanálise*, Publicação 21 da Letra Freudiana, *Op.Cit.*

\_\_\_\_\_. "No Início era o Ato" in *O Ato Psicanalítico*, Publicação 16 da Letra Freudiana, *Op.Cit.*, 1996.

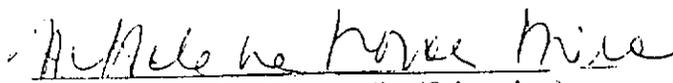
\_\_\_\_\_. "Comentários sobre *Die Verneinung*" in *A Negação*, Publicação 5 da Letra Freudiana, *Op.Cit.*

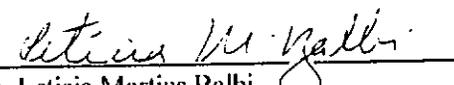
\_\_\_\_\_. "A Torção de 1920" in *Pulsão e Gozo*, Publicação 10/11/12 da Letra Freudiana, *Op.Cit.*

VIEGAS DOS SANTOS, L. A. *Psicanálise de Brasileiro*, Taurus, Rio de Janeiro, 1997.

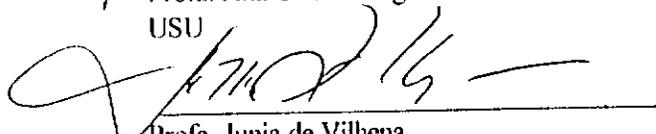
VITAL BRAZIL, C. "O Jogo e a Constituição do Sujeito na Dialética Social", Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1988.

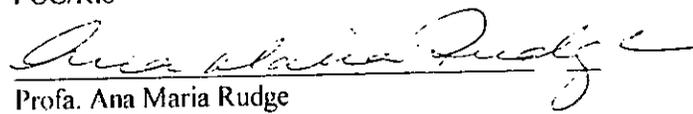
Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Leticia Beatriz de Souza Nobre, intitulada "Do engano como resposta à verdade como questão: A experiência analítica em seu vigor", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:

  
Profª. Maria Helena Novaes Mira (Orientadora)  
PUC-Rio

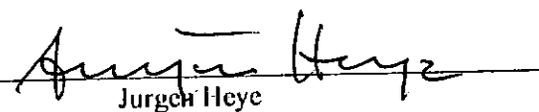
  
Profª. Leticia Martins Balbi  
UFF

  
Profª. Ana Cristina Figueiredo  
USU

  
Profª. Junia de Vilhena  
PUC/Rio

  
Profª. Ana Maria Rudge  
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, 30/10/98.

  
Jürgen Heye  
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas